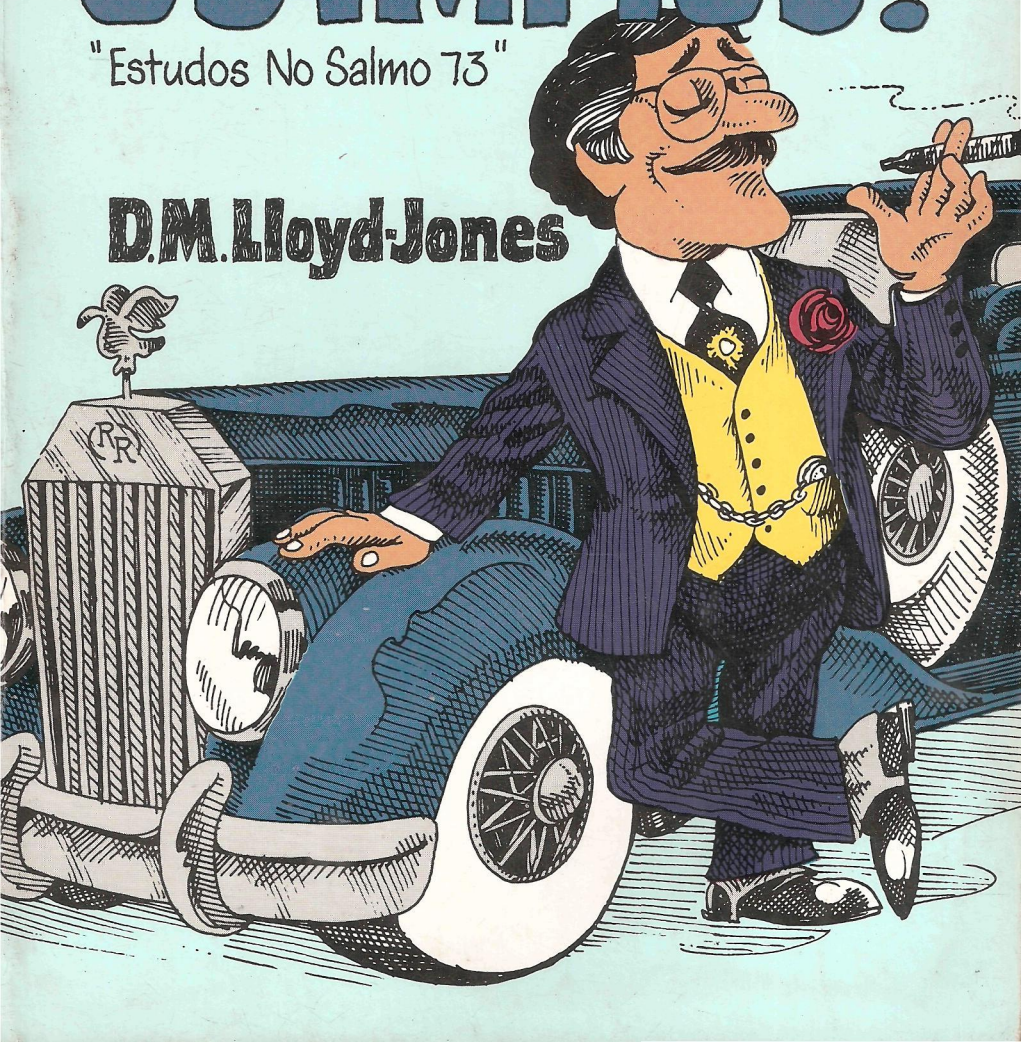
POR QUE PROSPERAM OS ÍMPIOS?

"Estudos No Salmo 73"

D.M. Lloyd-Jones



POR QUE PROSPERAM OS ÍMPIOS?

Por que a sociedade opulenta ao nosso redor parece passar tão bem sem Deus? Num mundo que parece tão rico, tão bem sucedido, como é que Deus permite o cristão conhecer provas, tentações e angústias? Como pode o cristão achar lugar seguro no caminho escorregadio, cheio de dúvida e desespero?

Estes não são problemas novos. Eles foram experimentados intensamente pelo autor do Salmo 73. Neste livro temos o testemunho de um homem que honesta e realisticamente encarou os seus temores e dúvidas, que chamou a Deus e achou a resposta que o conduziu do desespero a uma fé renovada.

Dr. Martyn Lloyd-Jones, ministro de Westminster Chapel, Londres, guia o leitor através da mesma experiência. Ele escreve com profunda preocupação pelos problemas do viver cristão nos dias de hoje. Ele não oferece apenas uma série de chavões balofos. Nem apresenta este Salmo meramente como uma forma de escape emocional. Analisando-o cuidadosamente, ele mostra em termos definitivos e práticos como um homem chegou a uma nova compreensão dos caminhos de Deus, e a uma fé revigorada nEle.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116, 3.º andar, sala 16
Caixa Postal 1287 — 01051 — São Paulo — SP

D. MARTYN LLOYD-JONES

POR QUE PROSPERAM OS ÍMPIOS?

(ESTUDOS NO SALMO 73)

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 São Paulo – SP

Título Original:
Faith on Trial

Primeira Edição:
Setembro 1965

© The Inter-Varsity Fellowship

Tradução do original por:
Odayr Olivetti

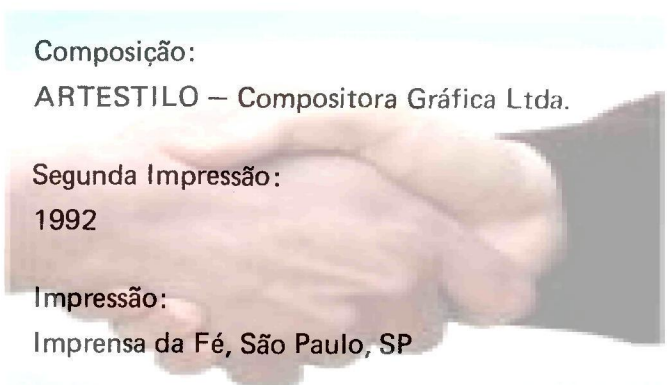
Capa:
Lawrence Evans

Primeira Edição em Português:
1983

Composição:
ARTESTILO – Compositora Gráfica Ltda.

Segunda Impressão:
1992

Impressão:
Imprensa da Fé, São Paulo, SP



MAZINHO RODRIGUES

ÍNDICE

1. O PROBLEMA EXPOSTO 8
2. TOMANDO PÉ 22
3. A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO ESPIRITUAL 33
4. ENCARANDO TODOS OS FATOS 47
5. COMEÇANDO A COMPREENDER 60
6. EXAMINANDO-SE A SI MESMO 73
7. ALERGIA ESPIRITUAL 85
8. "TODAVIA" 98
9. A PERSEVERANÇA FINAL DOS SANTOS . 109
10. A ROCHA DOS SÉCULOS 121
11. A NOVA RESOLUÇÃO 133

PREFÁCIO

O Salmo 73 trata de um problema que muitas vezes tem deixado o povo de Deus perplexo e desanimado. É um problema duplo — Por que os justos têm que sofrer freqüentemente, ainda mais em vista do fato de que os ímpios freqüentemente parecem ser mais prósperos?

O salmo é uma exposição clássica da maneira como a Bíblia trata desse problema. O salmista relata a sua experiência pessoal, expõe a sua alma à nossa contemplação da maneira mais dramática, e nos leva passo a passo do quase-desespero ao triunfo e à segurança finais. É ao mesmo tempo uma grandiosa teodicéia. Por estas razões, sempre apelou para os pregadores e para os guias e conselheiros espirituais.

O preparo e a pregação dos seguintes sermões, expondo este rico ensino em sucessivas manhãs dominicais, foi-me um trabalho de amor e uma verdadeira alegria. O sermão intitulado, "Todavia", na série, foi empregado por Deus para levar alívio imediato e grande alegria a um homem que estava em grande agonia de alma e quase a ponto de romper-se. Viajara uns dez mil quilômetros e tinha chegado a Londres exatamente no dia anterior. Ele estava convencido, e ainda está, de que Deus, em Sua infinita graça, o trouxera toda aquela distância para ouvir aquele sermão.

Queira Deus que aquele sermão e os outros se evidenciem como uma "porta de esperança" para muitos cujos pés "quase... desviaram" e cujos passos "pouco faltou para que escorregassem".

D. M. Lloyd-Jones

Westminster Chapel
Maio de 1965.

SALMO 73

1. Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração.

2. Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos.

3. Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios.

4. Porque não há apertos na sua morte, mas firme está a sua força.

5. Não se acham em trabalhos como outra gente, nem são afligidos como outros homens.

6. Pelo que a soberba os cerca como um colar; vestem-se de violência como de um adorno.

7. Os olhos deles estão inchados de gordura; superabundam as imaginações do seu coração.

8. São corrompidos e tratam maliciosamente de opressão; falam arrogantemente.

9. Erguem a sua boca contra os céus, e a sua língua percorre a terra.

10. Pelo que o seu povo volta aqui, e águas de copo cheio se lhes espremem.

11. E dizem: Como o sabe Deus? ou há conhecimento no Altíssimo?

12. Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas.

13. Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência.

14. Pois todo o dia tenho sido afligido, e castigado cada manhã.

15. Se eu dissesse: Também falarei assim; eis que ofenderia a geração de teus filhos.

16. Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado;

17. Até que entrei no santuário de Deus; então entendi eu o fim deles.

18. Certamente tu os puseste em lugares escorregadios, tu os lanças em destruição.

19. Como caem na desolação, quase num momento! ficam totalmente consumidos de terrores.

20. Como faz com um sonho, o que acorda, assim, ó Senhor, quando acordares, desprezarás a aparência deles.

21. Assim o meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins.

22. Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti.

23. Todavia estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela minha mão direita.

24. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás em glória.

25. A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti.

26. A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre.

27. Pois eis que os que se alongam de ti, perecerão; tu tens destruído todos aqueles que, apostatando, se desviam de ti.

28. Mas para mim, bom é aproximar-me de Deus; pus a minha confiança no Senhor Deus, para anunciar todas as suas obras.

1

O PROBLEMA EXPOSTO

Verdadeiramente bom é Deus para com Israel,
para com os limpos de coração.
Quanto a mim, os meus pés
quase que se desviaram;
pouco faltou para que escorregassem os
meus passos. (vs. 1-2)

O grande valor do livro dos Salmos está em que nele temos homens justos expondo a sua experiência e nos dando um relato de coisas que lhes sucederam em sua vida e luta espiritual. Através de toda a história, pois, o Livro dos Salmos tem sido de grande valor para o povo de Deus. Vez após vez lhe dá a espécie de consolo e ensino de que necessita e que não pode achar em nenhum outro lugar. E bem pode ser, se se permite especular sobre tal coisa, que o Espírito Santo haja levado a Igreja Primitiva a adotar os escritos do Velho Testamento em parte por esta razão. O que vemos do princípio ao fim na Bíblia é a narrativa dos procedimentos de Deus para com o Seu povo. Ele é o mesmo Deus no Velho Testamento como no Novo; e estes santos do Velho Testamento eram cidadãos do reino de Deus como nós. Fomos introduzidos num reino que já contém pessoas tais como Abraão, Isaque e Jacó. O mistério que foi revelado aos apóstolos era que os gentios seriam co-herdeiros e cidadãos do reino com os judeus.

Portanto, é certo considerar as experiências dessas pessoas como sendo paralelas exatas das nossas. O fato de que viviam na velha dispensação não faz diferença. Há algo errado

com um cristianismo que rejeita o Velho Testamento, ou ainda com um cristianismo que imagina que somos essencialmente diferentes dos santos do Velho Testamento. Se algum de vocês estiver tentado a pensar assim, gostaria de convidá-lo a ler o Livro dos Salmos e, depois, a perguntar a si próprio se pode dizer sinceramente, da sua experiência, algumas das coisas que o salmista disse. Você pode dizer, "Se meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá"? Você pode dizer, "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma"? Leia os Salmos e as afirmações neles feitas, e creio que concordará que esses homens eram filhos de Deus com grande e rica experiência espiritual. Por esta razão, tem sido costume na igreja cristã, desde o início, homens e mulheres virem ao Livro dos Salmos em busca de luz, conhecimento e instrução.

Seu valor especial e beneficente jaz no fato de que coloca o seu ensino principalmente na forma de narração de experiências. Temos exatamente o mesmo ensino no Novo Testamento, só que ali ele é dado de modo mais didático. Aqui ele parece descer ao nosso nível comum e prático. Ora, todos nós estamos familiarizados com o valor disto. Há ocasiões em que a alma está fatigada, quando nos sentimos incapazes de receber aquela instrução mais direta; estamos tão aborrecidos, e as nossas mentes tão cansadas, e os nossos corações podem estar tão magoados que, de certo modo, não podemos fazer o esforço de concentrar-nos em princípios e olhar para as coisas objetivamente. É numa ocasião dessas, e particularmente numa ocasião assim, e para que as pessoas recebam a verdade desta maneira mais pessoal, que os que acham que a vida os tem tratado cruelmente — esmurrados e espancados pelas ondas e vagalhões da vida — buscam os Salmos. Leram as experiências de alguns desses homens, e viram que eles também passaram por algo semelhante. E de algum modo esse fato, em si e por si, ajuda-os e os fortalece. Sentem que não estão sós, e que o que lhes está sucedendo não é incomum. Começam a perceber a verdade das consoladoras palavras de Paulo aos coríntios, "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana", e só essa percepção já os capacita a encorajar-se e a renovar-se na fé. O Livro dos Salmos é de inestimável valor neste aspecto, e vemos as pessoas voltando-se constantemente para ele.

Há muitas características, acerca dos Salmos, que poderiam deter-nos. O que desejo mencionar de modo especial é a notável honestidade com que esses homens não hesitam em falar a verdade a respeito de si mesmos. Temos disso um grande e clássico exemplo aqui no Salmo setenta e três. Este homem admite com muita franqueza que, quanto a ele, os seus pés quase resvalaram, e por pouco não se desviaram os seus passos. E continuando, diz ele que era como um animal diante de Deus, tão tolo e tão ignorante. Quanta honestidade! Esse é o grande valor dos Salmos. Não conheço nada mais desencorajador na vida espiritual do que encontrar o tipo de pessoa que parece dar a impressão de que ele ou ela está sempre andando no topo da montanha. Certamente a verdade não é essa na Bíblia. Diz-nos a Bíblia que estes homens sabiam o que é ser derrubado ao chão e estar em aflição e em dolorosas dificuldades. Muitos santos, enquanto peregrinos, têm dado graças a Deus pela integridade dos escritores dos Salmos. Eles não apresentavam apenas um ensino ideal que não fosse verdadeiro em suas vidas. Os ensinos perfeccionistas nunca são verdadeiros. Não são verdadeiros quanto à experiência das pessoas que os propagam, pois sabemos que elas são criaturas falíveis como o restante de nós. Propõem o seu ensino teoricamente, mas este não é próprio da experiência delas. Graças a Deus, os salmistas não fazem isso. Eles nos dizem a pura verdade a seu próprio respeito; dizem-nos a pura verdade acerca do que aconteceu com eles.

Ora, o motivo por que agem assim não é exibir-se. A confissão de pecado pode ser uma forma de exibicionismo. Há algumas pessoas muito dispostas a confessar os seus pecados, contanto que possam falar de si mesmas. É um perigo bem sutil. O salmista não age assim; ele nos fala a verdade a seu respeito porque deseja glorificar a Deus. Sua sinceridade é ditada por isso, pois é quando mostra o contraste entre si e Deus que ele presta serviço à glória de Deus.

É isso que este homem faz aqui. Observe-se que ele começa com uma grandiosa nota triunfante, "Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração", como que dizendo, "Agora vou contar-lhes uma estória; vou contar-lhes o que me aconteceu; mas o que quero deixar com

vocês é precisamente isto — a bondade de Deus". Isto fica particularmente claro se se tomar outra tradução provavelmente melhor, "Deus é sempre bom para com Israel, para com os de coração limpo". Deus nunca muda. Não há absolutamente nenhuma limitação, nenhuma restrição. "Esta é a minha proposição", diz este homem, "Deus é sempre bom para com Israel." A maioria dos Salmos começa com alguma grande exclamação de louvor e gratidão como essa.

Demais, como se demonstrou muitas vezes, os Salmos geralmente começam com uma conclusão. Isto soa paradoxal, mas não estou tentando ser paradoxal; é a verdade. Este homem tivera uma experiência. Passou por ela e chegou a este ponto. Agora, o importante para ele é que havia chegado ali. Assim, ele começa com o fim; e depois se põe a contar-nos como chegou ali. Esta é uma boa maneira de ensinar; e é sempre o método dos Salmos. O valor da experiência é que é uma ilustração desta verdade particular. Não é de interesse em si e por si, e o salmista não está interessado nela como experiência *qua* (como) experiência. Mas é uma ilustração desta grande verdade acerca de Deus, e nisso está o seu valor.

O importante é que todos nós deveríamos captar este grande item que ele está elaborando, a saber, que Deus é sempre bom para com o Seu povo, para com os de coração limpo. Essa é a proposição; mas o que nos prenderá, enquanto estudamos este Salmo em particular, é o método, o modo pelo qual este homem chega a essa conclusão. O que ele tem para nos dizer pode se resumir mais ou menos assim: Ele partiu desta proposição em sua experiência religiosa; depois se desviou; em seguida retornou. É porque analisam tais experiências que atribuímos aos Salmos tão grande valor. Todos sabemos algo acerca do mesmo tipo de experiência em nossas próprias vidas. Começamos no lugar certo; depois alguma coisa sai errado, e parece que de alguma forma estamos perdendo tudo. O problema é como voltar. O que este homem faz é mostrar-nos como chegar de volta ao lugar onde a alma encontra o seu verdadeiro equilíbrio.

Este Salmo é somente uma ilustração. Você pode encontrar muitos outros que fazem exatamente a mesma coisa. Tome, por exemplo, o Salmo 43, onde se vê o salmista numa condição similar. Ele se dirige a si próprio, e diz, "Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro em

mim?" Ele fala consigo mesmo, dirige-se à sua alma. Pois bem, é justamente isso que ele está fazendo no Salmo 73, só que aqui é desenvolvido e nos é apresentado de modo impressionante.

Este homem nos fala de uma experiência particular pela qual passara. Fala-nos que ele estava por demais abaldo, e que esteve bem perto de cair. Qual a causa do seu problema? Simplesmente que ele não compreendia o procedimento de Deus concernente a ele. Ele tomara ciência de um fato doloroso. Eis aí ele vivendo uma vida piedosa; estava limpando o seu coração, diz-nos ele, e lavava as suas mãos na inocência. Noutras palavras, ele estava praticando a vida piedosa. Evitava o pecado; meditava nas coisas de Deus; passava tempo em oração a Deus; tinha o hábito de examinar a sua vida, e sempre que se via em pecado, confessava-o com tristeza a Deus, e procurava perdão e restauração. Devotava-se a uma vida que fosse agradável à vista de Deus. Tomava cuidado com o mundo e seus efeitos corruptores; apartava-se dos maus caminhos e se entregava a viver a vida piedosa. Contudo, apesar de estar fazendo isso tudo, estava tendo uma enormidade de problema; "de contínuo sou afligido, e cada manhã castigado". Ele estava atravessando um tempo duro e difícil. Ele não nos diz exatamente o que estava acontecendo; pode ter sido maldade, doença, problema na família. O que quer que fosse, era doloroso e nocivo; ele estava sendo provado, e provado mui dolorosamente. De fato, tudo parecia estar indo mal, e nada parecia estar indo bem.

Ora, isso era em si mesmo bastante ruim. Mas não era o que realmente o perturbava e o afligia. O problema real era que quando ele olhava para os ímpios via um chocante contraste. "Estes homens", dizia, "todos sabemos que são ímpios — é mais que claro para toda gente que eles são ímpios. Mas prosperam no mundo, suas riquezas aumentam, não há choro nem luto por sua morte, mas a sua força é firme, não têm problemas como os outros homens." Ele dá esta descrição deles — sua arrogância, dolo e blasfêmia. Dá-nos o mais perfeito quadro em toda a literatura, do assim chamado homem de sucesso do mundo. Ele descreve a sua postura, a sua aparência arrogante, com os seus olhos inchados de gordura, e o seu orgulho envolvendo-o como uma corrente, um colar. "A violência ... os envolve como manto", diz ele, "eles têm

mais do que o coração poderia desejar" (*apud* Versão Autorizada do Rei Tiago), "falam com altivez" — que descrição perfeita!

Ademais, isso não é verdade apenas com relação ao povo que vivia no tempo do salmista, mas se vê a mesma espécie de gente hoje. Fazem afirmações blasfemas acerca de Deus. Dizem: "Como sabe Deus? Acaso há conhecimento no Altíssimo?" Você fala do seu Deus, dizem eles; não cremos no seu Deus e, contudo, olhe para nós. Nada vai mal conosco. Mas você, que é tão religioso, veja as coisas que lhe acontecem! Pois bem, foi isso que causou dor e aflição ao salmista. Ele cria que Deus é santo, justo e verdadeiro. Aquele que intervém a favor do Seu povo e o cerca de amoroso cuidado e de promessas maravilhosas. Seu problema era como conciliar isso tudo com o que lhe estava acontecendo, e ainda mais, com o que estava acontecendo com os injustos.

Este Salmo é uma clássica exposição deste problema particular — os procedimentos de Deus com relação ao homem, e especialmente os procedimentos de Deus com relação a Seu povo. Era isso que deixava perplexo o salmista, quando contrastava a sua sorte com a dos ímpios. E ele nos conta a sua reação a isso tudo.

Agora, contentemo-nos por enquanto em extrair de tudo isto lições gerais, mas muito importantes. O primeiro comentário que devemos fazer é que, à luz desta espécie de situação, aquela perplexidade não é surpreendente. Isto, eu diria, é um princípio fundamental, pois estamos lidando com os caminhos do Onipotente Deus, e com bastante freqüência Ele nos falou em Seu Livro: 'Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos". Metade do problema surge do fato de que não percebemos que esta é a posição básica da qual sempre devemos partir. Creio que muitos de nós entramos em dificuldade porque esquecemos que o de que estamos tratando é a mente de Deus, e que a mente de Deus não é como a nossa. Desejamos que tudo esteja pronto, enxuto e fácil, e achamos que nunca deveriam existir quaisquer problemas ou dificuldades. Mas, se há uma coisa ensinada com mais clareza do que qualquer outra na Bíblia, é que nunca ocorre desse modo em nossas relações com Deus. Os caminhos de Deus são inescrutáveis; Sua mente é infinita e eterna, e Seus propósitos são tão gran-

des que as nossas mentes pecaminosas não os podem entender. Portanto, quando um Ser assim está tratando conosco, não nos deve causar surpresa se, às vezes, acontecem coisas que nos deixam perplexos.

Inclinamo-nos a pensar, por certo, que Deus deveria estar sempre abençoando os Seus filhos, e que estes nunca deveriam ser castigados. Quantas vezes pensamos isso! Nós não pensavamos isso durante a guerra? Por que será que Deus permite que persistam certas formas de tirania, especialmente as absolutamente ímpias? Por que Deus não as apaga todas, e não derrama Suas bênçãos sobre o Seu povo? Esse é o nosso modo de pensar. Mas está baseado numa falácia. A mente de Deus é eterna, e os caminhos de Deus estão infinitamente acima de nós, e tanto, que nós devemos começar preparando-nos para não compreender imediatamente nada do que Ele faz. Se partirmos da outra suposição, que tudo deve ser simples e claro, logo nos veremos no lugar em que este homem se viu. Não é de espantar que quando consideramos a mente do Eterno haverá ocasiões em que temos a impressão de que as coisas saem de maneira exatamente oposta à que pensávamos que deveria ser.

Permita-se-me apresentar agora uma segunda proposição. A perplexidade nesta questão não é apenas coisa não surpreendente; quero acentuar que também não é coisa pecaminosa o estar-se perplexo. Aí está, de novo, uma coisa muito consoladora. Existem os que dão a impressão de que acham que os caminhos de Deus são sempre planos e claros; parecem sempre capazes de raciocinar desse modo, e o céu para eles é sempre límpido e brilhante, e eles estão sempre perfeitamente felizes. Bem, tudo que posso dizer é que eles são absolutamente superiores ao apóstolo Paulo, pois ele nos diz em 2 Coríntios 4 que ele e outros cristãos estavam "perplexos, porém não desanimados". Ah, sim, é errado estar num estado de desespero; mas não é errado ficar perplexo. Tracemos esta clara distinção; o simples fato de você talvez ficar perplexo acerca de algo que está acontecendo no presente não significa que você é culpado de pecado. Você está nas mãos de Deus e, todavia, alguma coisa desagradável lhe está sucedendo, e você diz: não compreendo. Não há nada de errado com esse — "perplexos, porém não em desespero". A perplexidade, em si e por si, não é pecaminosa, pois as nos-

sas mentes não são apenas finitas, são também fracas — enfraquecidas pelo pecado. Não vemos as coisas claramente; não sabemos o que é melhor para nós; não podemos abranger larga vista; assim, é natural que fiquemos perplexos.

Agora, conquanto não seja pecaminoso dentro dos seus limites, apressemo-nos a dizer que ficar perplexo sempre abre a porta para a tentação. Essa é a real mensagem deste Salmo. Tudo está bem até certo ponto, mas tão logo você fica neste estado de perplexidade e pára e permanece nele por um momento, nesse instante a tentação está à porta. Está pronta para entrar e, antes que você saiba o que aconteceu, ela terá entrado. E foi isso que aconteceu com este homem.

Isto nos leva ao que o salmista diz sobre o caráter da tentação e como é importante reconhecê-lo. A tentação pode ser tão poderosa que, não só abala o maior e mais forte santo; na verdade, derruba-o. "Quanto a mim", diz este homem de Deus, "quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos."

"Mas isso foi no Velho Testamento", diz você, "e o Espírito Santo não tinha vindo então como veio agora. Nós estamos na posição cristã, ao passo que este santo não estava." Muito bem, se prefere, pode tê-lo nas palavras do apóstolo Paulo. "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia". Paulo, ao explicar a posição cristã aos coríntios (1 Coríntios 10), vai em busca de uma ilustração no Velho Testamento; e, para que alguns dos indivíduos superiores de Corinto não dissessem: nós recebemos o Espírito Santo, não somos desse tipo, diz o apóstolo, "Aquele que pensa estar em pé, veja que não caia". O homem que ainda não descobriu o poder da tentação é o mais típico novato em questões espirituais. A tentação pode vir com vários graus de energia e poder. A Bíblia ensina que às vezes vem ao mais espiritual como um verdadeiro furacão, varrendo tudo que encontra na frente, com poder tão terrível que mesmo um homem de Deus é quase subjugado. Tal o poder da tentação! Mas, deixem-me usar de novo as palavras do apóstolo: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus". Pois necessitais dela toda. Sim, irmão, se você há de permanecer de pé no dia mau, tem que estar completamente vestido com toda a armadura de Deus. O poder do inimigo contra nós somente é inferior ao poder de Deus. Ele é mais poderoso que qualquer homem que jamais viveu; e os

santos do Velho Testamento caíram diante dele. Ele tentou e provou o Senhor Jesus Cristo até o último limite. O nosso Senhor o derrotou, mas, de todos os nascidos de mulher, somente Ele teve sucesso. Volte e torne a ler este Salmo, e verá que a tentação veio quando este homem menos esperava. Entrou como resultado do que ele lhe estava acontecendo, veio pela porta que fora aberta pelo dissabor que ele estava experimentando, e pelo contraste entre isso e a vida vitoriosa e aparentemente feliz dos ímpios.

O ponto seguinte que precisamos notar acerca da tentação refere-se à cegueira que ela produz. Não há nada mais estranho acerca da tentação do que a maneira pela qual, sob a sua influência e poder, somos levados a fazer coisas que em nossas condições normais ser-nos-iam inimagináveis. O salmista faz uma colocação semelhante a esta — e note que a sua linguagem é quase um sarcasmo às expensas dele mesmo. Olhe o versículo três: "Pois eu invejava os arrogantes". Ele tinha inveja dos arrogantes. "Saiba", parece dizer, "pouco me agrada colocá-lo no papel, pois estou sinceramente envergonhado disso, mas tenho que confessar que houve um momento em que eu, que tenho sido tão abençoado por Deus, estava com inveja daquela gente ímpia." Somente pode explicar isso o poder de cegar que a tentação tem. Ela vem com tanta força que nos tira o equilíbrio, e não somos mais capazes de pensar com clareza.

Ora, não há nada tão importante nesta luta espiritual do que percebermos que estamos sendo confrontados com um poder como esse, e que, portanto, não podemos permitir-nos relaxar por um momento sequer. A coisa é tão poderosa que nos faz ver só o que ela quer que vejamos, e esquecemos tudo mais. Este é o poder de cegar que a tentação tem!

Ainda, não devemos olvidar a sutileza de Satanás. Ele vem como quem quer ser amigo. Obviamente viera ao salmista desse modo. Disse: "Você não acha que é em vão que está limpando o coração e lavando as mãos na inocência?" Como o bem conhecido hino o coloca tão perfeitamente:

Sempre jejum e vigília
Sempre zelo e oração?
(ou: *Bem de manhã, e sem cessar,*
vigiar e orar!)

"É isso que parece que você está fazendo", diz o diabo. "Parece estar gastando o seu tempo em abnegação e orações. Há alguma coisa errada com esta sua perspectiva. Você crê no evangelho; mas veja o que lhe está acontecendo! Por que você está passando por este período difícil? Por que um Deus de amor o está tratando desta maneira? É essa a vida cristã que você está advogando?" E aduz: "Meu amigo, você está cometendo um erro; você está causando a si próprio doloroso dano e prejuízo; não está sendo bom para si mesmo." Oh, a terrível sutileza disso tudo!

Depois há a lógica aparente do argumento que a tentação apresenta. Quando ela vem assim com o seu poder de cegar, realmente parece muito inocente e razoável. "Depois de tudo", ela faz o salmista dizer, "levo uma vida piedosa, e é isto que me acontece. Aqueles outros homens estão blasfemando contra Deus, e com dizeres "altivos" falam coisas que nunca deveriam ser pensadas, quanto mais ditas. Contudo, eles são muito prósperos; todos os seus filhos vão bem; eles têm mais do que o coração poderia desejar. Enquanto isso, estou sofrendo exatamente o oposto. Só se pode tirar disso uma única conclusão." Olhando para isso do ponto de vista natural e humano, o argumento parece irrespondível. Isso é sempre uma característica da tentação. Ninguém jamais cairia em tentação se não fosse assim. Sua plausibilidade, seu poder, sua força, seu argumento lógico é aparentemente incontestável. Você sabe que não estou falando teoricamente. Todos nós sabemos algo disso; se não, não somos cristãos. Esta é a espécie de coisas a que os servos de Deus estão sujeitos. Porque são servos de Deus, o diabo faz deles um alvo e aproveita toda oportunidade para derrubá-los.

Nesta altura eu gostaria de salientar que ser tentado desse modo não é pecado. Temos que ser claros a respeito disto. Que esses pensamentos são-nos insinuados e colocados em nossas mentes, não significa que pecamos. Eis aqui outra vez algo que é de fundamental importância em toda a questão dos conflitos espirituais. Devemos aprender a fazer distinção entre ser tentado e pecar. Você não pode controlar os pensamentos postos em sua mente pelo diabo. Ele os põe ali. Paulo fala dos 'dardos inflamados do maligno". Pois bem, é isso que estivera acontecendo com o salmista. O diabo os estivera atirando nele, mas o simples fato de que tinham

entrado em sua mente não significa que ele cometera pecado. O próprio Senhor Jesus Cristo foi tentado. O diabo colocou pensamentos em Sua mente. Mas Ele não pecou, porque os rejeitou. Os pensamentos lhe virão e o diabo pode tentar forçá-lo a pensar que pecou, já que os pensamentos entraram em sua mente. Mas os pensamentos não são seus, são do diabo — ele os colocou ali. Foi o esquisito Billy Bray, da Cornualha, que colocou isto em sua maneira original, quando disse: "Você não pode impedir que o corvo voe sobre a sua cabeça, mas pode impedi-lo de fazer ninho em seus cabelos!" Assim, eu digo que não podemos impedir que sejam insinuados pensamentos em nossa mente; mas a questão é, que fazer com eles? Falamos de pensamentos que "passam pela" mente e, enquanto se limitam a isso, não constituem pecado. Mas se os acolhemos e concordamos com eles, então se tornam pecado. Dou ênfase a isto porque muitas vezes tenho tido que lidar com pessoas que se acham em grande aflição porque lhes advieram pensamentos indignos. Mas o que lhes digo é isto, "Ouça o que você me está dizendo. Você diz que o pensamento lhe veio". Bem, se isso é verdade, você não tem culpa, não pecou. Você não diz: "eu pensei"; diz: "o pensamento veio". Isso está certo. O pensamento lhe veio, e lhe veio do diabo, e o fato de que o pensamento veio do diabo significa que você não é necessariamente culpado de pecado". A tentação, em si e por si, não é pecado.

Isso nos traz ao último ponto, deveras vital. É que devemos saber como lidar com a tentação quando ela vem, que devemos saber enfrentá-la. De fato, num sentido, todo o propósito do salmista é justamente dizer-nos isto. Há somente um modo pelo qual podemos estar bem seguros de que tratamos a tentação do jeito certo, e com isso chegamos à última conclusão certa. Comecei com isso, e com isso termino. A grande mensagem deste Salmo é que, se eu e você sabemos o que fazer com a tentação, podemos transformá-la numa grande fonte de vitória. Podemos terminar, quando passamos por um processo como este, numa posição mais forte que a que ocupávamos no início. Podemos ter estado numa situação em que "pouco faltou para que escorregassem" os nossos passos. Não importa quanto demore, desde que, afinal, cheguemos àquele elevado planalto onde ficaremos face a face com Deus, com uma segurança que não tínhamos antes. Po-

demos utilizar-nos do diabo e todos os seus ataques, mas temos que aprender a vencê-lo. Podemos transformar tudo isso numa grande vitória espiritual, de modo que possamos dizer: "Bem, *tendo passado por isso tudo, agora me foi dado ver* que Deus é sempre bom. Fui tentado a pensar que havia ocasiões em que não era; vejo agora que isso estava errado. Deus é sempre bom, em todas as circunstâncias, em todos os caminhos, em todas as ocasiões — não importa o que aconteça comigo ou com qualquer outra pessoa". "Cheguei à conclusão", diz o salmista, "de que "Deus é sempre bom para com Israel".

Estamos todos preparados para dizer isso? Algum de vocês pode estar passando por esta espécie de experiência neste momento. As coisas podem estar indo mal com você, e talvez esteja tendo um período difícil. Golpe após golpe podem estar descendo sobre você. Você vem vivendo a vida cristã, lendo a Bíblia, trabalhando para Deus e, contudo, os golpes vêm, um após outro. Tudo parece estar indo mal; você é afligido "de contínuo" e "cada manhã castigado". Uma dificuldade vem logo depois da outra. Agora, a única e simples pergunta que lhe quero fazer é esta. Em face de tudo isso você pode dizer, "Deus é sempre bom"? Sim, mesmo em face do que lhe está sucedendo, e mesmo quando você vê florescerem os ímpios? A despeito da crueldade de um inimigo ou da traição de um amigo, a despeito de tudo que lhe está acontecendo, pode você dizer, "Deus é sempre bom; não há exceção; não há restrição"? Você pode dizer isso? Porque, se não pode, então você peca, você tem culpa. Talvez você tenha sido tentado a duvidar. É de esperar; não é pecado. A questão é, você foi capaz de lidar com a tentação? Pôde arremessá-la de volta e expulsá-la da sua mente? Você pôde dizer, "Deus é sempre bom", sem absolutamente nenhuma reserva? Você pode dizer, "todas as cousas cooperam para o bem", sem nenhuma hesitação? É esse o teste. Deixe-me lembrar-lhe, porém, que, embora o salmista diga, "Deus é sempre bom para com Israel", tem o cuidado de acrescentar, "para com os de coração limpo". Agora precisamos ser cuidadosos. Devemos ser justos para conosco; devemos ser justos para com Deus. As promessas de Deus são grandes, e totalmente inclusivas. Mas sempre têm esta condição, "para aqueles que são de coração limpo". Em outras palavras, se eu e você estamos pecando

contra Deus, Ele terá que corrigir-nos, e isso vai ser penoso. Mas, mesmo quando Deus nos castiga, ainda é bom para conosco. Justamente por que é bom para conosco é que nos castiga. *Se não experimentamos castigo, então somos* "bastardos", como no-lo recorda o autor da Epístola aos Hebreus. Todavia, lembremos que, se quisermos ver isto com clareza, teremos que ter coração limpo. Temos que ter a "'verdade no (nosso) íntimo", e não pode haver nenhum pecado escondido, porque, "Se eu observar iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá". Se eu não sou sincero e reto para com Deus, não tenho direito de apropriar-me de nenhuma das promessas. Se, por outro lado, o meu único desejo é estar de bem com Ele, então posso dizer que o fato é absolutamente que "Deus é sempre bom para com Israel".

Às vezes penso que a própria essência de toda a posição cristã, e o segredo de uma vida espiritual vitoriosa, consistem precisamente em perceber duas coisas. Elas estão nestes dois primeiros versículos, "Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração. Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos". Noutras palavras, devo ter completa, absoluta confiança em Deus, e nenhuma confiança em mim mesmo. Enquanto eu e você estivermos na posição em que "servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e *não temos confiança na carne*", tudo estará bem conosco. Isso é ser verdadeiramente cristão — por um lado, completa e absoluta confiança em Deus e, por outro, nenhuma confiança em mim e no que eu faça. Se tenho esta visão de mim, significa que estarei sempre olhando para Deus. E nessa posição, jamais fracassarei.

Conceda-nos Deus graça para aplicarmos alguns destes princípios simples a nós mesmos e, ao fazermos isto, lembremo-nos de que temos a maior e a mais grandiosa ilustração disso tudo em nosso bendito Senhor. Eu O vejo no Jardim do Getsêmani, o próprio Filho de Deus, e O ouço proferir estas palavras, "Meu Pai: se possível". Havia perplexidade. Ele indagou: Não há outro caminho, é este o único meio pelo qual a humanidade pode ser salva? O pensar no pecado do mundo se intercalando entre Ele e Seu Pai, deixou-o perplexo. Mas Ele Se humilhou. A perplexidade não O levou a cair; simplesmente Se entregou a Deus dizendo, noutras palavras: "Os

Teus caminhos são sempre justos, Tu és sempre bom, e quanto ao que vais fazer-Me, sei que é porque Tu és bom. Não se faça a Minha vontade, e, sim, a Tua".

2

TOMANDO PÉ

"Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos." (v. 15)

Vimos que a conclusão a que chegou o salmista foi que Deus é sempre bom para Israel, para os limpos de coração, para os que realmente estão interessados em agradá-lO. Voltamos a isto agora para juntos podermos descobrir o modo pelo qual o salmista agiu para firmar-se e para recuperar finalmente essa tão grandiosa e sólida posição de fé. Não há nada mais proveitoso, quando lemos um Salmo, do que analisá-lo da maneira como propusemos fazer aqui. A tendência comum é apenas ler o Salmo todo e contentar-se com meros efeitos gerais. Há muita gente que usa os Salmos como tranquilizantes. Essa gente lhe dirá que sempre que se vê com problema ou em perplexidade, é boa coisa ler um deles. "Há algo tão pacífico neles", dizem, "e a linguagem é tão tranqüilizadora! Quando você lê, "O Senhor é o meu pastor", produz-se uma espécie de efeito psicológico geral sobre você; coloca o leitor num maravilhoso estado mental e de paz de coração, e você vê que pegou no sono sem perceber." É um bom tratamento psicológico. Há quem use os Salmos desse jeito. Outros há que os usam como poesia. Seu principal interesse está na beleza da linguagem. Ora, os Salmos têm isso tudo, mas estou interessado em mostrar que eles são primariamente o relato de experiências espirituais que visam ao nosso proveito. Todavia, jamais obteremos esse

proveito dos Salmos se não nos dermos ao trabalho de analisá-los, se não nos dermos ao trabalho de observar o que o salmista quer dizer. Devemos esquecer por um momento a beleza das palavras como tais, e concentrar-nos no significado. Fazendo isso, veremos que o autor tem um método bem definido.

Este homem, neste Salmo em particular, não chegou repentinamente à sua posição; alcançou-a como resultado de bom número de coisas sucedidas antes. No processo houve passos de real interesse, e o que nos é proveitoso é descobrir esses passos que levaram-no de volta da situação em que os seus pés "quase... se desviaram" àquela firme condição de fé em que ele era inabalável e inamovível. É-nos de suma importância compreender que existe o que se chama, "a disciplina da vida cristã". Não basta dizer, como tantos fazem, que, seja o que for que nos aconteça, só temos que "olhar para o Senhor" e tudo irá bem. Afirmo que isso não é verdade, e que isso não é verdade na experiência das pessoas que o ensinam. É um ensinamento antibíblico. Se isso fosse a única coisa que temos que fazer, muitos destes escritos bíblicos seriam completamente desnecessários; não teríamos absolutamente nenhuma necessidade deles. Se tudo que temos que fazer fosse "apenas olhar para o Senhor", as epístolas nunca teriam sido escritas; mas foram escritas, e por homens inspirados pelo Espírito Santo. Por quê? A resposta é que foram escritas para nossa instrução, a fim de ensinar-nos a viver, e o que elas nos dizem é, num sentido, que na vida cristã existe uma *disciplina* essencial.

Um dos mais tristes traços da vida de certos tipos de cristãos dos dias atuais é que parecem ter perdido de vista este aspecto da fé. Infelizmente isto é verdade especialmente quanto aos que são evangélicos, e creio que entendo por que é assim. Primeiro e acima de tudo, houve uma reação contra o ensino católico romano. No sistema católico romano há muitíssima disciplina de certo tipo. Este sistema tem muitos guias e manuais sobre o assunto. De fato, alguns dos maiores mestres desta espécie de ensino têm sido católicos romanos como, por exemplo, Bernardo de Claraval, ou o bem conhecido Fénelon, cujas famosas *Cartas para Homens* e *Cartas para Mulheres* foram muito populares no passado.

Pois bem, os protestantes reagiram contra tudo isso e, até certo ponto, com muita razão. Pois não há como contestar que no sistema católico romano o método é mais importante do que a vida espiritual propriamente dita, e o seu praticante fica escravo do método. Como protestantes, é certo que devemos protestar contra isso vigorosamente. Mas, deduzir do seu mau uso que não há necessidade de disciplina alguma na vida cristã, é completamente errado.

De fato, os períodos realmente grandiosos do protestantismo sempre se caracterizaram pelo reconhecimento da necessidade dessa disciplina. Se houve algo que, mais que qualquer outra coisa, caracterizou o grande período puritano foram a atitude e a maneira de ver que levaram Richard Baxter a escrever o seu *Spiritual Directory* (Devocionário). Os puritanos preocupavam-se em ensinar o povo a aplicar as Escrituras à vida diária. E no século seguinte vemos que os líderes do Despertamento Evangélico deram ênfase à mesma coisa. Por que homens como os dois irmãos Wesley e Whitefield foram chamados de metodistas? Foram chamados assim porque eram metódicos em seu viver. Eram metodistas porque tinham método em suas reuniões. Eles elaboraram certas regras, formaram suas sociedades e insistiam em que todos os que desejassem pertencer à sua sociedade deviam praticar certas coisas e não praticar outras. O próprio vocábulo *metodista* é sumamente expressivo. Salienta o fato de que eles acreditavam na disciplina e na importância de disciplinar suas vidas e de saber lidar consigo mesmos e saber conduzir-se nas várias circunstâncias e situações que enfrentamos no mundo em que vivemos.

Neste Salmo temos um grande mestre nessa questão. O homem que o escreveu tem um método bem definido, e não podemos fazer melhor coisa do que olhá-lo. Ele nos ensina a lidar conosco mesmos — a dirigir-nos a nós mesmos. Não é esse um dos mais importantes problemas da vida, para cada um de nós neste mundo? Não é a tarefa mais difícil para qualquer um de nós dirigir-se a si próprio? É-nos muito mais fácil dirigir os outros! A grande arte da vida cristã é a pessoa saber dirigir-se a si mesma, especialmente em certas situações críticas. Aqui, este homem nos deixa penetrar no segredo.

Comecemos, então, com o primeiro passo, o que é o mais baixo de todos. Vejo que há uma coisa deveras maravilhosa

naquilo que ele nos diz. Eis aí um grande homem, um homem que experimentou bênçãos incomuns e, contudo, a primeira coisa que o segurou e o livrou do desastre é na verdade muito surpreendente. A nossa reação à descoberta do que era esse primeiro passo em seu processo de recuperação será um bom teste para o nosso entendimento espiritual. Pergunto-me, não haverá alguém que achará que este é um nível baixo demais, no qual nenhum cristão deveria colocar-se? Examinemo-nos a nós mesmos enquanto seguimos o que este homem tem para dizer.

Ao principiarmos neste nível muitíssimo baixo, deixe-me dizer que não me preocupo muito com o ponto em que tomamos a nossa posição, contanto que a tomemos; não me preocupa quão baixa é a nossa posição, contanto que estejamos firmes ali, e não escorregando. É melhor ficar no degrau mais baixo da escada do que cair nas profundezas. Pois bem, este homem partiu lá do fundo, e dali começou a subir. Como fez isso? Primeiro vamos considerar o método — exatamente o que ele fez — e depois, vamos deduzir disso certos princípios que podemos firmar como sempre aplicáveis a qualquer situação em que venhamos a encontrar-nos.

Aí está um homem tentado repentinamente, tentado a dizer algo, ou, se se preferir, tentado a fazer algo. A força da tentação é tão grande que ele quase perde o equilíbrio. Está a ponto de cair na tentação, e ele nos conta o que foi que o salvou. Ei-lo: "Se eu dissesse" — ele estava a ponto de dizer algo — "Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos". Que faz ele? Qual é seu método?

A primeira coisa que faz é refrear-se. Não creio que ele sabia bem por que estava fazendo isso, mas o fez. Simplesmente se conteve de dizer o que estava na ponta da sua língua. Estava ali, mas ele não o disse. Ora, isso é tremendamente importante. O salmista compreendia a importância de nunca falar precipitadamente, de nunca falar por impulso. Foi essa a primeira coisa, e é um ponto muito geral. É uma solução ótima para o não cristão, e é precisamente isso que eu estou sugerindo — a saber, que existem coisas que fazemos em conexão com esta disciplina espiritual que à primeira vista não parecem ser particularmente cristãs. Mas se elas te seguram, use-as.

Há muitas pessoas tão ansiosas por estar sempre no topo da montanha, num sentido espiritual, que por essa mesma razão muitas vezes se vêem cainda no vale em baixo. Não ligam para estes métodos comuns. Não evitam fazer o que o homem que escreveu o Salmo 116 tinha feito. Vocês recordam o que ele nos diz? Faz uma confissão bem sincera. Diz ele: "Eu dizia na minha precipitação: todos os homens são mentirosos". (v. II) Disse isso apressadamente, e foi esse o erro. Este homem, no Salmo 73, tinha descoberto, justo quando estava a ponto de cair, a importância de não falar apressadamente. É um erro o cristão dizer ou fazer alguma coisa precipitadamente. Se vocês querem ver isso nos trajes do Novo Testamento, aqui está, na Epístola de Tiago: "todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar" (Tiago 1.19). Não devo desenvolver isto aqui, mas não é óbvio que se tão somente nós todos praticássemos este princípio particular, a vida seria muito mais harmoniosa? Quantas dificuldades seriam poupadas! Quantas alfinetadas e irritações, quantas brigas, calúnias e infelicidades seriam evitadas em todas as esferas da vida, se tão somente déssemos ouvidos a este injunção! "Pronto para ouvir, tardio para falar"! Parem e pensem. Se vocês não podem fazer mais nada, parem! Não ajam impetuosamente. Este homem não o fez. Foi a primeira coisa que o impediu de cair.

O passo seguinte, obviamente, foi que ele considerou e encarou de novo aquilo que estivera prestes a falar. O problema estava ali, em sua mente; parecia que ninguém poderia negá-lo, tão óbvios eram os fatos. Aí estão os ímpios; vejo a prosperidade deles; e cá estou eu, sempre em dificuldade. Parece tão claro — di-lo-ei "Não", diz o salmista, "dê outra olhada nisso, examine-o de novo. Quando se dá uma coisa como esta, você não a pode examinar demasiadas vezes." Ele se pôs a falar consigo mesmo sobre isso. Colocou-o diante de si. Tornou a olhá-lo. Ah, que coisa vital é isso! Quantas tragédias seriam evitadas na vida, se as pessoas tão somente dessem mais uma olhada. Na questão da tentação, quando ela vem com seu poder ofuscante, e quando todos os argumentos parecem estar num lado, e nem um só deles no outro, toda a estratégia de combate ao diabo está em insistir em fazer mais este exame. E esse exame provavelmente salvará a vo-

cês. Ele olhou-o de novo, revolveu-o, examinou-o de diferentes ângulos.

A atividade do salmista mostra que ele estava considerando as conseqüências do que estava prestes a dizer. Eis aqui outra vez um grande princípio. Não há nada que um homem faça nesta vida que não tenha as suas conseqüências. Todo efeito tem uma causa, e toda causa produz um efeito. Muitos dos nossos problemas surgem do fato de que esquecemos que as causas levam a efeitos e que, por sua vez, os efeitos levam a certas conseqüências inevitáveis. O diabo nos pega em sua sutileza por fixar-se naquilo que parece ser um acontecimento isolado. Ele coloca essa única coisa diante de nós de modo tal que não podemos ver nem pensar nada mais. Essa coisa monopoliza a nossa atenção, e as conseqüências não são levadas em consideração. Mas este homem viu as conseqüências. Disse: "Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos". Teve o cuidado de considerar as conseqüências e de se defrontar com elas.

A Bíblia dá-nos muitos casos desses. Um dos exemplos mais gloriosos disso, penso eu, é o da situação daquele homem, Neemias. Neemias estava numa condição em que a sua vida corria perigo, e um falso "amigo" veio a ele e disse, "Você é um homem muito bom e, portanto, não deve arriscar a vida como está fazendo — "de noite virão matar-te". "Ele fez uma proposta segundo a qual Neemias deveria fugir, e a fez em tais termos que soou insinuante e repleta de interesse. Se Neemias lhe tivesse dado ouvidos, todo o curso da história de Israel teria mudado. A proposta deve ter exercido atração sobre ele, mas Neemias sustou-se a si próprio, dizendo, "Um homem como eu fugiria?" Ele considerou as conseqüências e, no momento em que viu as conseqüências, não fez o que lhe fora sugerido. Foi isso também que salvou este homem referido no Salmo 73. Viu as conseqüências e imediatamente se refreou.

Avancemos um passo mais. O ponto seguinte foi que este homem se apegou àquilo de que estava certo, e se apegou a qualquer preço. Acerca do seu problema principal ele estava muito incerto; não podia compreendê-lo, de modo nenhum. Mesmo depois de ter-se refreado, o problema continuava a confundi-lo; não podia entendê-lo nem captar-lhe o sentido. Mas, tendo observado aquilo de novo, percebeu que se ele

falasse como estava tentado a falar, a conseqüência imediata seria que ele causaria ofensa o povo de Deus, e ele se firmou nesse fato. Aqui, pois, está o princípio. O salmista não está seguro quanto a toda essa questão de como Deus trata os Seus filhos. Essa é ainda uma questão de grande perplexidade. Mas ele está muito certo de que é errado ser pedra de tropeço ou causa de ofensa à geração dos filhos de Deus. Ele está absolutamente seguro disso, e age baseado nisso. Vejam a estatégia. Quando alguém se sente inseguro e perplexo, o que tem a fazer é tentar achar algo do qual tem certeza, e então, firmar-se nisso. Pode não ser a coisa central; não importa. Este homem viu as conseqüências do que ele estava a ponto de fazer, e soube com certeza que estava errado. Daí disse: "Não o direi". Ele ainda não vê com clareza o que se refere à sua principal dificuldade, mas isto ele vê com clareza.

A última decisão a que este homem chegou foi que, provisoriamente, ele tinha que contentar-se em não resolver o seu problema principal. Ele nos conta que não via com clareza e ainda não podia entender a dificuldade que o sacudira e o tentara tão dolorosamente. E de fato não a entendeu enquanto não entrou no santuário de Deus. Assim, parou de tentar resolvê-la, dizendo para si mesmo, "Bem, devo deixar de lado provisoriamente este problema principal. Nada direi sobre ele porque posso ver que, se eu expressar os meus pensamentos, isto me fará ofender a geração dos filhos de Deus. E não posso fazer isso. Muito bem; vou me firmar naquilo em que estou seguro, e me contentarei em não compreender a outra questão no momento". Este é seu método. Foi isso que o salvou, que o ajudou.

Como é simples o método dele, e, contudo, quão vital em cada um dos seus passos. Deixem-me colocá-lo na forma de alguns princípios. O *primeiro* princípio que eu formularia para nossa especial orientação é que o nosso falar sempre deve ser essencialmente positivo. Quero dizer que nunca devemos estar demasiado prontos para expressar as nossas dúvidas e proclamar as nossas incertezas. Tenho encontrado homens que passaram muitos anos das suas vidas em agonia de alma por causa das coisas que disseram anos antes, quando não eram cristãos, coisas que foram meios para abalar a fé de outros. Isso é uma coisa terrível. Lembro-me de um jovem que me veio ver há anos. Era um estudante que fora para a

faculdade firmado na fé cristã e nela confiante. Um professor daquela faculdade que se orgulhava de ser um descrente e que não tinha nada de positivo para dar àquele jovem, costumava ridicularizá-lo, e à sua posição, não somente nas aulas mas também particularmente, rindo das suas crenças e despejando escárnio sobre a sua fé. Isso levara este jovem a uma condição deveras penosa e infeliz. Não existem muitas coisas piores do que a atitude de um professor assim que, não tendo ele próprio nada por que viver, procura tirar e destruir a fé esposada por um jovem, falando contra ela e tentando miná-la. Este foi, por certo, um ataque malicioso e intencional movido contra a fé que um jovem possuía. Mas nós também podemos ser culpados da mesma coisa, conquanto possamos não estar cientes disso. Embora possamos ser assaltados por dúvidas ou incertezas, não devemos proclamar nossas dúvidas, nem divulgar as nossas incertezas (exceto, é claro, para buscar ajuda), para que as nossas palavras, também, não tenham o mesmo efeito desastroso, sem que o saibamos. Se não pudermos dizer nada de útil, não devemos dizer coisa nenhuma. Foi o que este homem fez. Ele não podia entender, e estava a ponto de dizer algo, mas monologou: "'Não o farei. Se eu disser uma coisa dessa, causarei dano a estes filhos de Deus". Diga você o que quiser deste homem, ele era, não obstante, um cavalheiro. Se acha a tua fé cristã vacilando, seja, pelo menos, um cavalheiro. Não fira a nenhuma outra pessoa. Precisamos aprender a disciplinar-nos a nós mesmos, e a não passar adiante as nossas dificuldades, falando muito acerca das nossas incertezas. Este homem não falou nada enquanto não foi capaz de dizer, "Deus é sempre bom para com Israel". Agora está habilitado para falar. Tendo começado com isso, pode agora prosseguir a salvo e narrar a história dos seus problemas.

O *segundo* princípio é que a verdade é compreensiva e suas várias partes inter-relacionadas. Quero dizer que não existe isso de verdade isolada. Este homem começou pensando que havia somente um problema — o da prosperidade dos ímpios. Mas inter-relacionada com esse problema havia esta outra verdade acerca do povo de Deus e o que lhe acontece. Deixem-me dar-lhes outra ilustração para mostrar a importância de perceber-se este princípio, de que todos os aspectos da verdade são inter-relacionados. Com muita fre-

qüência pessoas inclinadas à ciência entram em dificuldades concernentes a sua fé porque esquecem este princípio. Defrontam-se com o que se apresenta como prova científica. Os cientistas lhe oferecem alguma coisa como fato, e o perigo está em eles aceitarem essa afirmação particular isoladamente, sem perceberem as conseqüências dessa aceitação para outra área da verdade. Por exemplo, sempre digo que uma razão muito boa para rejeitar a teoria da evolução é que no momento em que a aceito, fico em confusão e dificuldade com a doutrina do pecado, com a doutrina da fé e com a doutrina da expiação. A verdade é inter-relacionada; uma coisa afeta a outra. Não estejam demasiadamente prontos para formar opiniões sobre um fato ou conjunto de fatos. Lembrem-se de que isso afetará outros fatos e outras posições. Examinem o assunto em todos os aspectos concebíveis, tendo em mente não apenas a coisa propriamente dita, mas também as suas conseqüências e implicações. Procurem entendê-las todas antes de expressarem uma opinião.

O *terceiro* princípio é que jamais devemos esquecer as nossas relações uns com os outros. O que segurou de início este homem não foi nada que ele tivesse descoberto sobre os procedimentos de Deus para com ele, mas foi a lembrança do seu relacionamento com outras pessoas. Isso é maravilhoso, eu acho. Foi isso que o reteve. Era uma coisa da qual ele estava seguro, e ele se apegou a ela. O apóstolo coloca isto num versículo notável de Romanos 14. Diz ele: "Nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si". Ele prossegue, desenvolvendo-o e, ao fazê-lo, analisa a questão do irmão mais fraco. Faz a mesma coisa em 1 Coríntios 8 e 10. Coloca-o de modo semelhante numa frase deveras extraordinária, "Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro" (10:29). Noutras palavras, você, como cristão forte, não deve decidir isto em termos da sua própria pessoa. Que dizer do seu irmão mais fraco, por quem Cristo morreu? Você não deve ofender a consciência dele. Ninguém "vive para si"; estamos todos ligados uns aos outros e, se você não pode conter-se por amor de si mesmo, deve conter-se por causa do seu irmão mais fraco. Quando você for tentado, quando o diabo te fizer esquecer que você não é um caso isolado, quando ele sugerir que isto ou aquilo é algo que só interessa a você, pense nas conseqüências, lembre-se das outras pessoas, lembre-se de

Cristo, lembre-se de Deus. Se eu e você cairmos, não será uma queda isolada, a igreja inteira cairá conosco. Este homem compreendeu que estava amarrado num feixe com essas outras pessoas. Diga, pois, a si próprio, "Vejo que todos esses outros vão ficar envolvidos. Somos filhos de um reino celestial, somos membros individuais, em particular, do corpo uno de Cristo. Não podemos agir isoladamente". Assim, se nada mais o detiver quando estiver prestes a fazer alguma coisa errada, lembre-se desse fato, lembre-se de sua família, lembre-se do povo ao qual você pertence, lembre-se do Nome que está em sua fronte e, se nada mais te segurar, deixe que esse Nome te segure. Ele segurou este homem.

O *quarto* princípio é a importância de termos certos absolutos em nossa vida. Noutras palavras, devemos aprender a reconhecer que há certas coisas inconcebíveis que não devem ser feitas, nunca. Nem sequer deveríamos tomá-las em consideração. Não hesito em asseverar que o espantoso aumento dos casos de divórcio na atualidade deve-se simplesmente ao defeito de não se compreender este princípio. Quero dizer que quando duas pessoas se casam, assumindo os seus solenes votos e compromissos diante de Deus e dos homens, devem estar fechando uma certa porta de trás para a qual jamais devem nem mesmo olhar de novo. Não é esse, porém, o modo de agir hoje. Parece que as pessoas se casam e deixam aberta a porta dos fundos, que leva a vidas separadas. Olham por sobre o ombro para aquela porta, e muitas vezes se permitem pensar na possibilidade de romper o casamento antes mesmo de terem feito os seus votos. Aí está por que a vida é como é nos dias presentes. As pessoas já não têm os seus absolutos.

Houve tempo em que tal coisa era inimaginável. Há certas coisas que os cristãos, homens e mulheres, devem pôr abaixo como absolutos inconcebíveis, que jamais devem receber consideração. Este homem tinha um princípio nesta conjuntura, mesmo que não tivesse mais nada, e nele se firmava. Disse ele: "Nunca direi nada que vá tornar infelizes os meus irmãos. Não me preocupa o quanto não posso entender; um dos meus absolutos é este — jamais ferirei os meus irmãos". Ele se firmou nisso como homem e finalmente começou a entender as suas próprias perplexidades. Tratemos de fixar os nossos absolutos, tratemos de estabelecer irrevogavelmente

certas coisas. Especialmente os jovens — embora isto não se aplique a você, jovem, mais que a qualquer outro, todavia, enquanto você é jovem e não tem culpa dessas coisas — fixe os seus absolutos. Se não pode ser útil, não diga nada. Nunca faça nenhum dano à causa de Deus ou à família espiritual.

O *quinto* e último princípio é a importância de lembrar quem e o que você é. Num sentido eu já tratei disto. Eu e você somos pessoas chamadas por Deus para fora deste presente mundo mau. Fomos comprados pelo preço do sangue derramado pelo unigênito Filho de Deus na cruz do Calvário, não somente para que sejamos perdoados e possamos ir para o céu, mas para que sejamos libertos de todo pecado e iniqüidade, e para Ele possa "purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tito 2:14). Ele fez isso, e isso constitui a nossa reivindicação. Digo, pois, lembre-se disso, e sempre que surja alguma perplexidade ou algo que tenda a abalá-lo, tome-o e coloque-o à luz disso. Apesar de você não entender a coisa propriamente dita, nesse ponto deve dizer, "Não faz mal que eu não compreenda isso, e fico contente. Tudo que sei é que, como filho de Deus, adquirido graças ao sangue de Cristo, há certas coisas que eu não devo fazer, e esta é uma delas; portanto, não a farei, e sejam quais forem as conseqüências, ficarei firme".

São essas, então, as minhas conclusões! Não importa em que nível estamos contra este inimigo das nossas almas, não importa quão baixo seja o nível, contanto que nos firmemos ali. Como disse no início, este homem estava num nível muito baixo. Simplesmente se firmou no princípio, "Se eu agir assim, farei dano a estas pessoas". Ele não poderia ficar num nível muito mais baixo do que esse. Não me preocupa quão baixo é o nível. Assim que você possa achar alguma coisa que o segure, use-a. Não despreze "o dia das coisas pequenas". Não pense que você é espiritual demais para ficar num nível tão baixo. Se o fizer, cairá. Fique em qualquer ponto em que puder. Fique até mesmo num ponto negativo — quero dizer com isso que você seja capaz de dizer apenas, "Não posso fazer isso". Firme-se aí. Pois resume-se nisto: quando os seus pés estão escorregando, a coisa importante que você precisa é poder ficar firme. Pare de escorregar e deslizar. Firme os pés por um momento e aferre-se a qualquer coisa

que sirva para esse propósito; firme-se nisso e permaneça nisso: Estamos empenhados num alpinismo espiritual. As escarpas são como vidro, e você pode escorregar para aquela terrível ravina e perder-se. Digo, pois, que, se você vir alguma coisa, ainda que um pequeno ramo, agarre-se a isso, segure-o, ponha os pés no mais desprezível buraco, ou na mais estreita saliência, qualquer coisa para firmar-se e que o capacite a parar por um momento. Uma vez que você tenha detido o escorregão e o deslizamento para baixo, poderá começar a subir de novo.

Foi porque o salmista achou esse pequeno ponto de apoio e nele firmou os seus pés, que parou de escorregar. E desse momento em diante, começou o maravilhoso processo de escalar de novo, até que finalmente se achou capaz de regozijar-se mais uma vez no conhecimento de Deus, e de compreender até mesmo o problema que o tinha deixado perplexo, e dizer, "Deus é sempre bom para com Israel. Que tolo eu fui!"

3

A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO ESPIRITUAL

Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; Até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles. (vs. 16-17)

Até aqui chegamos à conclusão de que num conflito espiritual não tem a menor importância em que baixo nível você interrompe a sua queda, contanto que a interrompa. Não desdenhe o nível baixo. É melhor ter os pés no degrau mais baixo da escada do que estar no chão; é melhor achar o menor ponto de apoio do que ficar deslizando numa encosta escorregadia. Sim, pois é escalando a partir dali que você se encontrará finalmente no topo.

Mas agora devemos prosseguir, porque obviamente o salmista não parou ali. Se ele tivesse parado ali, nunca teria escrito este Salmo, e nunca poderia ter dito, "Deus é sempre bom para com Israel". O ponto de apoio foi só o começo. Ainda há vários passos mais neste maravilhoso processo porque, mesmo depois de ter-se firmado nesse ponto de apoio, continuou muito infeliz. Compreendeu o bastante para dizer, "Se eu dissesse: também falarei assim; eis que ofenderia a geração de teus filhos". Mas diz ainda, "Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado". Conquanto não esteja mais escorregando, não compreende ainda o seu principal problema. Agora não está mais caindo, não está mais em perigo de exprimir aqueles terríveis pensamentos blasfemos.

Todavia, continuava em grande angústia de coração e mente; continuava perplexo acerca dos modos de Deus para com ele. Quero de fato salientar isso, porque é um ponto de capital importância. Embora a grande, a primeira coisa que fazer seja parar de cair, não significa que agora tudo está bem com você, ou que a partir daquele momento você vê com total clareza o problema. Este homem não via com clareza; continuava em real dificuldade. Graças a Deus ele sabe o suficiente para impedir uma queda completa, mas o seu problema *é tão agudo como antes. Você tem conhecimento dessa* posição espiritual? Já esteve ali? Eu já estive ali muitas vezes. É um lugar estranho para alguém estar, mas de muitas maneiras é um lugar maravilhoso. Você tem a suster-se algo vital, apesar de que o seu problema original permaneça tão agudo como o era no início.

O que ele nos diz é isto. Ele estava firme ali; não estava mais escorregando; os pensamentos rebeldes estavam sob controle. Mas os seus pensamentos davam voltas e mais voltas em círculos, e ele estava em grande angústia de coração e mente. Isto continuou, diz ele, até ele entrar "no santuário de Deus". "Então entendi eu o fim deles". Agora há um ponto que eu devo deixar claro antes de dar mais um passo adiante. Se você examinar as várias traduções deste Salmo, verá que algumas delas sugerem que isto deveria ser traduzido, 'fiquei sobremodo perturbado, até que entrei no segredo de Deus", em vez de, "até que entrei no santuário de Deus". Mas as razões para manter "santuário" aqui me parecem incontestáveis. Uma boa razão é que todos os Salmos desta seção do

Saltério tratam do local literal, do santuário. Leia o Salmo seguinte e o 76, e verá que cada um deles faz referência ao santuário literal, físico, material. A mim me parece que isto já por si é conclusivo, inteiramente à parte doutra prova que se pode apresentar. Todavia, este é bem pouco importante porque, quando um homem entrava no tabernáculo ou no templo, entrava para estar na presença de Deus. Sob a velha dispensação, quando o povo ia ao templo, ia para encontrar-se com Deus. Era o lugar em que a honra de Deus permanecia; era o lugar em que a glória do Shekinah de Deus estava presente. Este homem certamente estava entrando na presença de Deus, mas creio que é importante lembrar que aqui santuário significa literalmente o edifício. "Até que entrei no santuário de Deus; então entendi eu." Ele se sentia infeliz; estava perplexo; estava com um problema terrível. Mas, uma vez no santuário de Deus, tudo ficou claro para ele. Ele foi endireitado e começou a subir a escada outra vez, até que finalmente chegou ao topo e pôde dizer, "Deus é sempre bom para com Israel" — sem exceção.

Há certas lições de vital importância para nós nesta porção particular. Aqui está um homem que conseguiu um ponto de apoio para os pés e agora está começando a subir. Quais são as lições? A primeira delas que sugiro é a absoluta necessidade que há na vida cristã de podermos pensar espiritualmente. Deixem-me explicar o que quero dizer. Todo o problema com o salmista até agora era que ele estava abordando o seu problema apenas em termos dos seus próprios pensamentos e do seu próprio entendimento. Isto, conta-nos ele, foi um fracasso completo. Ele tinha diante de si dois fatores — a prosperidade dos ímpios, e as dificuldades, problemas e misérias dos justos, especialmente ele próprio. Seus pensamentos seguiram mais ou menos este rumo: "Esta situação é bem clara e sem complicações. Não tem nada de intrincada. Os fatos, afinal, são fatos, e não podemos ignorá-los. Aquilo que o homem do mundo, prático e de bom senso, faz é olhar os fatos. Sendo assim, há obviamente algo errado. Sei tudo acerca das promessas de Deus; mas o que aconteceu com elas nesta situação? Como é possível que eu esteja desta maneira, e os ímpios daquela maneira, se a mensagem da Palavra de Deus é reta e verdadeira?"

Ele havia raciocinado desse modo, e tinha voltado uma e outra vez à mesma posição. Todos vocês conhecem o processo, não conhecem? Começam a pensar no problema, e ficam a girar em círculos. Tentam esquecê-lo, mergulhando no trabalho ou nos prazeres ou em alguma outra coisa. Depois vão para a cama de noite, e tudo recomeça. "As coisas vão mal comigo e bem com os ímpios; diz o irmão para si. E fica de novo rodando e rodando no mesmo círculo. Você diz: "Será que estou cometendo um erro aqui? Não, não estou; os fatos são óbvios". Essa era a posição do salmista. Qual era o problema? Digo que toda a essência da dificuldade deste homem era que ele estava pensando racionalmente, apenas, em vez de pensar espiritualmente.

Este é um princípio tremendamente importante. É muito difícil verbalizar a diferença entre pensamento meramente racional e pensamento espiritual, porque alguém pode ser tentado a dizer, "Ah, sim, aí está de novo. Eu sempre disse que o pensamento cristão é irracional". Mas essa dedução é falsa. Conquanto eu trace uma distinção entre pensamento racional e pensamento espiritual, nem por um momento estou sugerindo que o pensamento espiritual é irracional. A diferença entre eles é que o pensamento racional só fica no nível do chão; o pensamento espiritual é igualmente racional, mas abrange um nível mais elevado, como também o nível mais baixo. Abrange todos os fatos, e não simplesmente alguns deles. Desenvolverei isto mais tarde, mas o coloco deste modo agora para poder deixar claro o que quero dizer contrastando o pensamento meramente racional com o pensamento espiritual.

Com isto em mente, quero enunciar certos princípios. Primeiro, há constante perigo de cairmos de novo no pensamento meramente racional, mesmo em nossa vida cristã. Isso é uma coisa muito sutil. Sem dar-nos conta disso, embora sejamos cristãos, embora tenhamos renascido, embora tenhamos em nós o Espírito Santo, há o constante perigo de retrocedermos a um tipo de pensamento que não tem nada que ver com o cristianismo, absolutamente. O salmista era um homem devoto e piedoso, homem que tivera grande experiência nas mãos de Deus; mas, inconscientemente retornara àquele tipo de pensamento meramente racional. Talvez eu possa formular este ponto com maior clareza dizendo que pre-

cisamos aprender que a vida cristã toda é espiritual, e não apenas partes dela.

Por certo, todo cristão concordará com isto, e reconhecerá de imediato que desde o começo a perspectiva cristã da vida é uma coisa completamente diferente do modo racional de compreender a vida. Tome o que Paulo nos diz em 1 Coríntios 2. É como se ele perguntasse, por que é que algumas pessoas não são cristãs, por que seria que os príncipes deste mundo não reconheceram o Senhor Jesus Cristo quando Ele esteve aqui. A resposta, diz o apóstolo, é que eles não tinham recebido o Espírito Santo. Viam-nO somente no nível racional. Nada viam senão um aldeão; nada viam senão um carpinteiro; viam nEle alguém que não fora treinado na escola dos fariseus, e diziam que este homem não podia ser o Filho de Deus. Por quê? Porque se entregavam ao pensamento puramente racional. Estavam fazendo o que sugeri a vocês que este salmista fazia a esta altura.

O argumento dos príncipes deste mundo e de todos os que não crêem em Cristo continua sendo este. Para eles, Jesus de Nazaré era apenas um homem que nasceu e foi posto numa manjedoura, viveu, comeu e bebeu como os outros homens e trabalhou como carpinteiro. Depois foi crucificado em total fraqueza numa cruz. "Aí estão os fatos", dizem eles, "e me pedem que creia que esse é o Filho de Deus? É impossível." Que há de errado com eles? Estão pensando somente no nível racional. Acreditam na teoria da evolução e, deparando com o relato de eventos sobrenaturais, dizem, "Coisas como essas não acontecem no processo evolutivo; coisas como essas são impossíveis". Isso é pensamento racional. Você lhes fala da doutrina do novo nascimento, e eles dizem, "Claro que coisas como essa não acontecem, não existem milagres. Vemos leis na natureza; mas uma vez que você fale de milagres, estará violando as leis da natureza". Como dizia Matthew Arnold, "Milagres não podem acontecer, portanto não aconteceram milagres". Isso é pensamento racional.

Ora, todos concordamos que antes de um homem poder tornar-se cristão, tem que parar de pensar daquele jeito. Precisa ter um novo tipo de pensamento, tem que começar a pensar espiritualmente. A primeira coisa que nos acontece quando nos tornamos cristãos é que descobrimos que estamos pensando de maneira diferente. Estamos num nível diferente

Noutras palavras, tão logo começamos a pensar espiritualmente, os milagres já não são mais um problema, o novo nascimento já não é problema, a doutrina da expiação já não é problema. Temos um novo entendimento, pensamos espiritualmente. Nosso Senhor foi visitado por Nicodemos, que veio de noite e Lhe disse: "Mestre, eu tenho observado os Teus milagres; deves ser um Mestre enviado por Deus, pois nenhum homem pode fazer as coisas que fazes, a não ser que Deus esteja com ele". E evidentemente ele estava a ponto de acrescentar, "Dize-me como fazes isso; qual é a explicação?" Mas o nosso Senhor olhou-o e disse, "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus", e "Necessário vos é nascer de novo". O que Ele estava dizendo a Nicodemos era realmente isto, "Nicodemos, se você pensa que pode entender esta coisa antes de que isso te aconteça, está de fato cometendo um erro. Você nunca será cristão desse modo. Você está pensando racionalmente, está tentando compreender coisas espirituais com o seu entendimento natural. Mas não pode. Embora você seja um mestre em Israel, terá que nascer de novo. Terá que fazer-se como uma criancinha, se quiser entrar neste reino. Terá que parar de confiar-se a este poder de pensamento que como homem natural você tem, e terá que compreender a natureza deste novo tipo de pensamento, que é espiritual. Terá que nascer de novo".

Todos os que são cristãos concordarão com isso e o compreenderão. Dizemos que a dificuldade com as pessoas não cristãs é simplesmente que elas não renunciam àquele modo natural de pensar em que sempre foram instruídas, no qual foram treinadas e ao qual se entregaram. Sim; mas a posição que defendo é que você tem que fazer essa renúncia, não somente no início de sua vida cristã, nem meramente na questão do perdão de pecados e do novo nascimento. A vida cristã toda é espiritual, não apenas partes dela, não somente o começo.

Agora, o problema com tantos de nós, como foi com este salmista de antanho, é que, embora tenhamos entrado na vida cristã e partido de um nível espiritual, temos voltado ao racional quanto a problemas particulares. Em vez de pensar neles espiritualmente, retrogradamos e pensamos neles como

se não passássemos de homens e mulheres naturais. Isso é uma coisa que tende a acontecer conosco durante a nossa vida cristã inteira. Tenho ouvido muitas vezes cristãos que se encontravam em perplexidade e, até quando estavam expondo o seu problema, eu percebia que o mesmo devia-se totalmente ao fato de que tinham recaído no nível racional de pensar. Por exemplo, quando lhe acontece alguma coisa que você não compreende, no instante em que começar a sentir-se magoado contra Deus, pode ficar certo de que já recaiu naquele nível racional. Quando você se queixa de que o que lhe está acontecendo não lhe parece justo, está imediatamente rebaixando Deus para o seu próprio nível de entendimento. Foi exatamente o que este homem fez. Mas tudo na vida cristã deve ser observado do ângulo espiritual. Esta vida é, toda ela, espiritual. Portanto, tudo que nos diz respeito deve ser considerado espiritualmente — cada fase, cada estágio, cada interesse, cada desenvolvimento.

Ou deixem-me fazer esta colocação: em última instância os problemas e dificuldades da vida cristã são todos espirituais, de sorte que, no momento em que entramos nesse domínio, temos que pensar de maneira espiritual e deixar para trás a outra maneira de pensar. Isso é particularmente verdadeiro com relação a todo o problema da compreensão dos procedimentos de Deus a nosso respeito. Foi esse o problema deste homem (Salmo 73). Por que Deus permite estas coisas? — indaga ele. Por que se permite que os ímpios prosperem? Se Deus é Deus, por que Ele não os elimina da face da terra? E, por outro lado, se Deus é Deus, por que Ele permite que eu sofra como estou sofrendo no presente? Foi esse o problema, tentar entender os caminhos de Deus. Ora, em última análise há só uma resposta. Acha-se em Isaías 55:8, "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor". Essa é a resposta final. A primeira coisa que você tem que entender, Deus nos diz, é que quando vêm considerar-me a Mim e aos Meus caminhos, não devem fazê-lo nesse nível inferior em que estão habituados, porque os Meus pensamentos são mais altos do que os seus pensamentos e os Meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos. Mas, mesmo como cristãos, não nos pesa culpa constantemente aqui? Persistimos em pensar como homens e mulheres

naturais nestas questões. Vemos que a questão da salvação requer pensamento espiritual, mas nas coisas que nos sucedem o nosso pensamento é propenso a tornar-se racional outra vez e, portanto, não devemos ficar surpresos se não entendemos os caminhos de Deus, pois eles são totalmente diferentes dos nossos. A diferença entre os dois pontos de vista é semelhante a diferença existente entre o céu e a terra. E assim, quando sucede alguma coisa que não entendemos, a primeira coisa que temos que indagar de nós mesmos é, "Estou encarando isto espiritualmente? Estou lembrando que esta é uma questão do meu relacionamento com Deus? Estou seguro de que o meu pensamento é espiritual neste ponto? Ou retornei inconscientemente ao meu modo natural de pensar acerca destas coisas?

Deixem-me dar-lhes uma ilustração deveras óbvia. Com muita freqüência fico conhecendo cristãos que voltam inteiramente do pensamento espiritual para o racional quando falam de política. Sobre este assunto não parecem mais estar falando como pessoas espirituais. Todos os preconceitos do homem natural entram em cena, todas as distinções de classe e todos os argumentos mundanos. Pela conversação deles você não imaginaria que são cristãos, de jeito nenhum. Fale com eles sobre a salvação, e não deixam dúvida; fale, porém, acerca destas coisas terrenas, mundanas, e lhes pesará culpa de todos os preconceitos do homem natural, da soberba da vida e da maneira mundana de ver todas as coisas. Como cristãos, precisamos ser exortados a não amarmos o mundo com a sua "concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida". As nossas vidas devem ser coerentes. Devem ser espirituais em todos os pontos; não deve haver divergência em parte alguma. O cristão deve ver tudo de um ponto de vista espiritual.

Certa vez Spurgeon disse aos seus alunos que eles iriam descobrir que pessoas que nas reuniões de oração oraram como autênticos santos, e que geralmente se comportavam como piedosas, numa assembléia da igreja poderiam de repente virar demônios. Ah! a história da igreja prova que o que ele disse não é senão muito verdadeiro. Você vê, orando a Deus elas pensam espiritualmente. Depois vêm a uma reunião de negócios da igreja e se tornam demônios. Por quê? Porque já partem de maneira não espiritual, com base na

suposição de que há uma diferença essencial entre uma assembléia eclesiástica e uma reunião de oração. Têm dentro de si um espírito partidário, e ele vem para fora. Simplesmente porque esquecem que precisam pensar espiritualmente em tudo. Daí, o primeiro princípio que firmamos é que devemos aprender a pensar sempre espiritualmente. Se não o fizermos, logo nos veremos na mesma posição perigosa que o salmista descreve tão graficamente.

Isso me leva ao segundo princípio, que é puramente prático. Como haveremos de promover e estimular o pensamento espiritual? Como poderemos levar-nos a nós mesmos a pensar espiritualmente? Obviamente é essa a nossa grande necessidade. Bem, este homem nos diz como. "Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles." O que significa isto? Deixem-me colocá-lo deste modo. Temos que aprender a dirigir-nos, bem como todo o nosso pensamento, no domínio espiritual, e está bem claro como isto aconteceu no caso do salmista. Analisemos o processo psicológico que ele seguiu. (É fato que existe uma psicologia espiritual e bíblica, embora não se lhe chame assim muito freqüentemente.) Como foi que aconteceu no caso dele?

Creio que foi assim. Vimos que quando ele estava a ponto de dizer o que nunca deveria ser dito, pensou nos seus irmãos na fé. Isto o reteve, o firmou e o segurou. Mas, afortunadamente, ele não ficou nisso. "Tenho que considerar os meus irmãos na fé", disse ele. "Mas, quem são eles? Onde posso encontrá-los? Sempre os encontro no santuário." Assim, foi depressa para lá. Tinha ficado ausente do santuário, como todos nos inclinamos a fazer quando entramos nessa espécie de dificuldade. O problema com este homem era que os seus pensamentos giravam em torno dele próprio, caindo assim num círculo vicioso. Começamos a pensar nas coisas desse modo, ficamos acabrunhados e infelizes, e não queremos ver mais ninguém. Não queremos misturar-nos com o povo de Deus. Ficamos preocupados com os nossos problemas — os tempos difíceis que estamos tendo, a impressão de que Deus não está sendo bom para nós e de que estamos sendo tratados com muita dureza. Ficamos abatidos e com dó de nós mesmos, e aí ficamos, girando e girando nos círculos da autocomiseração. O ego está sempre no centro deste problema.

A primeira coisa que fazer, pois, é parar com essa preocupação com o próprio ego e parar de girar e girar em círculos ao nível natural!

Como, porém, sair do círculo vicioso? Sugiro que há três coisas importantes aqui. Ponho em primeiro lugar o que este homem coloca em primeiro lugar — literalmente, ir à casa de Deus. Que esplêndido lugar é a casa de Deus! Muitas vezes achamos livramento só em entrar nela. Muitas vezes eu tenho dado graças a Deus por Sua casa. Dou graças a Deus porque Ele ordenou que o Seu povo se reuna em grupos, e O cultue juntamente. A casa de Deus me livrou das "caxumbas e sarampos da alma" milhares de vezes — simplesmente por entrar por suas portas. Como funciona? Acho que funciona deste modo: o simples fato de que há uma casa de Deus aonde ir, diz-nos algo. Como é que isto veio à existência? Foi Deus quem a planejou e ordenou-a. Entender isso já por si nos coloca imediatamente numa condição mais saudável. Então começamos a retroceder na história, e a nos lembrar de certas verdades. Cá estou eu, nesta hora presente, com este problema terrível, mas a igreja cristã tem existido todos estes longos anos. (Já estou começando a pensar de maneira inteiramente diversa.) A casa de Deus cruza os séculos até o tempo do nosso Senhor. Por que existe? Qual é a sua significação? E a cura se iniciou.

Outrossim, vamos à casa de Deus e para nossa surpresa vemos outras pessoas que para lá foram antes de nós. Isso deveras nos surpreende, porque, em nosso particular acabrunhamento e perplexidade, tínhamos chegado à conclusão de que talvez não houvesse absolutamente nada na religião, e não valesse a pena continuar com ela. Mas aqui estão pessoas que acham que vale a pena continuar; e nos sentimos melhor. Começamos a dizer: talvez eu esteja errado; todas estas pessoas acham que há algo nela; elas podem estar certas. O processo medicinal prossegue, a cura vai continuando.

Daí damos mais um passo. Corremos o olhar pela congregação e de repente nos vemos fitando alguém que sabemos ter passado por um período muito pior do que aquele pelo qual estamos passado. Pensávamos que o nosso problema era o mais terrível do mundo, e que ninguém jamais sofrera como nós. Então vemos uma pobre mulher, viúva talvez, cujo único

filho morreu ou foi morto. Mas ela ainda está ali. Isto coloca o nosso problema imediatamente numa nova perspectiva. O grande apóstolo Paulo tem uma palavra para isto, como para todas as coisas. "Não veio sobre vós tentação", lembra-nos ele, "senão humana" (1 Cor. 10:13). É justamente aqui que o diabo nos pega. Ele nos persuade de que ninguém jamais sofrera esta provação antes: ninguém jamais teve um problema como o meu, ninguém mais foi tratado desta maneira. Mas Paulo diz, "Não veio sobre vós tentação senão humana" — comum aos homens — e no momento em que você recorda ao menos isso, sente-se melhor. Todos os que pertencem ao povo de Deus têm algum conhecimento disto; somos criaturas estranhas, e o pecado teve um estranho efeito sobre nós. Sempre nos auxilia em nosso sofrimento saber que outra pessoa está sofrendo também! Isto é verdade quanto a nós fisicamente, e também é verdade ao nível espiritual. A percepção de que não estamos sós ajuda a pôr a coisa na perspectiva certa. Sou parte de uma multidão; parece que isso é uma coisa que acontece ao povo de Deus — a casa de Deus nos faz lembrar isso tudo.

Depois ela nos recorda de coisas que ficaram muito lá para trás. Começamos a estudar a história da igreja através dos séculos, e relembramos o que lemos anos antes, talvez algo das vidas de alguns dos santos. E começamos a entender que alguns dos maiores santos que adornaram a vida da igreja experimentaram provações, aflições e tribulações que fazem o nosso pequeno problema perder importância. A casa de Deus, o santuário de Deus, faz-nos recordar isso tudo. E imediatamente começamos a subir, a ir para o alto, tendo agora o nosso problema em seu correto cenário. A casa de Deus, o santuário do Senhor, ensina-nos todas estas lições. As pessoas que negligenciam a freqüência à casa de Deus não estão sendo apenas antibíblicos — deixem-me falar com franqueza — são tolas. Minha experiência no ministério ensinou-me que os que são menos assíduos em sua freqüência são os mais afligidos por problemas e perplexidades. Há algo na atmosfera da casa de Deus. É-nos ordenado que venhamos à casa de Deus para encontrar o Seu povo. É ordenança de Deus, não nossa. Ordenou isso não somente para que possamos encontrar-nos uns com os outros, mas também para que venhamos a conhecê-lO melhor. Além disso, os que não fre-

qüentam a casa de Deus ficarão decepcionados um dia, porque nalguma ocasião favorecida o Senhor descerá em avivamento e eles não estarão ali. É bem tolo o cristão que não comparece ao santuário de Deus tantas vezes quantas puder, e que não lamenta quando não pode.

A segunda coisa que nos ajuda a pensar espiritualmente é a Bíblia. Mas nos dias do salmista as pessoas não dispunham da Palavra de Deus como eu e você a temos hoje. Ela não está só no santuário; é acessível em toda parte. Voltem-se para a Palavra de Deus em casa ou na igreja, não importa onde, e imediatamente ela os fará pensar espiritualmente. Ela o faz de incontáveis maneiras. Uma das razões por que Deus nos deu esta Palavra é para ajudar-nos a tratar deste problema que estamos considerando. A parte histórica na Bíblia, por si só, é inestimável, mesmo que não houvesse nada mais. Tome um Salmo como este (73) e sua história. Ler simplesmente aquilo pelo que este homem passou me reajusta, e todas as histórias bíblicas fazem a mesma coisa. Mas esse não é o único modo pelo qual Deus nos dá este grande ensinamento. Comecem a ler a Bíblia e os seus grandes ensinamentos e doutrinas, e estarão de novo lembrados dos propósitos de Deus e Sua graça para o homem. E logo começarão a sentir vergonha dos seus tolos pensamentos. Assim, de variados modos o mesmo resultado é produzido pelas Escrituras.

Depois, ela contém ensinamento explícito sobre a questão do sofrimento dos justos. Paulo escreve a Timóteo, que estava pronto para lamentar e queixar-se quando as coisas iam mal, e lhe diz, "E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições" (2 Timóteo 3:12). Timóteo não podia entender isso. Estava temeroso porque via que os servos de Deus estavam sendo perseguidos, e muitos servos de Deus têm sentido a mesma coisa daí por diante. Em outra ocasião Paulo, falando às primeiras igrejas cristãs, dizia-lhes que, "através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus". Se captarmos o ensino de Paulo às igrejas cristãs primitivas, não ficaremos surpresos com as coisas que nos acontecem. Na verdade, ao invés de ficarmos surpresos com elas, quase chegamos ao ponto de esperar por elas, condição em que sentimos como se disséssemos: se não estou tendo dificuldades, o que está errado comigo? Por que as coisas vão indo tão bem comigo? Noutras palavras,

toda a atmosfera da Bíblia é espiritual e quanto mais a lemos, mais livres ficaremos do nível racional, e mais elevados àquele nível superior onde vemos as coisas no plano espiritual.

Apenas uma palavra sobre o outro auxílio essencial — oração e meditação. É isso que ocorre no santuário de Deus. O salmista não foi meramente ao edifício, foi encontrar-se com Deus. O santuário é o lugar em que a honra de Deus habita, o lugar de encontro de Deus e Seu povo. Quando ficamos face a face com Deus e meditamos nEle, é que finalmente nos libertamos daquele baixo nível do pensamento racional e recomeçamos a pensar espiritualmente. Pergunto-me se há alguém que tenha ficado surpreso porque não coloquei a oração em primeiro lugar, ou pelo menos antes deste ponto. Estou certo de que há algumas pessoas assim, porque sei de bom número de cristãos que têm uma resposta universal para todas as questões. Não importa qual seja a questão, sempre dizem, "Ore sobre isso". Se um homem nas condições do salmista viesse a algum deles, este lhe diria: "Vá orar acerca disso". Que fácil, superficial e falso conselho essas palavras podem ser muitas vezes — e estou dizendo isso de um púlpito cristão! Pode ser que perguntem: "Alguma vez será errado dizer aos homens que façam dos seus problemas um assunto de oração?" Nunca é errado, mas às vezes é completamente fútil. O que quero dizer é isto: todo o problema com este pobre homem (Salmo 73) era, num sentido, que ele estava tão atordoado em seu pensamento acerca de Deus, que não podia orar a Ele. Se temos na mente e no coração pensamentos confusos sobre o modo de Deus nos tratar, como podemos orar? Não podemos. Antes de podermos orar verdadeiramente, precisamos pensar espiritualmente. Nada há mais fátuo do que tagarelar sobre a oração, como se a oração fosse uma coisa para a qual sempre pudéssemos correr imediatamente.

Caso duvidem da minha palavra, deixem-me citar um dos maiores homens de oração que o mundo já conheceu. Refiro-me ao grande George Müller, de Bristol. George Müller, fazendo preleção a ministros em particular, sobre esta questão da oração, disse-lhes que durante muitos anos a primeira coisa que fazia todas as manhãs de sua vida era orar. Todavia, veio a descobrir que esse não era o melhor método. Aprendera que, a fim de orar verdadeira e espiritualmente, ele tinha que estar no Espírito, e que precisava preparar-se pri-

meiro. Descobrira que era bom e sumamente útil, e agora lhes recomendava enfaticamente, que sempre lessem uma porção da Bíblia e talvez algum livro de devoção antes de começarem a orar. Noutras palavras, ele havia aprendido ser necessário pôr em ordem a si próprio e a seu espírito, antes de poder orar verdadeiramente a Deus.

Ora, foi exatamente isso que aconteceu a este salmista. Estava num círculo vicioso e, pensando como pensava, não podia orar porque todo o seu pensamento estava errado. Vejam, nos passos que enumerei, o seu pensamento foi corrigido, e então passou a estar na condição certa para orar. Muito freqüentemente desperdiçamos nosso tempo pensando que estamos orando quando não estamos orando, de modo nenhum. Muitas vezes não passa de um clamor em desespero. Toda a nossa mente está errada, como também a nossa atitude, e desse jeito não podemos orar. Precisamos tomar tempo para orar. Não temos começado a orar a Deus enquanto não percebermos a Sua presença, e não percebemos a Sua presença enquanto o nosso pensamento acerca dEle não estiver certo. Paulo disse outra vez aos filipenses, "Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne" (Filp. 3:3). Devemos orar "no Espírito". Devemos estar preparados espiritualmente, e isto significa que o nosso pensamento é reto e verdadeiro. Assim, os passos estão perfeitamente certos — a casa de Deus, a Palavra de Deus, a oração a Deus e comunhão com Deus. Deste modo, tendo compreendido que todos aqueles outros pensamentos eram blasfemos e errôneos, quando o nosso espírito está limpo e banhado, voltamos para Deus e O encaramos, e o nosso espírito acha repouso. É esse o processo, ou, melhor, esse é o começo. Não terminamos ainda, mas já conseguimos um ponto de apoio, e é assim que o processo continua. Em aflição, "até que entrei no santuário de Deus" — e me vi face a face com Ele.

4

ENCARANDO TODOS OS FATOS

"Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles." (vs. 16-17)

Agora temos que ir adiante, porque o processo de recuperação do salmista não parou com a sua ida ao santuário. Esse passo é vital, e devo tornar a salientá-lo. Mas não basta. Este homem foi ao santuário de Deus, e só isto colocou o seu pensamento na atmosfera certa. Mas ele foi além. Que lhe aconteceu no santuário? Ele nos conta. "Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles."

A primeira palavra de que temos que tratar é esta, "entendi". Este é, volto a dizer, um daqueles grandes e fundamentais princípios da nossa fé que com tanta facilidade podemos esquecer. O que encontramos no santuário de Deus não é apenas uma influência geral, não é apenas uma questão de atmosfera. Quando este homem foi ao santuário de Deus, foi-lhe dado *entendimento.* Não se sentiu melhor, apenas; foi corrigido em seu pensamento. Não apenas esqueceu o seu problema por algum tempo; achou uma solução.

Pergunto-me como se pode colocar isto com simplicidade e clareza. Esse ponto é sumamente importante. A religião não deve agir como uma droga narcotizante em nós. No caso de certas pessoas ela de fato age como tal. Talvez seja uma coisa horrível de se dizer, mas, para ser sincero tenho que dizê-la. Há freqüentemente, demasiado freqüentemente, justificativa para a acusação de que a religião não passa de "ópio do povo". Para muitos ela é uma forma de narcótico, e nada mais, e sua idéia da casa de Deus e do culto é só de um lugar onde

eles podem esquecer os seus problemas provisoriamente. Essa é a razão por que podem interessar-se pelo aspecto estético — um belo culto num belo cenário. Não estão interessados na exposição da Verdade — daí sua preferência por sermões curtos. Só estão interessados num efeito calmante geral e, enquanto estão no culto, esquecem os seus problemas. "Como é agradável! Que beleza" — dizem. Mas essa não é a religião da Bíblia. "Então entendi eu o fim deles." O que aconteceu com este homem não é que ele foi ao templo — à igreja, como se diz — e que, ouvindo o som de uma bela música do órgão, e olhando os vitrais e a bela iluminação, gradativamente começou a sentir-se um pouco melhor e esqueceu temporariamente os seus problemas. Não! Havia alguma coisa racional — "então entendi eu o fim deles" — havia algo que envolvia o entendimento.

Nunca foi propósito da verdadeira religião produzir um efeito geral. A Bíblia é uma revelação dos procedimentos de Deus com respeito ao homem. Seu objetivo é dar "entendimento". Se a nossa prática da religião não nos dá entendimento, então ela é uma coisa que bem pode ser que nos cause dano, e ser-nos-ia melhor ficar sem ela. Estou certo de que não preciso acentuar muito a vital importância disto. Há muitas coisas que poderíamos fazer, as quais nos fariam sentir melhor temporariamente. Há muitas maneiras de esquecer por um pouco de tempo os nossos problemas. Uns vão ao cinema, outros correm aos bares ou à garrafa de bebida alcoólica guardada em casa. Sob seus efeitos e influências sentem-se muito melhores e mais felizes; seus problemas já não parecem tão graves. Outros correm às seitas, como a Ciência Cristã, por exemplo, que filosoficamente é um lixo, mas que muitas vezes faz a pessoa "sentir-se melhor". Há muitos modos de dar alívio temporário, mas a questão é: eles dão entendimento? Ajudam-nos realmente a entender o nosso problema?

Pois bem, essa espécie de falso conforto pode ser dado na casa de Deus. Há alguns que parecem pensar que a coisa certa que fazer na casa de Deus é simplesmente pôr-se a cantar corinhos e certo tipo de hinos até ficar quase num estado de intoxicação. Na verdade, o culto todo tem em vista certo "condicionamento". As pessoas ficam sob alguma influência emocional, e se sentem melhor. O mundo faz isso.

Faz as pessoas cantarem canções cômicas ao som de música apropriada, e elas, sob a sua influência, são levadas a um estado em que decididamente se sentem melhor, momentaneamente. Tudo isso pode ser do próprio diabo, pois a prova do valor dessas coisas não é se isso me faz sentir melhor ou não, mas sim, se me dá entendimento. "Então entendi eu."

Jamais nos esqueçamos de que a mensagem da Bíblia é dirigida primariamente à mente — sim, ao entendimento. Quanto ao evangelho, não há nada que cause maior satisfação do que isto. Ele não me dá uma experiência, pura e simplesmente; ele me capacita a entender a vida. Eu obtenho conhecimento; eu obtenho entendimento; eu sei. Posso dar "a razão" da esperança que há em mim. Não digo apenas que, "havendo eu sido cego, agora vejo", sem saber por que ou como. Eu sei; posso dar razões da esperança que há em mim. Graças a Deus que este homem, (Salmo 73) quando entrou no santuário de Deus, achou uma explicação. Não foi meramente um alívio temporário que ele recebeu; não foi uma espécie de injeção que lhe aplicaram para mitigar a dor momentaneamente, nem um tratamento que deixaria o problema ainda presente, de modo que quando ele chegasse em casa e passasse o efeito, estaria de novo onde estivera antes. Absolutamente não. Tendo começado a pensar corretamente no templo de Deus, ele foi para casa e continuou a pensar direito. E isso acabou levando-o a produzir este Salmo!

Entendimento! Vocês sabem em que têm crido? Sabem em que crêem? Têm interesse na doutrina cristã? Qual é o principal desejo de vocês? É simplesmente serem felizes ou conhecerem a verdade? Esta é uma das mais penetrantes perguntas que se pode fazer ao povo cristão. Não permita Deus que sejamos pessoas buscando apenas entretenimento, e cujos serviços religiosos dele se abastecem. Falo para advertir, porque há um risco muito real disto. Uma vez tive que falar num congresso bíblico famoso. Estive lá quatro dias e cada culto tinha como introdução quarenta minutos de música de vários tipos. Não ouvi a leitura das Escrituras nem uma só vez durante o tempo todo daquele congresso bíblico. Um amigo meu teve uma experiência parecida numa famosa igreja de certo continente. Muitas pessoas estavam sendo consagradas para o trabalho nos campos missionários naquela manhã, e houve também a ministração da Ceia. Houve dois hinos en-

toados pelo coro, três solos e uma oração bem curta. Mas as Escrituras não foram lidas, de maneira nenhuma. E aquela igreja goza grande reputação como uma igreja evangélica, bíblica. Não obtemos entendimento daquele jeito — com entretenimento musical e minimizando a leitura e exposição das Escrituras. Isso é uma caricatura do quadro bíblico de uma igreja. "Então entendi eu." É porque tantos são os que não compreendem isso, que estão sempre resmungando e se queixando; e também é essa a razão por que tanta gente não tem nenhum real discernimento dos tempos pelos quais estamos passando.

Muito bem, essa foi a primeira coisa que entrar no santuário fez pelo salmista. Deu-lhe entendimento, colocou-o sobre os seus pés. Mas devemos levar isso mais longe. Como lhe foi dado entendimento? A resposta é que o que lhe aconteceu no santuário ensinou-o a pensar direito. Noutras palavras, não somente o nosso pensamento deve ser recolocado em sua própria atmosfera, não somente deve tornar-se espiritual, em vez de ser meramente racional; deve haver uma correção nas minúcias também. Foi isso que aconteceu com este homem.

Dividamos isto assim. Diz-nos ele que em primeiro lugar certos defeitos gerais do seu pensamento foram corrigidos, e em seguida conta-nos que também certos aspectos particulares do seu pensamento foram corrigidos. No momento trataremos principalmente dos gerais. Aqui, a primeira coisa necessária é que o nosso pensamento seja integral, e não parcial. A queda deste homem fora sustada, mas ele continuava infeliz. Estava em agonia mental, até que entrou no santuário de Deus. "Então entendi eu o fim deles." Eis aqui o que ele tinha esquecido! Seu pensamento, percebeu, tinha sido incompleto.

Suponho, em última análise, que um dos nossos problemas básicos é que o nosso pensamento tende a ser parcial e incompleto. Vocês se lembram daquela linha dos escritos de Matthew Arnold, "Quem viu a vida resolutamente, a viu completa". Não se pode dar a um homem maior cumprimento do que dizer-lhe que ele viu a vida resolutamente e que a viu completa. Creio que foi o finado conde de Oxford e Asquith que uma vez disse que o maior dom que um homem poderia ter era a capacidade para o que ele denominou pensamento

"cúbico", a habilidade de ver todos os lados de um assunto. A verdade é como um cubo, e devemos ver todas as suas facetas. Falhar em fazer isso (descobriremos ao analisarmos a nós mesmos) é o problema da maioria de nós. Tome o salmista, por exemplo. Foi essa obviamente a raiz de todo o seu problema. Ele estava olhando só um lado, e não via nada mais, e isso o pegou e o segurou. Que aconteceu quando ele entrou no santuário de Deus? Começou a ver os outros lados do cubo. Começou a ver as coisas como um todo em vez de meramente em parte.

Não é esse exatamente o problema com o preconceito? Todos nascemos neste mundo como criaturas preconceituadas; e na maior parte os erros hão de ser, em última instância, explicados em termos de preconceito. O preconceito é um poder que prejulga as questões e o faz por bloquear todos os aspectos da verdade, exceto um. Esse não permitirá que *vejamos os outros. As pessoas culpadas de preconceito* invariavelmente evidenciam a origem do seu problema. Elas dizem: "Eu sempre disse isto". Exatamente. Não querem ver nenhum outro lado. O preconceito nos prende a uma só faceta e jamais nos permitirá mudar. O resultado é que ficamos *cegos para todos os demais lados. Isto explica grande parte* da tragédia do mundo, e certamente explica muitos de nossos erros.

Ora, minha opinião é que todos os que não são cristãos estão realmente nessa condição, porque não vêem a situação toda. É isso que explica a descrença, é isso que explica a maioria dos erros que as pessoas cometem na vida. Tome, por exemplo, o materialismo. A filosofia do materialismo já não é tão popular como foi. Para o fim do século passado ela era a filosofia dominante; tudo era explicado à luz dela. Já não é popular, porque a novel física nuclear está realmente esmagando toda a filosofia materialista, pois aquela nos diz que mesmo os objetos materiais estão cheios de movimento e força. Nada é estático ou inerte. Há forças, poderosas forças, em toda parte, e o que chamamos de matéria não é nada senão poderosa energia atômica que mantém juntas certas coisas. Se se dissesse isto há cinqüenta anos, teria sido considerado uma blasfêmia científica. A perspectiva materialista estava no comando. Por quê? Estavam olhando somente um lado; não

conheciam todos os fatos. Agora a visão materialista da matéria teve que deixar a cena.

Posso ilustrar a mesmo coisa nos domínios da medicina. O que se faz na medicina hoje — e deixem-me lembrar-lhes de que há modas até na medicina — é falar sobre medicina psico-somática. Afinal, a profissão médica descobriu que o paciente propriamente dito é importante. Até recentemente o seu interesse parecia estar na doença ou em partes particulares do corpo humano, enquanto que o paciente mesmo era ignorado. Um homem ia a um médico e o médico só se interessava pelas dores que ele sentia no estômago. E os médicos explicavam as dores de estômago como devidas, assim pensavam eles, a condições localizadas no estômago — acidez, etc. Nos meus dias de estudante, se me perguntassem qual a causa mais comum da dor de estômago, e eu dissesse, "preocupação e angústia", achariam que havia algo errado comigo e rejeitariam a minha resposta como anticientífica. Mas agora descobriram que esse é realmente a resposta. O corpo humano e o seu funcionamento não é só matéria física; sua mente é igualmente importante no contexto da sua saúde. A angústia, a preocupação, todas essas coisas fazem a mente enviam mensagens a partes locais do corpo. O corpo não é só matéria, nem só material. Hoje se compreende a importância da mente, apesar de que até agora o elemento ou fator espiritual ainda não é reconhecido. Queira Deus que logo eles venham a ver que o espírito é tão importante como a psiquê.

Do mesmo modo eu poderia mostrar-lhes que toda a idéia sobre o homem como uma unidade econômica se baseia na mesma falácia. O problema é que eles vêem somente um aspecto. Quando dizem que isso é tudo, simplesmente revelam preconceito e esquecem outros fatos, igualmente importantes. Para os que acreditam na economia, todo o problema do homem é econômico. Não, diz outro homem, não a economia, mas a biologia, e este por sua vez está pronto para sugerir que a pessoa toda e todo o seu comportamento podem ser explicados em termos do equilíbrio das suas glândulas endócrinas.

Outros dizem que tudo isso está completamente errado, e que o homem é essencialmente intelectual. Parecem pensar nele como puro intelecto assentado num vácuo, inteiramente racional, sem nenhum outro fator em sua constituição! Não

vamos desenvolver mais isto, mas não é óbvio que o problema com todas estas teorias é que olham só um lado, um aspecto, e assim as suas soluções são parciais e incompletas? O que elas estão esquecendo, e o que tantas outras estão esquecendo, é a própria vida. Estão esquecendo os sentimentos, e fatores como as emoções. Estas coisas são deixadas fora e, contudo, elas são parte integrante da vida; na verdade, são centrais. Cobiças, desejos, pecado, mal, todas estas coisas entram no quadro, todos estes fatos fazem-nos o que somos e fazem a vida o que ela é. "Existem mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que as sonhadas por sua filosofia." É isso que devemos dizer ao homem moderno. Essa foi a colocação feita por Shakespeare. E é bem provável que Browning o disse melhor. Lembram-se daquele grandioso poema, *Bishop Blougram's Apology* (A Defesa do Bispo Blougram)? Lembram-se da entrevista entre o velho bispo e o jovem jornalista que ficara insatisfeito com a religião cristã? O jovem ia repensar a vida completamente. Ia romper com tudo que lhe tinham ensinado no passado, ia estudar bem as coisas todas e elaborar uma nova filosofia. O velho bispo disse, noutras palavras: Você sabe, eu já fui moço e fiz exatamente a mesma coisa. Eu achava que tinha perfeito entendimento, juntava todas as partes componentes, tinha um esquema completo e uma filosofia de vida; eu achava que nada poderia derrubar isso, mas — "Exatamente quando estamos mais seguros, há um toque do ocaso". Precisamente quando pensamos que temos a vida toda "bem arrumada", precisamente quando pensamos que a nossa filosofia está perfeita,

> Exatamente quando estamos mais seguros,
> há um toque do ocaso,
> uma fantasia de campânula,
> a morte de alguém,
> o final de um coro de Eurípedes,
> e isso é suficiente para cinqüenta
> esperanças e temores, —
> o grande Talvez.

Vejam o que Browning quer dizer. Com a nossa mente racional traçamos o nosso plano de vida e achamos que podemos explicar tudo, e que estamos preparados para tudo.

Mas justamente depois de ter feito isso, fazemos, talvez, um passeio pelo campo — contemplamos o pôr do sol, um esplêndido e dourado pôr do sol que nos comove até às profundezas do nosso ser de um modo inexplicável. Ou pode ser "uma fantasia de campânula" ou "a morte de alguém". A nossa filosofia não inclui isto, nem o explica. Há um mistério nisto que não podemos penetrar. "O grande Talvez"! No fim das contas há algo mais que está além, acima e por trás de tudo que podemos compreender.

"E isso é suficiente para cinqüenta
esperanças e temores, —
o grande Talvez."

Ou, como o coloca Tennyson:

Nossos sisteminhas têm seu dia
e logo deixam de existir;
são só fragmentos da Tua luz,
e Tu, Senhor, és mais do que eles.

É isso que o homem vê quando entra no santuário de Deus. Começa a ver as coisas como um todo, lembra-se de coisas que esquecera ou ignorara. O apóstolo Paulo coloca isto numa frase maravilhosa. Houve um tempo em que ele odiava o nome de Jesus de Nazaré e perseguia o Seu povo. Ele achava que estava prestando serviço a Deus quando matava cristãos. Mas quando O viu e veio a conhecê-lO, tudo se tornou novo e, refletindo sobre a sua vida antiga, disse: "Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o nazareno, devia eu praticar muitos atos" (Atos 26:9). Precisamente. Ele pensava "consigo próprio", em vez de pensar com Cristo. Era preconceito. "Eu pensava comigo mesmo" (como diz a versão usada pelo autor). Enquanto eu e você pensarmos conosco mesmos, nunca veremos a vida verdadeira.

Não é este o problema todo da vida de hoje? Li um livro destinado a dizer-nos como a vida deve ser regulada e dirigida neste país. É um livro eficiente; a argumentação, achei, é muito convincente. O esquema para a direção econômica e social deste país parecia perfeito. Mas havia um defeito: o homem que o escreveu nada sabia acerca da doutrina do pecado. Se todos neste país fossem perfeitos, aquele esquema seria perfeito. Mas o autor esqueceu que os homens e mu-

lheres não vivem por ideais, e sim por desejos, que somos governados pelo que queremos e por aquilo de que gostamos. Temos paixões e cobiças. Somos criaturas marcadas pela avareza e pela inveja, por anseios e pela sensualidade. Essas coisas estão em nossa própria constituição. O próprio homem fora esquecido naquele livro; e essa é a falácia máxima e a causa do fracasso de todos os sistemas idealistas já propostos pelo homem. Podemos planejar abolir a guerra e estabelecer um permanente estado de paz neste mundo. Tais planos são todos perfeitos na teoria, mas esquecem a avareza, esquecem o desejo, esquecem estas fraquezas que estão na natureza humana, e ainda na própria mente do homem. Podemos produzir um esquema perfeito, e depois alguém — talvez um membro do próprio grupo ou congresso que planejou o esquema — de repente deseja algo mais, e o nosso esquema perfeito dá em nada.

Temos que encarar todos os fatos. "Então entendi eu o fim deles." Havia fatos que ele não tinha considerado, havia elementos não abrangidos por ele. Inclua todos os fatos; pense como um todo; pense em você mesmo como um todo. Dê-se conta da condição corrupta da sua própria natureza humana. Dê-se conta igualmente de que você não é apenas corpo. Existem outros fatores na vida e, a menos que você os tenha considerado, não conhece verdadeiramente a vida. Estas outras coisas importam. Erga os olhos para o "misterioso universo" e tente explicá-lo. Veja como você se encaixa nele. Veja o seu mistério e a sua maravilha. Você pode reduzir isso tudo ao nível material somente? Claro que não; nem mesmo o cientista pode. Ou, tomemos um livro de História. Vejamos como funciona a História, observemos os seus processos. Poderemos, realmente, explicar a História toda em termos da evolução? Enfrentemos os fatos. Ah! a insensatez do homem que diz que os homens estão ficando cada vez melhores automaticamente! Poderia alguém dizer, à luz das coisas que estamos lendo constantemente nos jornais, que o homem está no rumo da perfeição, que é melhor do que era? Leiamos a História, olhemo-la como um todo, e veremos que o homem ainda se comporta como o homem em pecado sempre se comportou.

Agora olhem para Cristo. Olhem Sua vida, olham o registro do que Ele fez. Detenham-se diante da cruz, encarem-na e tentem explicá-la. Depois olhem para a história da Igreja, dos mártires e dos santos. Abranjam tudo. Não se contentem

com nada menos que tudo. Depois subam à altura máxima e se ponham diante de Deus. A falta de pensamento verdadeiro é o nosso problema principal, pois se não pensarmos em todos os aspectos e fases, se não encararmos todos os fatos, inevitavelmente nos extraviaremos. Portanto, se alguém acha que tem algum ressentimento contra a vida e contra Deus, e se tem pena de si mesmo, tenho apenas uma palavra para dizer-lhe: vá depressa ao santuário; considere todos os fatos; recorde as coisas que esqueceu.

Há, todavia, mais um princípio. Este homem viu que o seu pensamento não apenas deixara de levar em consideração todos os fatos, viu também que não pensara nas coisas de forma exaustiva. Muitos dos problemas da vida hoje se devem ao fato de que as pessoas ainda continuam a não pensar bem nas coisas. Este homem só olhava a prosperidade dos ímpios. Mas quando entrou no santuário de Deus, logo pôde dizer: "Então entendi eu o fim deles".

Esse é um grande tema da Bíblia. Tiago tem uma importante palavra para dizer sobre o caso de Jó. Diz ele: "Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu" (Tiago 5:11). Jó passara por um duro período, e não podia entender aquilo. Ele não tinha pensado no "fim" visado pelo Senhor. O epílogo da história, conforme o último capítulo do livro, é que Jó, que fora despojado de tudo, acabou tendo muito mais do que tivera. Esse é "o fim" que o Senhor teve em mente. Prossiga até o fim. Não pare a meio caminho. Não é esse o argumento do Salmo 37? O que o salmista diz lá é que tinha visto o ímpio com grande poder e espalhar-se como uma árvore verdejante, mas quando chegou o fim, ele tinha desaparecido da face da terra e ninguém podia achá-lo. Daí ele diz, "Nota o homem sincero, e considera o que é reto, porque o futuro" (ou "o fim") "desse homem será de paz" (versículo 37). A importância do "fim" é algo constantemente salientado na Bíblia.

O nosso Senhor expressou isto uma vez para sempre no sermão do monte: "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem". Vejamos o que Ele está dizendo. Olhem a porta larga, quão maravilhosa parece! Podem entrar com a multidão,

podem fazer o que todos os demais estão fazendo, e eles estão sorrindo e brincando. Largos e espaçosos são a porta e o caminho. Tudo parece tão maravilhoso! E a outra porta parece tão miserável — "estreita é a porta". Um por vez, uma decisão pessoal, combater o ego, tomar a cruz. "Estreita é a porta, e apertado o caminho." E é porque só olham para o começo que tantas pessoas estão no caminho largo. Que é que há com elas? Não olham para o fim. "Larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição." Estreita é a porta, e apertado o caminho", mas — e esse é o fim — esse "leva à vida".

O fim de um é perdição, do outro, vida. O problema da vida hoje é que as pessoas só olham para o começo. Sua visão da vida é o que podemos denominar visão cinematográfica da vida, ou de estrela de cinema. Sempre atrai, e todos os que levam essa vida, aparentemente estão tendo um tempo maravilhoso. Pena é que muitos jovens são levados a pensar que isso é vida, e que viver sempre desse modo deve ser a suprema felicidade. Mas olhem o fim dessas pessoas. Vejam-nas entrando e saindo dos tribunais de divórcio, transformando o casamento em prostituição legalizada, indignas de terem filhos por causa do seu egoísmo e porque não saberiam criá-los. Mas as pessoas se sentem atraídas pela aparência. Olham somente para a superfície; olham apenas para o começo. Não olham o fim desse tipo de vida; não dedicam pensamento nenhum ao resultado final. Todavia, é verdade hoje, como sempre foi, e a Bíblia sempre o disse, que o fim dessas coisas é "perdição".

Não há nada tão desesperador no mundo. em última análise, como a bancarrota da visão não cristã da vida. Vocês sabem que Charles Darwin, autor de *A Origem das Espécies*, confessou no fim da vida que, como resultado de concentrar-se num só aspecto da vida, perdera a capacidade de desfrutar poesia e música e, em grande parte, até mesmo a capacidade de apreciar a própria natureza? Pobre Charles Darwin! Aquele que costumava desfrutar poesia quando jovem, agora, infelizmente, em sua velhice não achava prazer nela, e a música veio a não significar nada para ele. Concentrara-se tanto nos pormenores de uma área da vida, que deliberadamente restringira o seu campo de visão, em vez de deixar que o glorioso panorama do todo lhe falasse. O fim de H. G. Wells foi

bem semelhante. Aquele que reivindicara tanto em favor da mente e do entendimento humano, e que ridicularizara o cristianismo com as suas doutrinas do pecado e da salvação, no fim da vida confessou-se completamente frustrado e desnorteado. O próprio título do seu último livro — *Mind at the End of its Tether* (A Mente sem mais Recursos) — dá eloqüente testemunho do ensino bíblico sobre a tragédia do fim dos ímpios. Ou considerem a frase da autobiografia de um racionalista como o dr. Marrett, que foi diretor de uma faculdade em Oxford. Ele escreve algo assim: "Mas para mim a guerra trouxe repentino fim ao longo verão da minha vida. Doravante *não tenho nada para prelibar, senão um frio outono e ainda* mais gélido inverno e, contudo, devo de algum modo tentar *não cair no desânimo*". A morte dos ímpios é coisa terrível. Leiam as biografias deles. Seus dias brilhantes findaram. Que têm eles agora? Não têm nada para antegozar e, como o finado Lord Simon, procuram consolar-se revivendo seus sucessos e triunfos do passado. É esse o fim dos ímpios.

Contrastem isso com a vida piedosa, que na superfície parece, a princípio, estreita e mísera. Mesmo um profeta venal como Balaão, mau como foi, entendia um pouco disso. "Que eu morra a morte dos justos, e o meu fim seja como o dele", disse ele. Noutras palavras, "Tenho que dizer isto, estes justos sabem morrer; eu gostaria de poder morrer como eles". No Livro de Provérbios lemos que "o caminho dos ímpios é como a escuridão". "Mas a vereda dos justos é como a luz da *aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito*" (Provérbios 4:19,18). Que glória! Voltemos ao Salmo 37: "Nota *o homem sincero, e considera o que é reto, porque o futuro* desse homem será de paz". E depois ouça o apóstolo Paulo. A despeito de todas as suas tribulações e perseguições, suas provações e decepções, ouça-o como ele enfrenta o fim: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e (graças a Deus por isto) não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda" (2 Timóteo 4:6-8). Essa é a maneira de morrer; essa é a maneira de terminar. Uma das mais orgulhosas alegações de

John Wesley em favor dos seus primeiros metodistas era, "Nossa gente morre bem".

A Bíblia em toda parte nos concita a considerarmos o nosso "inevitável fim". Não freqüentemos a igreja simplesmente para considerar as nossas perspectivas presentes; consideremos o nosso inescapável fim. "O fim." Como seria glorioso para nós todos, poder encará-lo como o fez o apóstolo Paulo, e poder dizer, "Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia". O modo de alguém poder dizer isso, e de estar certo de que receberá aquela coroa, é primeiro olhar as duas possibilidades, *vendo-as como um todo*, e, *tendo feito isso, ir imediatamente* a Deus e confessar a sua cegueira, o seu preconceito, a sua insensatez em confiar em seu próprio entendimento, e então pedir-Lhe que o receba. Diga-Lhe que você aceita a Sua mensagem concernente a Jesus Cristo Seu Filho unigênito, que veio ao mundo para morrer por teus pecados e para libertar-te. Renda-se a Ele e confie nEle e em Seu poder. Entregue-se incondicionalmente a Ele em Cristo, e verá a vida com inteireza e bem-aventurança que você jamais conheceu antes. E o fim será glorioso. Sua vereda será como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais, por mais escuro que o mundo possa ficar e, mesmo na sombra da morte, irá brilhando mais e mais até o dia perfeito. "Então entendi eu o fim deles."

5

COMEÇANDO A COMPREENDER

Certamente tu os puseste em lugares escorregadios:
tu os lanças em destruição.
Como caem na desolação, quase num momento!
ficam totalmente consumidos de terrores.
Como faz com um sonho, o que acorda,
assim, ó Senhor, quando acordares,
desprezarás a aparência deles. (vs. 18-20)

Temos chegado ao ponto em que vimos o pensamento do salmista corrigido de modo geral. Prosseguimos agora, para considerar como ele foi corrigido também em certos aspectos particulares.

Como vimos no capítulo anterior, ele descobriu que o seu pensamento sobre os ímpios fora sumamente defeituoso. Ali estava ele no templo. Mas qual era a origem do templo? Essa pergunta o fez considerar toda a história do povo de Deus e de todos os seus inimigos, e a oposição que teve de enfrentar e subjugar. E sempre a narrativa era que Deus libertara Seu povo e derrotara os seus inimigos. A história da igreja cristã deveria fazer a mesma coisa por nós. Lord Macaulay disse uma vez: "Ninguém que esteja corretamente informado quanto ao passado estará inclinado a ter uma melancólica e desalentadora visão do presente". Se isso é verdade em geral, é particularmente verdadeiro nos domínios da fé cristã. É a nossa ignorância da história da igreja, e particularmente da história registrada na Bíblia, que tão freqüentemente nos faz tropeçar e desesperar.

Então, qual é o ensino da Bíblia com respeito a isto? A primeira coisa que vemos é que ela nos dá história real. É impossível lembrarmos demais de narrativas como as do dilúvio, de Sodoma e Gomorra, dos filisteus, assírios, babilônios e de Belsazar. Todas elas ensinam a mesma lição, a vitória de Deus sobre os Seus inimigos. Sobressaindo a todas elas, porém, vem o grandioso fato da ressurreição, que mostra Deus triunfando finalmente sobre o diabo e todas as suas forças. Vê-se a vitória, em sua continuação, em Atos dos Apóstolos, e uma grande visão do fim nos é dada no Livro de Apocalipse.

A história da igreja cristã, desde os dias dos apóstolos, dá continuidade à mesma narração. Sabemos o que aconteceu com todos os poderes, quais sejam o dos judeus, o dos romanos, etc., que tentaram exterminar a igreja cristã. Também conhecemos as histórias épicas dos mártires e dos primitivos cristãos fiéis diante dos perseguidores, da Igreja Waldense, dos primeiros protestantes, dos puritanos e dos pactuários (*Covenanters*). Na verdade, este mesmo século em que vivemos nos tem fornecido ainda outras provas.

A Bíblia, todavia, não faz mero registro da história. Ajuda-nos a entender o sentido da história. Ensina certos princípios com muita clareza. O primeiro é que todas as coisas, mesmo os poderes do mal, estão sob a mão de Deus. Como o salmista o expressa aqui, no versículo 18, "Certamente os puseste em lugares escorregadios". Eles não são agentes livres. Nada acontece à parte de Deus. "O Senhor reina." "Por mim reinam os reis." É de vital importância que entendamos a doutrina da providência. Esta pode ser definida como, "Aquele continuado exercício da energia divina pelo qual o Criador mantém todas as Suas criaturas, age em tudo que há pelo mundo, e dirige todas as coisas para o seu fim determinado". Deus é sobre todos e, como lemos no Salmo 76:10, "Porque a cólera do homem redundará em teu louvor, o restante da cólera tu o restringirás". Em conexão com isto, devemos lembrar-nos da vontade permissiva de Deus. Está além do nosso entendimento, mas nos é claramente ensinado que Ele permite que certas coisas aconteçam para os Seus próprios propósitos.

Outra coisa que vemos claramente aqui é que toda a situação dos ímpios é precária e perigosa. Eles estão em "lugares escorregadios". Tudo que eles tem é apenas temporário. O salmista viu subitamente com clareza o que Moisés viu quando escolheu "antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado". A

velhice e a decadência, a morte e o juízo, são inevitáveis. A coisa mais terrível acerca do pecado é que ele cega os homens, impedindo-lhes a percepção disto. Parece que eles não vêem que sua pompa e glória são por pouco tempo. "O Senhor reina; tremam as nações."

O salmista viu isso tão claramente no santuário de Deus que, não somente deixou de invejar os ímpios, mas dá-nos a impressão de que até começou a sentir tristeza por eles quando compreendeu a verdade sobre a situação deles. Assim, o seu pensamento a respeito dos ímpios foi corrigido, e talvez não exista melhor teste da nossa própria profissão de fé cristã do que este. Sentimos tristeza pelos ímpios em sua cegueira? Temos sentimento de compaixão por eles quando os vemos como ovelhas sem pastor?

Agora nos pomos a considerar o próximo passo e a demonstrar como o pensamento deste homem foi corrigido também quanto a Deus. Já vimos como o seu pensamento acerca de Deus andara completamente errado porque ele começara de modo errado acerca dos ímpios, e, assim, chegara ao ponto de questionar e inquirir o próprio Deus. Diz ele: "Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência". Noutras palavras, "Tenho procurado obedecer a Deus, mas realmente parece que não vale a pena. É Deus o que Ele diz ser?" Ora, é terrível pensar isso; e é particularmente nisso que precisamos concentrar-nos agora. Este homem nos mostra como o seu pensamento acerca de Deus foi corrigido. Num sentido ele já disse isso: "Certamente tu os puseste em lugares escorregadios". No momento em que ele profere essa palavra "*tu*" nós sentimos que a situação toda está começando a mudar.

Que será que foi ajustado quando ele começou a pensar certo sobre Deus? Acho que a primeira coisa foi a sua atitude para com o caráter de Deus; porquanto, aquilo de que este homem começara a duvidar era o próprio caráter de Deus. Muitos dos salmistas, com estranha e notável honestidade, confessam que foram tentados dessa mesma forma. Por exemplo, no Salmo 77 essa mesma coisa é expressa claramente. Indaga o salmista: "Rejeitará o Senhor para sempre e não tornará a ser favorável? Cessou para sempre a sua benignidade? Acabou-se já a promessa que veio de geração em geração? Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?... É esse o

tipo de pergunta que faziam, e, como salientei logo de início, alguns dos maiores santos foram tentados, às vezes, a fazer essas perguntas quando as coisas eram contra eles. Bem, este homem, de igual modo, estivera fazendo as mesmas perguntas: Deus se importa, e se se importa, por que não detém estas coisas? Será que Ele não pode? Assim, dúvidas acerca do caráter de Deus levam a dúvidas acerca do Seu poder.

Quantas vezes as pessoas têm feito essas perguntas! Quantas vezes as pessoas diziam, na última guerra mundial: por que Deus permite que viva um homem da laia de Hitler? Se Ele é Deus, e onipotente, por que não o abate? Daí a pergunta se insinua por si mesma: será que Deus é incapaz de fazê-lo? Ou: temos estado enganados em nossas idéias acerca de Deus? Temos estado errados em nossas idéias acerca da Sua misericórdia, da Sua compaixão e da Sua bondade? Por que Ele não arrasa estas pessoas que se opõem a Ele e a Seu povo? São essas as questões que tendem a agitar as nossas mentes nos tempos de provação.

Pois bem, este homem fora assaltado precisamente por essas questões; e aqui, agora, encontra a sua resposta. Imediatamente é corrigido ao recordar a grandeza e o poder de Deus — "*tu* os puseste em lugares escorregadios". Não há nada que esteja fora do controle de Deus. Muitos Salmos expressam isto, como por exemplo o Salmo 50. Este é, de fato, um dos grandes temas da Bíblia. Não há limite para o poder de Deus. Ele é eterno em todos os Seus poderes e em todos os Seus atributos. "Ele falou, e tudo se fez." Ele criou tudo do nada; Ele suspende o universo no espaço. Leia certos capítulos grandiosos do Livro de Jó (o capítulo 28, por exemplo) e o acharão expresso de maneira a mais estupenda.

"No princípio Deus." Este é um postulado fundamental; a Bíblia o afirma em toda parte. Qualquer que seja a explicação de tudo que está acontecendo no mundo, não é que Deus seja incapaz de impedi-lo. Não é que Ele não possa deter essas coisas, porque o poder de Deus, por definição, é ilimitável. Ele é absoluto; Ele é o eterno, o sempiterno Deus para quem tudo na terra é apenas como nada. A Ele tudo pertence; Ele governa, Ele controla tudo; todas as coisas estão em Suas mãos. "O Senhor reina." Ora, essa é a primeira coisa acerca da qual este homem foi endireitado, e isso com muito clareza.

Mas, em segundo lugar, ele foi corrigido também na questão da retidão e justiça de Deus. Essa é a ordem em que essas coisas surgem. Se Deus tem o poder, por que não o exerce? Se Deus tem a capacidade de destruir todos os Seus inimigos, por que permite que façam as coisas que fazem? Por que se permite que os ímpios prosperem? Que dizer da justiça e da retidão de Deus? A resposta é dada nas palavras de Abraão: "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gênesis 18:25). Este é um postulado tão fundamental como o que se refere à grandeza, poder e majestade de Deus. Deus é eternamente justo e reto. Deus não pode mudar. Dus não pode (digo-o com referência, é parte da verdade concernente à santidade de Deus) — Deus não pode ser injusto. É impossível.

Tiago faz esta colocação: "Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta". Ele é o "Pai das luzes, em quem não ha mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:13,17). Se fosse possível haver qualquer mudança ou modificação em Deus, Ele não seria mais Deus. Deus, segundo Ele próprio Se nos revelou, é, de eternidade a eternidade, sempre e para sempre o mesmo; jamais qualquer diferença, jamais qualquer modificação. Assim Abraão está obviamente certo quando diz: "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" Ele não pode agir doutro modo. Temos que compreender isto, de modo que, quando formos tentados pelo diabo, ou por nossa própria condição, ou por qualquer situação que o diabo possa usar, a argüir a justiça de Deus, entendamos que o que estamos realmente fazendo é dar a idéia de que é possível Deus sofrer variação e mudança. Mas isso é impossível. Não pode, porque Deus e, pelo que Ele é, jamais pode haver qualquer variação em Sua justiça ou retidão, jamais pode haver qualquer questão de injustiça ou de falta de retidão.

Mas devemos ir além disso. O salmista foi além disso e chegou ao ponto em que descobriu que a aliança de Deus, e as promessas de Deus, são sempre fiéis e sempre seguras. Noutras palavras, Deus não é somente justo e reto, mas também tem Se comprometido com o homem. Ele fez certas promessas. Portanto, a seguinte grande doutrina da Bíblia é que as promessas de Deus são sempre certas e seguras; o que Ele prometeu, com a máxima segurança e certeza executará. Os irmãos hão de lembrar-se da palavra de Paulo a Tito; ele

se refere a "Deus, que não pode mentir" (Tito 1:2). E não pode mentir, novamente pela mesma razão que Deus é Deus. Quando Deus faz uma promessa, é certo que essa promessa será cumprida. Todas as suas promessas são absolutas, e seja o que for que Ele tenha dito, certamente irá fazer:

> Pois Suas mercês sempre duram,
> sempre fiéis, sempre seguras.

Ora, isso era absolutamente importante para este salmista, porque, como membro do povo de Deus, ele tinha conhecimento da aliança. Ela conhecia as promessas feitas por Deus ao Seu povo e como Ele mesmo Se dera como penhor delas. Deus havia dito ao Seu povo que ele era especial, "peculiar", e que Ele teria um interesse particular nele, que o amava e estava interessado em sua prosperidade e felicidade, que cuidaria dele e o abençoaria, até que finalmente o receberia para Si mesmo.

O salmista, como vimos, fora tentado a perguntar: "Se isto é assim, por que estou deste jeito?" Mas agora, no santuário de Deus, ele descobre que a sua atitude era errada, e vê que Deus age indiretamente, bem como diretamente. Foi no santuário de Deus que ele viu isso. Se os irmãos lerem os versículos que se seguem, verão como ele desenvolve a questão toda. Diz ele: "Todavia estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás em glória." Ele vê isso tudo, e com tanta clareza, que quando escreveu este Salmo, começou dizendo: "Verdadeiramente bom é Deus para com Israel" — mesmo quando parece que tudo é adverso, Deus é sempre bom para com Israel, nunca quebra uma promessa. Estes são o que sempre devemos considerar como postulados fundamentais em todas as nossas relações com Deus, e jamais devemos ceder à tentação de questionar ou argüir coisa nenhuma referente a eles.

Assim vemos que o salmista foi corrigido em seu pensamento sobre Deus, primeiramente em relação ao caráter de Deus. Contudo, ainda nos defrontamos com nossa principal questão. Se agora sei que Deus tem todo o poder e que nada o pode limitar, que Ele é sempre justo e reto, que sempre é fiel à Sua aliança e às Suas promessas, pergunto pois: então, por que se permite que os ímpios floresçam e prosperem

deste jeito, e por que os justos tantas vezes hão de ver-se num estado de sofrimento? Nisto está o âmago da questão que sempre tem perturbado a humanidade e que provavelmente está sendo levantada por milhões de pessoas em diferentes partes do mundo neste momento: por que Deus permite esta espécie de coisa?

O salmista descobriu a resposta na casa de Deus. Ele a expressa de maneira muito interessante. Encontrarão a mesma resposta em vários Salmos e, na verdade, em muitos outros lugares nas Escrituras. Aqui é dada em palavras que podem ser descritas como um ousadíssimo antropomorfismo. Diz o salmista que a explicação é que Deus, por enquanto, parece estar dormindo. "Quando acordares, desprezarás a aparência deles", diz ele no versículo 20. Ora, isso é um antropomorfismo. Noutras palavras, o salmista, para transmitir o que tinha descoberto no santuário de Deus, tem que colocá-lo em termos humanos. Por causa das limitações do nosso pensamento e da nossa linguagem, ele emprega uma representação figurada em termos do que é certo quanto a nós homens. Deus não pode dormir; mas parece estar como alguém que dorme. Não é que Ele não tenha poder, mas no momento está dormindo. Não é que tenha esquecido de ser misericordioso; Ele está dormindo. Esse é o argumento.

Uma declaração semelhante se acha no Salmo 74, versículo 22, onde, após descrever a desolação da igreja e o modo pelo qual o inimigo entrou e a reduziu a ruínas, o salmista termina com uma oração. Diz ele: "Levanta-te, ó Deus, pleiteia a tua própria causa. . . .". Parece que é como se ele se voltasse para Deus e dissesse: "Ó Deus, por que não acordas ?Levanta-te, ó Deus. . . .". É a mesma idéia. No Salmo 44:23 é ainda mais explícita: "Desperta! por que dormes, Senhor? acorda! não nos rejeites para sempre". Eis aqui um homem em desespero. Vê a desolação produzida pelo inimigo; vê o sucesso dos ímpios e o sofrimento dos justos. Ele sabe que Deus é justo e onipotente; assim, voltando-se para Deus, diz: "Desperta! por que dormes, Senhor?" Por que não Te manifestas? Todas estas referências expressam a mesma idéia, e essa é a idéia que devemos examinar minuciosamente agora.

Por que Deus parece estar dormindo assim? Antes de chegar à resposta espiritual a esta pergunta, devo fazer uma

digressão por um momento — para indicar a grosseira incoerência que se deve ver no argumento das pessoas que frivolamente questionam o caráter e o poder de Deus. Há tanta gente que diz: Se Deus é Deus, e se Deus tem o poder, e se Deus é misericordioso e amoroso, porque não destruiu um homem como Hitler no início do seu regime? Por que não o eliminou, e a todas as suas tropas, deste modo poupando sofrimento? Por que não interferiu mais cedo? Por que não Se manifestou? Esse é o argumento que elas apresentam e, contudo, geralmente essas pessoas são as mesmas que falam mais alto daquilo que alegam sobre o livre-arbítrio do homem. Se alguém começar a pregar-lhes sobre as doutrinas da graça, se mencionar termos como "predestinação" e "os eleitos", elas serão as primeiras a dizer: "Sustento que tenho livre-arbítrio; tenho direito de fazer o que eu quiser com a minha vida". Entretanto, são essas pessoas que dizem que Deus devia exercer o Seu poder e as Suas forças sobre outros. Não podemos ter os dois modos de agir. Se queremos que Deus se manifeste em certas coisas, Ele terá de fazê-lo em todas as coisas, não apenas naquilo que nós escolhemos. Há total incongruência no argumento. Quando essas pessoas estão pensando noutras, esperam que Deus as controle; mas quando pensam em si mesmas, dizem: "É muito errado, Deus controlar-me. Sou livre; devo ter permissão para fazer o que eu quero; sou uma pessoa livre, devo ter a minha liberdade". Sim, elas devem ter liberdade, mas as outras pessoas não!

Coisa mais grave: por que Deus parece estar realmente dormindo? Que acham vocês? Por que permite que os ímpios floresçam deste modo? Há certas respostas bem definidas para essa questão nas Escrituras. Primeiro, não há dúvida nenhuma de que uma das razões é que Deus permite estas coisas a fim de que o pecado seja revelado pelo que ele realmente é, para que Ele lhe permita manifestar-se e mostrar-se em toda a sua fealdade. Se querem uma exposição clássica disso, encontrá-la-ão na segunda metade do primeiro capítulo de Romanos, onde Paulo traça o declínio e a queda na história da humanidade. O apóstolo estava escrevendo sobre a civilização, ou sociedade, dos seus dias. Ele descreve a terrível vileza e sordidez da vida, dá-nos aquela horrível lista de pecados, as perversões sexuais e todas as outras coisas que caracterizavam a vida naquele tempo. E diz ele que a real

explicação disso tudo é que a humanidade, tendo substituído o Criador pela criatura, e havendo-se rebelado contra a santa lei de Deus, foi entregue por Deus a uma mentalidade reprovada. Deus retirou o Seu poder restringente. Permitiu que o pcado se desenvolvesse e se revelasse por aquilo que ele é realmente.

Seguramente isso é uma coisa que precisamos recordar hoje. Neste momento se dá muita atenção à condição moral deste país, e isso com muito acerto. Por que é necessário isso? Opino que a resposta ainda é precisamente a mesma. Os nossos pais e antepassados foram cada vez mais voltando as costas para Deus. Puseram em dúvida a autoridade das Escrituras — isso foi feito até nos púlpitos — e o homem se tornou a autoridade. O que o homem pensa sobre a Bíblia, o que o homem pensa sobre Deus, o que o homem pensa sobre moralidade, tornou-se a norma. O homem se colocou na posição de autoridade e recusou a autoridade de Deus; e hoje estamos colhendo as conseqüências disso. Deus, por assim dizer. volta-se para a humanidade e diz: "Muito bem; vou simplesmente deixar que vocês vejam para onde as suas idéias e as suas filosofias levam." Hoje estamos começando a ver o que o pecado é realmente. Ele está se revelando em sua torpeza. Nós o estamos vendo em todo o seu completo horror, sordidez e malignidade. É fora de dúvida que Deus, para ensinar aos homens a excessiva malignidade do pecado, às vezes retira o Seu poder restringente e permite que os ímpios dêem o seu salto. Dá-lhes corda, e todo o estado das coisas aparece em suas verdadeiras cores. O pecado é ignorado pelos filósofos; os psicólogos tentam negá-lo de vez. Mas estamos vendo-o pelo que ele é — esta horrível e sórdida perversão e luxúria. Aí está ele, no coração dos doutos como também no dos iletrados, em todas as classes e camadas da sociedade.

Essa é uma razão. Não é a única, porém; pois não há dúvida de que Deus permite esta espécie de coisa também em parte como castigo do pecado. Se lerem Romanos capítulo 1, verão que este ponto aparece ali também. Noutras palavras, Deus retira o Seu poder restringente, às vezes, a fim de que as pessoas colham algumas das conseqüências dos seus pecados, e por intermédio disto Ele as pune. Por natureza somos todos um, no sentido de que desejamos os prazeres do pecado sem as conseqüências; desejamos poder

pecar e não sofrer por isso. Não podemos, porém, pois "os ímpios não têm paz, disse o Senhor". Deus fez o homem assim e, por essa razão, sofreremos e às vezes Deus permite que o mundo entre num estado de iniqüidade como parte da sua punição. Não hesito em afirmar que essa é a única explicação real das duas guerras mundiais. É, em parte, Deus distribuindo castigo à humanidade por todas as suas atitudes de desafio a Ele durante os últimos cem anos. Deus deixa as coisas se desenvolverem para que a humanidade colha as conseqüências daquilo que ela semeou. Se "semeamos vento", bem podemos "colher tempestade". E temos experimentado isso no curso de nossa própria vida.

Que é que vem em seguida? Creio que Deus permite que o mal e os malfeitores dêem o seu próprio salto; dá-lhes corda, licença, por assim dizer, para tornar a sua ruína mais completa e certa. A história bíblica é realmente uma exposição deste princípio. Deus parece dormir, e o inimigo se levanta. Blasfema do nome de Deus. Pensem no caso da Assíria. Os assírios se levantaram contra o Deus de Israel, e Deus permitiu que tudo acontecesse. Eles se inflaram quase até aos céus e disseram: "Nada pode deter-nos." Então Deus, de súbito, furou a bolha e o império todo entrou em colapso, e a derrota final foi deveras grande. É quando o grande fanfarrão acaba de fazer a sua ostentação decisiva, que ele é posto abaixo. Se Deus o tivesse derrubado logo no começo, não pareceria tão maravilhoso. Assim é que Deus permite que o mal e as forças do mal façam coisas espantosas para o mundo, tantas e tais que até os justos começam a perguntar: será que Deus consegue fazer parar isto? Então, quando o fim está para chegar, Deus Se levanta e eles vão para baixo. Aí a derrota do inimigo é maior e mais completa.

Então, outra vez, Deus o permite para demonstrar a Sua grandeza e glória na derrota imposta a tão grande e poderoso inimigo. Deus Se levanta e o abate, e todos quantos o vêem temem este onipotente e glorioso Deus. Tudo isso está bem ilustrado no fim de Atos capítulo 12. Um rei chamado Herodes, assentado num trono, fez um grande discurso a certas pessoas e, depois de proferida a sua oração, o povo ficou bradando, dizendo: "Voz de Deus, e não de homem". Então se nos diz que Deus enviou um anjo e feriu aquele homem 'porque não deu glória a Deus". "E, comido de bichos, expirou. E a palavra

de Deus crescia e se multiplicava." Observem o contraste. A pompa e a grandeza foram esfaceladas; mas a Palavra de Deus, que o insensato rei estava tentando destruir, cresceu e se multiplicou, e assim se manifestou a glória de Deus.

A última explicação que eu gostaria de transmitir é esta: não há dúvida nenhuma de que Deus permite que os ímpios prosperem para disciplinar o Seu povo. Lamento ter que dizê-lo, mas devo. Precisamos de ser disciplinados. Quantas vezes Deus levantou inimigos contra os filhos de Israel para disciplinálos! Eles, os Seus escolhidos, tinham-se tornado negligentes e estavam se esquecendo de Deus. Ele contendia com eles, enviava-lhes profetas, mas eles não davam atenção. Daí Ele levantou a Assíria, levantou os caldeus, para açoitar, para corrigir o Seu povo. E não hesito em afirmar que muitas destas coisas que tivemos que suportar neste século aconteceram, pelo menos em parte, porque nós, povo de Deus, tivemos necessidade de receber disciplina. Ah! a própria igreja foi a principal responsável pela ação de solapar a fé que as pessoas tinham na Palavra de Deus, e não admira que as coisas estejam agora como estão. Pode ser que tenhamos que suportar muito mais, para que sejamos humilhados e derribados, e levados a compreender que somos povo de Deus e que temos que Lhe obedecer e confiar nEle, e nEle somente.

Aí estão, parece-me, algumas das respostas dadas nas Escrituras quanto o porquê às vezes *parece* que Deus está dormindo.

Mas isso não esgota o que o salmista aprendeu no santuário a respeito dos procedimentos de Deus. Ele foi corrigido acerca do caráter de Deus, e agora percebe que a explicação é que Deus só *parece* estar dormindo. Depois ele termina com o que sucede quando Deus acorda. "Como caem na desolação, quase num momento! ficam totalmente consumidos de terrores. Como faz com um sonho, o que acorda, assim, ó Senhor, quando acordares, desprezarás a aparência deles." Que está dizendo ele? A primeira coisa é que Deus acorda: "Quando acordares." Isto vai acontecer. Deus não está dormindo permanentemente. Quando Ele vier... Há um limite para aquilo que Deus permite aos ímpios. Certamente lhes permite que façam muita coisa, mas há um fim para a largueza e para a aparente licença que Deus dá aos Seus inimigos. "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o

homem." Quanto tempo vai durar isto? Uma chave para a resposta, dada por Deus na história antiga, é que os justos devem esperar, "porque a medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia". Há um limite. Deus acorda, Deus acordará.

Que acontece quando Deus acorda? Este homem nos conta com muita clareza o que vai acontecer então com esses prósperos ímpios. Diz ele: "Como faz com um sonho, o que acorda, assim, ó Senhor, quando acordares, desprezarás a aparência deles". Que quadro! Aquele ímpio, que parecia tão grande e maravilhoso, se desvanece como um sonho quando Deus Se levanta. É como se ele não passasse de um fantasma, uma imagem, uma aparência, e nunca tivesse sido uma realidade. Os ímpios que pareciam tão poderosos, tão auto-suficientes e quase indestrutíveis, desaparecem como um relâmpago quando Deus Se levanta. A Bíblia está repleta disto. Leiam Isaías capítulo 40 e verão ali que Deus diz que, para Ele, as nações são apenas "como a gota de um balde, e como o pó miúdo das balanças". Estas grandes nações com as suas bombas atômicas e suas bombas de hidrogênio, estas poderosas nações! Não passam de uma gota num balde, ou do pó miúdo das balanças. E não só isso. Ouça o sarcasmo e a zombaria. Todas as nações da terra são "como gafanhotos", mesmo a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a União Soviética! Já existiram outros impérios, nações e comunidades de nações antes; mas todos se foram porque não se submeteram a Deus. Todas as nações da terra são apenas como gafanhotos — quando Deus acorda.

Permitam-me dar só mais um exemplo; é um dos exemplos mais notáveis da história. Vocês já leram sobre Alexandre o Grande, assim chamado, um dos mais habilidosos generais de todos os tempos, grande monarca e poderoso guerreiro. Ele conquistou quase todo o mundo então conhecido. Sabem como as Escrituras o chamam? Leiam a Bíblia do começo ao fim, e nunca acharão o nome de Alexandre o Grande. Não é mencionado. Mas Alexandre o Grande adentra as Escrituras, e você verá o modo como Deus se refere a ele em Daniel capítulo 8. Como Walter Luthi assinala, aquele que para o mundo é Alexandre o Grande, para Deus é "um bode"! Quando Deus se levanta — Alexandre o Grande se torna um bode! Quando Deus se levanta, é isso que acontece a nações, impérios, indivíduos, a todos. "Quando acordares"; e Ele tem

acordado. Leiam a história registrada na Bíblia e verão que Deus Se levanta, e quando isso acontece, os Seus inimigos são dispersos e reduzidos a nada.

Contudo, a mensagem final que nos vem disso tudo é que estes grandes eventos da história que já aconteceram são apenas uma pálida sombra e, ao mesmo tempo, um vigoroso aviso daquilo que está para acontecer. O mundo é ímpio; é anticristão; ridiculariza a graça de Deus e o Salvador do mundo, especialmente o santo sangue da Sua cruz. O mundo é arrogante e se gaba do seu pecado. Mas o apóstolo Paulo, que havia sofrido forte perseguição, escrevendo sua segunda carta aos tessalonicenses, diz-nos o que vai acontecer. "De maneira que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais; prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis; se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem...". (2 Tess. 2:4-10)

Isso é tão certo como o fato de que estamos vivos neste momento. O Senhor virá cavalgando as nuvens do céu e todos os Seus inimigos serão desbaratados e derrotados. Satanás e o inferno e todos os que se opõem a Deus serão lançados no lago de fogo e "padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor". Esse é o fim dos ímpios. Esse é o poder e glória do Deus a quem amamos, adoramos e servimos. Se alguém não entende o que está acontecendo, coloque-o nesse contexto. Deus é Deus. Deus é santo e justo. O que Ele prometeu, certamente executará. Ele permite estas coisas para os Seus propósitos. Vem o dia em que Ele Se levantará e dispersará os Seus inimigos, e o reino de Jesus Cristo se estenderá "de mar a mar" e "ao nome de Jesus" se dobrará "todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda

a língua" confessará "que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai".

Graças a Deus que Suas promessas são sempre firmes. Permita Deus que todos nós possamos ver, conhecer e entender os Seus caminhos e desembaraçar-nos, uma vez para sempre, de toda dúvida pecaminosa e de todo interrogatório indigno.

6

EXAMINANDO-SE A SI MESMO

Assim o meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins. Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti. (vs. 21-22)

Chegamos aqui a mais um estágio ainda no relato que este homem faz da crise pela qual passara em sua alma e em seu santo proceder. Vimo-lo corrigido em seu pensamento acerca dos ímpios e em seu pensamento acerca de Deus.

Agora passamos à consideração de como ele foi corrigido num terceiro aspecto, o do seu pensamento acerca de si mesmo. Isto ele descreve de maneira notável e severa nos dois versículos que estamos considerando. Observem primeiro o notável contraste que apresentam com o que ele tinha dito antes sobre si mesmo nos versículos 13 e 14. Disse ele ali: "Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e levado as minhas mãos na inocência. Pois todo o dia tenho sido afligido, e castigado cada manhã". Está com pena de si mesmo. Não há nada errado com a sua vida. Ele é um bom homem. Mas está sofrendo pesada pressão, está sendo tratado injustamente, e até Deus parece estar sendo injusto com ele. Dessa forma pensava acerca de si próprio enquanto ele estava fora do santuário. Dentro do santuário, porém, tudo isso mudou "Assim o meu coração se azedou, e sinto picadas nos

meus rins. Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti". Que transfiguração! Que conceito completamente diferente de si mesmo! E tudo é resultado de ter sido corrigido o seu pensamento, tornando-se o mesmo verdadeiramente espiritual.

Ora, esta é uma questão da maior importância, e um ponto sumamente importante em toda a evolução do ensino deste Salmo. Sejamos francos e sinceros e admitamos que somos muito propensos a deter-nos antes deste ponto. Ficamos bem contentes quando lemos sobre os ímpios — e não sei de ninguém que se tenha sentido mal com um sermão que mostra como os ímpios foram colocados em lugares escorregadios. Depois há aquela grande e sublime doutrina sobre Deus — "reina o Senhor". Todos gostamos de ouvir sobre isso. Aceitamos o ensino sobre a condenação dos ímpios, e temos prazer em ler sobre a glória e a majestade de Deus, porque isso nos faz sentir que tudo vai ficar bem para nós. O perigo que corremos é o de parar nesse ponto e não prosseguir. Todavia, este homem vai adiante e, ao fazê-lo, não somente revela a sua honestidade e sinceridade, e a veracidade que constituía uma tão essencial parte da sua estrutura, mas também — e é isto que eu quero salientar — demonstra compreensão da natureza da vida espiritual.

Nestes dois versículos (vs. 21-22) temos a narrativa que este homem faz do seu arrependimento. Constatamos no seu monólogo o que ele disse acerca de si mesmo e, em particular, acerca da sua conduta recente. É, de fato, um clássico exemplo de auto-exame honesto. Convido vocês a considerá-lo comigo por causa da sua importante relação com a disciplina cristã. Este arrependimento, este estado em que alguém faz uma pausa, olha para si mesmo e fala consigo acerca de si próprio, é um dos mais essenciais e vitais aspectos daquilo que comumente se chama disciplina da vida cristã. Não peço desculpa por frizá-lo de novo, porque é uma questão que está sendo seriamente negligenciada nos dias presentes. Quantas vezes ouvimos falar da disciplina cristã hoje em dia? Quantas vezes nós falamos sobre isso? Quantas vezes se vê realmente no cerne do nosso viver evangélico? Houve tempo na igreja cristã quando isso estava no centro mesmo, e é, creio profundamente, devido à nossa negligência desta disciplina que a igreja se acha em sua presente condição. Na

verdade, não vejo esperança nenhuma de um verdadeiro avivamento ou despertamento enquanto não retornarmos a ela.

Ao abordarmos este grande assunto, deixem-me começar dizendo que me parece haver dois principais perigos em conexão com ele e, como normalmente sói ser o caso, eles estão em extremos opostos. Somos criaturas dadas a extremos, tomando posição num extremo ou noutro. A dificuldade é andar na posição certa, evitando as reações violentas; pois a verdadeira posição na vida cristã está geralmente no meio, entre os dois extremos. Um perigo que costumava ser bastante comum era o da morbidez e da introspecção. Eu diria que não é a dificuldade mais comum entre as pessoas cristãs na época presente, embora algumas certamente ainda estejam sujeitas a ela. Creio que é certo dizer que em algumas partes da Grã-Bretanha como, por exemplo, nas regiões montanhosas da Escócia, os irmãos ainda encontrarão aquilo a que me refiro. Tempo houve em que isto era muito comum lá e noutros lugares entre as pessoas de origem céltica. Eu mesmo fui criado numa atmosfera religiosa dada a esta tendência, onde as pessoas passavam muito tempo das suas vidas, senão o tempo todo, analisando-se e condenando-se, conscientes unicamente da sua indignidade e da sua falta de idoneidade. Como resultado desta atitude, as pessoas se tornam introspectivas e se voltam para dentro de si mesmas. Estão sempre tomando o seu pulso espiritual e a sua temperatura espiritual, e quase se submergem neste processo de autocondenação.

Deixem-me contar-lhe a história de uma das mais patéticas cenas que já testemunhei. Eu estava ao lado do leito de morte de um dos mais santos e piedosos homens que já tive o privilégio de conhecer. No quarto estavam suas duas filhas — ambas já bem entradas na meia idade. O ancião, o pai, sabia que estava morrendo, e a única coisa pel qual se sentia infeliz era o fato de que nenhuma das suas filhas era membro da igreja, ou jamais tinha participado da ceia do Senhor. Era um fato verdadeiramente espantoso, porque duas mulheres mais piedosas ou mais ativas quanto à vida da igreja que elas freqüentavam seria difícil achar. Mas elas não eram membros da igreja. Por que nunca participaram da ceia do Senhor? A resposta era que elas se sentiam indignas disso; achavam que não eram aptas para vir à Mesa, tão

cônscias eram das suas falhas e dos seus pecados e defeitos. Ali estavam duas mulheres cristãs das mais excelentes mas, devido à sua introspecção, porque elas se voltavam para si mesmas, achavam que não tinham direito de participar da vida mais íntima da igreja.

Pois bem, esse tipo de coisa era então muito comum. As pessoas se punham de pé nas reuniões da igreja só para dizer que eram terríveis pecadoras e para acentuar como tinham falhado. Esperavam que chegariam ao céu, mas não podiam ver como criaturas tão indignas poderiam chegar lá. Talvez os irmãos tenham conhecimento dessa atitude por suas leituras. Esta era certamente a tendência nas vidas dos piedosos John Fletcher e Henry Martyn. Não eram casos extremos; mas, obviamente, eles tinham essa tendência, e isto era uma característica da religiosidade daquela época.

Mas esse não é o perigo hoje, de maneira nenhuma, especialmente não é, se posso dizê-lo, aqui em Londres e nos círculos em que se move a maioria de nós. De fato, o perigo entre nós é completamente diverso; é o perigo contra o qual o profeta Jeremias nos adverte quando fala dos que "curam a ferida da filha do meu povo levianamente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz". É o extremo oposto da outra tendência. É a ausência de uma verdadeira e piedosa tristeza pelo pecado, junto com a tendência de poupar-nos e de considerar-nos muito superficialmente, assim como os nossos pecados, defeitos e fracassos.

Deixem-me expressá-lo mais drasticamente ainda. Creio que há um perigo muito real entre alguns, em particular entre os evangélicos, de empregar mal a doutrina da salvação, de empregar mal as grandes doutrinas da justificação somente pela fé e da segurança da salvação, com o conseqüente defeito de não entenderem o que o pecado realmente é à vista de Deus e o que realmente significa num filho de Deus. A idéia de que o arrependimento não deve ter parte nenhuma na vida do cristão parece ter ganho circulação, não sei por quê. Há muitos que parece pensarem que é errado falar de arrependimento. Esses dizem que no momento em que alguém vê que pecou e então pôs o seu pecado "sob o sangue", tudo está certo com ele. Parar e pensar nisso e condenar-se significa que lhe falta fé. No momento em que ele "olha para Jesus", tudo está bem. Curamo-nos tão facilmente! Na ver-

dade, não hesito em dizer que o problema com a maioria de nós é que, num certo sentido, estamos demasiado "saudáveis" espiritualmente. Quero dizer com isso que somos muito frívolos e muito superficiais. Nós não nos preocupamos com estas questões; diferentemente do salmista nestes dois versículos, estamos em relações boas demais conosco mesmos. Somos muito diferentes dos homens retratados nas Escrituras.

É minha opinião que isto se deve ao fato de não darmos o mesmo passo que o homem deste Salmo deu. No santuário ele não só foi corrigido acerca dos ímpios e acerca de Deus, mas também acerca de si mesmo, e vocês podem notar a maneira como ele se trata a si próprio. Ao que parece, não agimos assim nos dias atuais, e os resultado é que há esta falsa aparência de saúde, como se tudo estivesse bem conosco. Há muito pouco pano de saco e muito pouca cinza; há muito pouca tristeza pelo pecado, tristeza essa de natureza piedosa; há muito pouca evidência de verdadeiro arrependimento.

Deixem que lhes mostre que a necessidade de arrependimento e sua importância é uma coisa ensinada em toda parte das Escrituras. O exemplo clássico deste ensino encontra-se, é claro, na parábola do filho pródigo. Temos ali a história de um homem que pecou, que em sua loucura abandonou o lar e depois viu que as coisas lhe foram mal. Que aconteceu? Quando ele caiu em si, que é que fez? Condenou-se a si mesmo, falou consigo acerca de si próprio. Tratou-se a si próprio muito severamente. E foi somente depois de fazer isso que ele se levantou e regressou ao pai. Ou tomem a maravilhosa declaração em 2 Coríntios 7:9-11. Estes cristãos de Corinto haviam cometido um pecado e Paulo lhes escrevera sobre isso e enviara Tito para pregar-lhes sobre isso. A subseqüente atitude deles dá-nos uma definição do que significa realmente um verdadeiro espírito de arrependimento. O que agradou o grande apóstolo acerca deles foi a maneira pela qual eles se trataram a si mesmos. Notem que ele entra em minúcias. Diz ele: "Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós, que segundo Deus fostes contristados! que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! em tudo mostrastes estar puros neste negócio". Estes coríntios tinham-se tratado severamente e se haviam condenado a

si mesmos; tinham sido contristados segundo Deus e, por isso, Paulo lhes diz que eles estavam outra vez no lugar da bênção.

Outro maravilhoso exemplo da mesma coisa vem no Livro de Jó. Os irmãos lembram como Jó na maior parte desse livro está se justificando, defendendo-se e às vezes lamentando-se. Mas quando se defrontou verdadeiramente com a presença de Deus, quando esteve no lugar em que se encontrou com Deus, disse isto: "Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (42:6). Não havia homem mais justo do que Jó, o homem mais reto e mais religioso do mundo. Mas agora, por causa da sua adversidade, ele não se lembra mais das boas coisas que lhe tinham acontecido nem das bênçãos que tinha desfrutado. Jó fora tentado a pensar em Deus do mesmo modo como este homem no Salmo 73, e tinha dito coisas que não devia. Mas quando vê a Deus, põe a mão na boca e diz: "...me abomino e me arrependo no pó e na cinza". Pergunto-me se conhecemos essa experiência. Sabemos o que é abominar-nos? Sabemos o que é arrepender-nos no pó e na cinza? A doutrina popular dos nossos dias parece não gostar disso, porque ensina que já ultrapassamos Romanos capítulo 7. Não precisamos falar sobre tristeza pelo pecado porque isto significaria que ainda estamos nos primeiros estágios da vida cristã. Assim, passamos por cima de Romanos 7 e aplicamos Romanos 8. Mas estivemos alguma vez em Romanos 7? Alguma vez dissemos de coração: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" Alguma vez nos abominamos e nos arrependemos no pó e na cinza? Esta é uma parte deveras vital da disciplina da vida cristã. Leiam as vidas dos fiéis através dos séculos e verão que eles o fizeram muitas vezes. Retornem a Henry Martyn, por exemplo; voltem a qualquer daqueles poderosos homens de Deus, e verão que muitas vezes se abominaram a si próprios. Odiaram suas vidas neste mundo; odiaram-se a si mesmos neste sentido. E foi por isso que foram tão poderosamente abençoados por Deus.

Nada nos é mais importante, pois, do que seguirmos o salmista e vermos exatamente o que ele fez. Precisamente aprender a voltar-nos para nós mesmos e a disciplinar-nos a nós mesmos constantemente. É uma questão vital na vida

cristã. Quais são os passos? Tentei dividi-los da seguinte maneira.

Primeiro e antes de tudo precisamos realmente confessar o que fizemos. Ora, não gostamos de fazer isso. Conscientes do que fizemos, nossa tendência é dizer: "Volto-me para Cristo, imediatamente sou perdoado, e tudo fica bem". Isso é um erro. Temos que confessar o que fizemos. Este homem passou uma porção de tempo com pena de si, olhando para outras pessoas e invejando-as. Tinha passado uma porção de tempo com pensamentos indignos acerca de Deus e dos Seus caminhos. Mas após a sua recuperação no santuário, diz a si mesmo: "Devo passar igual soma de tempo olhando para mim mesmo e para o que tenho feito". Não devemos poupar-nos a nós mesmos. Devemos realmente confessar o que temos feito, o que significa que devemos manter deliberadamente estas coisas diante de nós. Não devemos proteger-nos de modo nenhum; não devemos tentar deslizar por cima do nosso pecado; não devemos limitar-nos meramente a um casual olhar de relance a ele. Temos que manter deliberadamente os fatos diante de nós e dizer: "Foi isto que eu fiz; foi isto qu pensei e que disse".

Não só isso, porém. Preciso analisar esta coisa e preciso desdobrá-la em todos os seus pormenores e considerar tudo o que ela envolve e implica. É algo que, por meio de autodisciplina, devemos fazer sem descanso e resolutamente. Este homem indubitavelmente agiu assim. É por isso que ele termina dizendo: Eu "era como animal". Ele confessou: "Eu de fato pensei isso a Teu respeito, ó Deus, e estive a ponto de dizê-lo — foi isso que eu realmente fiz". Ele colocou esses fatos diante de si e os manteve ali, até que foi derrubado ao chão e se sentiu "como animal". Nunca nos abominaremos a nós mesmos verdadeiramente se não fizermos o mesmo. Temos que manter o nosso pecado diante de nós até que o vejamos realmente pelo que ele é.

Deixem-me salientar que é necessário particularizar e descer a minúcias. Sei que isto é muito penoso. Temos que particularizar, e isto significa que não basta chegar a Deus e dizer: "Ó Deus, sou pecador". Temos que descer a detalhes, temos que confessar pormenorizadamente a nós e a Deus o que fizemos. Ora, é mais fácil dizer, "Sou pecador", do que dizer, "Eu disse uma coisa que não devia ter dito, ou pensei

uma coisa que não devia ter pensado", ou, "Abriguei um pensamento impuro". Mas a essência desta questão consiste em ir direto aos pormenores, particularizar, pôr tudo no papel, colocar cada minúcia diante de si próprio, analisar-se e encarar o horrível caráter do pecado em seus detalhes. É isso que os mestres da vida espiritual sempre fizeram. Leiam os seus manuais, leiam os diários dos cristãos mais consagrados que têm adornado a vida da igreja, e verão que eles sempre fizeram isso. Lembrei-lhes de John Fletcher. Ele não somente fazia doze perguntas a si mesmo, todas as noites antes de dormir, mas conseguiu que o povo da sua igreja fizesse a mesma coisa. Ele não se contentava com um apressado exame geral; examinava-se pormenorizadamente, com perguntas como estas: costumo perder a calma? Perdi a calma? Tornei a vida mais difícil para alguma outra pessoa? Dei ouvidos àquela insinuação que o diabo introduziu na minha mente, àquela idéia impura? Apeguei-me a ela ou imediatamente a rejeitei? O que se faz é repassar o dia e colocar tudo diante de si, e após, enfrentá-lo. Isso é verdadeiramente auto-exame.

Depois temos que examinar tudo à vista de Deus — "perante ti". Precisamos levar todas estas coisas, e a nós mesmos, à presença de Deus e, antes de falar com Deus, precisamos condenar-nos. Vocês notaram a expressão de Paulo em 2 Coríntios 7:11: "que indignação". Eles ficaram indignados consigo próprios. Nosso problema é que não ficamos indignados conosco mesmos, e devíamos, porque pesa sobre todos nós a culpa dos pecados que estive enumerando. São coisas horripilantes à vista de Deus, e não ficamos indignados. Estamos em relações demasiado boas conosco mesmos; essa é a razão por que o nosso testemunho é tão ineficiente. Temos que aprender a humilhar-nos, temos que aprender a rebaixar-nos, temos que aprender a golpear-nos. Diz-nos Paulo em 1 Coríntios 9:27: "subjugo o meu corpo". Metaforicamente ele surra o corpo, bate nele até deixá-lo preto e azul — essa é a derivação desta palavra que ele emprega, a palavra traduzida por "subjugo". E nós devemos fazer o mesmo. É parte essencial da disciplina. Indubitavelmente este homem o fez, pois acaba dizendo: "Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti". Só o homem que passou pelo processo do exame de si mesmo completamente é que chega a esse conceito. Portanto, se havemos de chegar a isso, devemos persistir no método que indiquei e sondar-nos verdadeiramente a nós mesmos para que possamos ver-nos por aquilo que realmente somos.

O próximo ponto para nossa consideração é este. Que é que decobrimos ao fazer isso tudo? Não pode haver dúvida nenhuma quanto à resposta dada neste Salmo. O que este homem descobriu quando se examinou e realmente começou a pensar de modo correto acerca de si, foi que a grande causa, senão, na verdade, a única causa de todos os seus problemas era o "ego". É sempre esse o problema. O ego é o nosso último e mais constante inimigo; o é a causa mais prolífica de toda a nossa infelicidade. Como resultado da queda de Adão, somos egocêntricos. Somos sensíveis quanto a nós mesmos. Sempre somos egoístas, sempre a protegernos, sempre prontos para imaginar ofensas, sempre prontos para dizer que fomos prejudicados e maltratados. Não estou falando com base na experiência? Deus tenha misericórdia de nós. Essa é a verdade acerca de todos nós. O ego, este inimigo que até mesmo tenta fazer que um homem tenha orgulho da sua humildade! O salmista viu que era realmente essa a causa de todos os seus problemas. Ele tinha errado em seu pensamento acerca dos ímpios, tinha errado em seu pensamento acerca de Deus. Mas a causa principal de todos os seus problemas era que tinha errado em seu pensamento acerca de si próprio. Foi porque ele ficou girando sempre em torno de si que tudo mais pareceu-lhe tão terrivelmente errado e tão grosseiramente injusto.

Quero apresentar-lhes a psicologia ensinada neste versículo (v. 22) — verdadeira psicologia bíblica. Perguntou-me se você reparou nela. Quando o ego assume controle sobre nós, inevitavelmente acontece uma coisa. O nosso coração começa a controlar a nossa cabeça. Ouça este homem. Ele se recuperou na casa de Deus; foi corrigido acerca dos ímpios e acerca de Deus. Agora ele cai em si mesmo e diz: "O meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins" — ainda uma parte da sensibilidade — "Assim me embruteci e nada sabia; era como animal perante ti". Os irmãos observaram a ordem. Ele põe o coração antes da cabeça. Assinala que foi o seu corção que se afligiu antes de seu cérebro começar a funcionar mal — coração primeiro, cabeça depois.

Ora, esta é uma das mais profundas peças de psicologia que é possível compreendermos. O real problema é que o ego, quando se afirma, causa esta inversão da ordem certa e do correto senso de proporção. Todos os nossos problemas se devem, em última instância, ao fato de que somos governados por nossos sentimentos, corações e emoções em vez de pelo claro pensamento e pela honesta confrontação das coisas diante de Deus. O coração é uma faculdade muito poderosa dentro de nós. Quando o coração toma o controle, tonteia o homem. Faz-nos broncos; sujeita-nos de modo que nos tornamos desarrazoados e incapazes de pensar com clareza. Foi o que aconteceu com este homem. Ele tinha pensado que era pura questão de fatos — aí estão os ímpios, olhe para eles e olhe para mim! Ele se achava muito racional. Porém descobriu no santuário que absolutamente não era racional, mas que o seu pensamento fora governado pelos seus sentimentos.

Não é este o problema com todos nós? O apóstolo Paulo coloca a coisa toda numa grandiosa expressão em Filipenses 4:6-7. Observem a ordem das palavras. "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças." Que acontecerá? O versículo seguinte no-lo diz. "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento *guardará as vossas mentes e os vossos corações*"? Nada disso! "A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e mentes mediante Cristo Jesus". Corações primeiro, mentes depois, nesta questão, porque aqui o problema está principalmente na esfera dos sentimentos.

Isso é psicologia profunda. O apóstolo Paulo foi um magistral médico no tratamento das doenças da alma. Sabia que era completamente inútil tratar da mente enquanto não fosse acertado o coração; assim ele põe o coração em primeiro lugar. O problema com todo aquele que, nesta condição, acha que está passando por tempos difíceis e que as coisas não estão indo bem, é que ele começa a questionar a Deus; ao passo que a raiz da questão é que o seu coração está perturbado e o homem está sendo governado e controlado por ele. Os seus sentimentos se apossaram dele e o cegaram para tudo mais.

Todos os problemas, brigas e desentendimentos da vida se devem a isto, em última análise. Todos os conflitos de família, todas as discussões entre maridos e esposas, todas as brigas entre parentes, todas as lutas entre classes e grupos, todos os conflitos entre nação e nação podem ser reduzidos ao fato de que o ego está sendo controlado pelos sentimentos. Se pararmos para pensar, veremos quão errado é isso, porque o que estamos dizendo é que nós somos absolutamente perfeitos e todos os demais estão errados. Mas é evidente que não pode ser verdade, porque todos estão dizendo a mesma coisa. Todos somos governados por este sentimento acerca de nós mesmos, e todos nos inclinamos a dizer: "As pessoas não estão sendo justas comigo, eu estou sempre sendo incompreendido, as pessoas estão sempre a me pregar peças". E os outros estão dizendo exatamente a mesma coisa. O problema é que estamos sendo controlados pelo ego, estamos vivendo por nossos sentimentos e, da maneira mais extraordinária, estamos sendo governados por eles.

Todos nós sabemos disso por experiência. Tomamos nossa posição e dizemos: "Não vejo por que deva ceder". Agarramo-nos a isso. Até lhe damos ênfase, inconscientemente: "Eu? Que foi que eu fiz? Por que devo ser tratado deste jeito?" "O meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins"; é sempre o coração. O princípio que quero salientar é que quando o ego tem a ascendência, ele sempre joga com os nossos sentimentos. O ego não pode resistir a um verdadeiro exame intelectual. Se, como digo, somente nos sentássemos e pensássemos nisso, perceberíamos quão insensatos somos. Nesse caso nós diríamos: "Eu penso deste jeito, mas o outro indivíduo pensa assim também. Eu digo isto, mas ele também diz isto. Obviamente ambos pensamos que temos razão. Só podemos ser culpados, os dois, e eu sou tão ruim como ele". "Aquele que está embaixo", diz John Bunyan, "não precisa temer nenhum tombo; quem está por baixo, nada de orgulho!"

Devemos aprender a manter os nossos corações sob cuidadosa vigilância. Não admira que a Escritura diga: "Dá-me, filho meu, o teu coração". Não admira que Jeremias diga: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso". Como somos estultos em nossa psicologia! Temos a tendência de dizer dos outros: "Bem, você sabe, ele não é

muito intelectual; ele não entende muito, mas tem bom coração". Isso é completamente errôneo. Por menos inteligentes que sejamos, as nossas mentes são muito melhores do que os nossos corações. Falando em termos gerais, os homens não estão errados porque pensam, mas porque não pensam.

Este pobre homem do Salmo 73 estava sendo controlado por seu coração, mas não sabia disso. Ele pensava que estava argumentando com fatos. O coração é "enganoso"; é tão ágil e sutil! Por isso devemos vigiá-lo. "E a condenação é esta", lemos em João 3:19, "Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más." O errado é o coração; assim concluímos com o conselho do sábio em Provérbios 4:23: "Sobretudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida". Cuidem dos seus corações, vigiem-se a vocês mesmos, zelem dos seus sentimentos. Quando um coração está azedo, tudo estará azedo e nada irá bem. É o coração que governa tudo, e só existe um tratamento adequado para este coração azedo e amargo. É vir a Deus como o salmista veio, e compreender que Deus em Seu infinito amor e graça, em Sua misericórdia e compaixão, enviou Seu Filho ao mundo para morrer na cruz para que viéssemos a abominar-nos a nós mesmos, para que pudéssemos ser perdoados e voltássemos a ter coração puro, para que a oração de Davi pudesse ser respondida: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro". Essa oração é respondida em Cristo. Ele pode purificar o coração e santificar a alma:

A Ti cabe limpar o coração,
santificar a alma,
instilar a vida nova em cada parte,
e criar novo o todo.

Uma vez que o homem se conhece, a si e ao negror e falsidade do seu próprio coração, sabe que deve fugir para Cristo. E ali ele acha perdão e purificação, vida nova, nova natureza, novo coração, novo nome. Graças a Deus por um evangelho que pode dar ao homem um novo coração e pode renovar um espírito reto dentro dele.

7

ALERGIA ESPIRITUAL

Assim o meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins. Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti. (vs. 21-22)

Nestes dois versículos, como vimos, o salmista nos conta como chegou a ver que estivera completamente errado, não só em seu pensamento acerca dos ímpios e acerca de Deus, mas também em seu pensamento acerca de si próprio. A primeira coisa importante que ele descobriu foi que o ego é, em última análise, o real problema, e é devido o ego tender a assumir o controle que surgem tantos de nossos problemas, dificuldades e perplexidades nesta vida. Essa é a chave de tudo. Temos salientado que este homem foi muito honesto consigo mesmo; na verdade, ele foi quase brutal. E, à medida que prosseguirmos, isso ficará mais evidente ainda. Ele não dirigiu apenas um apressado olhar de relance a si próprio, esquecendo-se logo de tudo a seu respeito e partindo para alguma outra coisa. Exatamente o que fez foi parar e olhar-se a si mesmo; fitou persistentemente esse espelho e se encarou observando até o mínimo detalhe. Não vacilou diante de nada.

Isso é absolutamente essencial. Não é possível nenhum crescimento na vida cristã, a não ser que sejamos implacavelmente honestos conosco mesmos. De todos os aspectos da vida cristã, o auto-exame é, talvez, o mais negligenciado hoje. Isto em parte devido ao ensino errôneo, mas também porque não gostamos de fazer nada que nos seja penoso. Não há dúvida quanto ao ensino. Nada é tão característico do cristão verdadeiro e consagrado como o modo pelo qual ele se examina, se encara e se trata implacavelmente. O salmista

fez isso, e teve que admitir que o *eu* foi realmente a fonte de seus problemas.

Depois vemos que ele descobriu esta outra coisa muito interessante, que, quando o ego tem o controle, geralmente o coração assume o domínio do pensamento. É um estado de coisas muito triste quando as nossas mentes são governadas por nossos corações. Isso jamais deveria ser o caso. A mente, o entendimento, é o dom supremo do homem; é sem dúvida uma parte da imagem de Deus no homem. A capacidade de raciocinar, de compreender, de pensar e de saber por que fazemos as coisas, e se devemos fazê-las ou não, é uma das coisas que diferenciam o homem dos animais. Assim, quando nos vemos pensando emocionalmente, se é que podemos empregar esse termo, estamos em péssima condição. O salmista chegara àquela condição em que o coração vinha antes da cabeça. A Bíblia se preocupa muito com isto, e seu ensino em toda parte é que sempre devemos guardar o coração, porque "dele procedem as saídas da vida". Isto significa que ele precisa ficar sob o controle da verdade. Daí, somos concitados a "buscar sabedoria" e a "obter conhecimento". Jamais devemos dar a impressão de que as pessoas se tornam cristãs por deixarem de pensar e responderem apenas aos seus corações. O cristão é alguém que crê e aceita a verdade e a esta se rende. Ele a vê, é movido por ela e age baseado nela. O termo "coração" na Escritura não significa só emoções, mas inclui a mente; e arrependimento significa mudança da mente.

Vamos considerar agora minuciosamente o que este homem descobriu acerca de si mesmo. Ele no-lo diz nestes dois versículos. (vs. 21-22) A primeira coisa que descobriu quando de fato viu a situação real foi que ele mesmo estivera, em grande parte, produzindo os seus problemas e a sua própria infelicidade. Ele viu no santuário de Deus que o seu problema não eram absolutamente os ímpios; era ele mesmo. Descobriu que ele mesmo se excitara para essa condição. Agora deixem-me dar a prova disso. A Versão Autorizada inglesa diz: "Assim o meu coração foi magoado, e levei picadas nos meus rins". Esta tradução parece sugerir que acontecera alguma coisa com o seu coração; alguma coisa tinha acontecido com os seus "rins", outra sede dos sentimentos e emoções, de acordo com a psicologia antiga. Mas o que este homem

disse de fato é uma coisa um tanto diferente. Estas palavras empregadas no versículo 21 são reflexivas. O que ele está dizendo é que fizera alguma coisa a si próprio. Ele está dizendo: "Eu azedei o meu coração". E quanto aos rins os irmãos podem traduzir mais ou menos assim: "Estive preparando para mim mesmo uma dor lancinante". Ele mesmo estivera fazendo isso. Tinha provocado o seu coração, tinha exacerbado a sua aflição, tinha azedado os seus sentimentos. Realmente estivera produzindo os seus próprios problemas e dando origem à aguda dor que estivera suportando enquanto não entrou no santuário de Deus.

É evidente que este é a um princípio deveras importante e vital. O fato é — e não devemos todos nós confessá-lo na presença de Deus neste momento? — que tendemos a produzir e a exacerbar as nossas aflições. Nós, por certo, nos inclinamos a dizer, como este homem tinha estado dizendo antes de ir ao santuário de Deus, que foi esta ou aquela coisa externa, fora de nós, que produziu o problema todo. Nada disso, porém; fomos nós mesmos. Lembro-me de ter lido uma vez uma frase que expressa muito bem este ponto, acho eu: "Não é a vida que importa, mas a coragem que você lhe traz". Ora, eu não aceito esta filosofia da coragem, mas estou citando a frase porque, conquanto afirmada erradamente, contém um essencial elemento de verdade. "Não é a vida que importa." Bem, o que é que importa? Sou eu, e você, e a maneira como a enfrentamos, o modo como reagimos, o nosso comportamento concernente a ela. Posso provar isto de maneira bem simples. Podemos ver duas pessoas levando exatamente o mesmo tipo de vida, enfrentando precisamente as mesmas condições. E, contudo, elas são muito diferentes. Uma é amarga, azeda, murmuradora e queixosa; a outra é calma, serena, feliz e tranqüila. Onde está a diferença? Não nas condições; não no que lhes está sucedendo. É algo *nelas*; a diferença está nas duas pessoas mesmas.

Ora, isto se pode demonstrar abundantemente. Há uma copla que expressa bem isso:

> Dois presos olhavam de suas celas.
> Um via só lama; o outro as estrelas.

Um deles, notamos, olhava para baixo; o outro olhava para cima. Não é a vida, não são as circunstâncias, não são os

ímpios, não são estas coisas — somos nós. Este homem descobriu isso tudo, descobriu que ele mesmo estivera criando, exagerando e exacerbando os seus próprios problemas. Ele estivera azedando o seu próprio coração.

Deus sabe que todos nós tendemos a ter culpa da mesma coisa. Não é a causa externa propriamente dita que importa. A coisa particular está ali, é claro, mas é muito importante compreender que a maneira pela qual reagimos a essa coisa é que determina o que nos vai acontecer, não meramente a coisa em si e por si. Temos uma frase a qual eu acho que expressa muito bem isto. De certo tipo de pessoa dizemos: ele sempre faz de um cupinzeiro uma montanha (de tudo faz um bicho-de-sete-cabeças). Havia alguma coisa ali, é certo; mesmo um cupinzeiro é alguma coisa. Tinha que haver algo sobre o que agir. Mas a coisa mesma era muito pequena; realmente não passava de um montículo levantado pelo cupim. Contudo, este homem estava fazendo disso uma montanha; ele o desenvolvera, transformando-o em algo tremendo. Daí pensou que se confrontava com uma montanha de problema, mas realmente não era isso. Ele é que transformara em montanha um cupinzeiro. Assim é que nós, também, nos aborrecemos, nos agitamos e ficamos nesta mesma condição.

Temos outra frase que descreve isto. Dizemos que algo nos faz pegar fogo. Não é bem assim. Não é tanto que algo nos faz pegar fogo, mas que nós mesmos nos inflamamos. Noutras palavras, a reação é grande demais para o estímulo. O caso é obviamente esse porque não somos apropriadamente equilibrados, não estamos numa condição certa, somos hipersensíveis. Todo mundo fala hoje em ser "alérgico" a determinadas coisas; é uma das expressões em voga. Ora, que significa isso? Significa que nós somos hipersensíveis. Há algumas pessoas, por exemplo, que não podem ficar no mesmo quarto com um gato sem sofrerem um ataque de asma. Outras não podem ficar perto de um campo de feno sem sofrerem um ataque de febre de feno. Vocês sabem muito bem disso tudo. Qual é a questão? As autoridades médicas dizem que é pelo pó ou pelo pólen no ar. Mas não é simplesmente o pólen, por certo, porque outras pessoas podem andar pelo mesmo campo e nada lhes acontece. O pólen está ali. Mas o ponto é que aquelas pessoas padecem de febre de feno, não por causa do pólen, mas porque são hipersensíveis, são alérgicas. Pois bem, isto ilustra o que o salmista descobriu. Mas ele vai além disso, e o faz acertadamente. Confessa que ele próprio provocou a sua sensibilidade, na verdade a sua hipersensibilidade. Isso se pode fazer muito facilmente. Uma pessoa pode tornar o seu próprio coração hipersensível. Ela pode cuidar dele, mimá-lo, e quanto mais o fizer, mais o seu coração gostará disso, mais sensível será e mais dó terá de si mesmo. Ela poderá levá-lo de tal sorte a esta condição que a mínima coisa causará problema imediato. Se acender um palito de fósforo — um só — num barril de pólvora, haverá terrível explosão. Não é o fósforo que conta primariamente; é o barril de pólvora.

Esse é o tipo de coisa que este homem descobriu. Ele estivera totalmente errado em seu pensamento acerca dos ímpios. Achava que eles eram a causa única do seu problema. Mas descobriu que não era nada disso. Ele tinha levado o seu coração a essa estulta condição; era hipersensível. Dessa forma achou-se em tal estado que a mais leve coisa que lhe fosse contrária causaria uma explosão. Tenho certeza que todos nós captamos a veracidade do que estou dizendo, mas a questão pessoal é, você se vê fazendo a mesma coisa? Toda vez que você fala consigo sobre si próprio, sente pena de si? Se é assim, você está fazendo a mesma coisa que este homem estivera fazendo; está aumentando esta morbidez e hipersensibilidade, e está se preparando para uma experiência dolorosa. Chama-se a isto masoquismo. Você conhece esse tipo de perversão, da qual todos somos mais ou menos culpados. É uma coisa estranha referente à natureza humana, e uma das apavorantes conseqüências da "Queda", que tenhamos este perverso deleite, por assim dizer, em ferir-nos a nós mesmos. É uma coisa deveras peculiar, mas nós sentimos prazer com a nossa própria miséria porque, enquanto a estamos desfrutando, também estamos tendo dó de nós, ao mesmo tempo. É aí que entra a sutileza disso tudo. Enquanto estamos completamente abatidos e infelizes, há um sentido em que nos apegamos a isso porque nos dá uma espécie de gozo pervertido. Continuamos assim protegendo e engrandecendo o ego.

Este homem descobriu tudo isso no santuário de Deus. Ele se afligira; produzira o seu próprio infortúnio e o tinha conservado. Exagerara a coisa toda em vez de enfrentá-la honestamente. Ele não estava nesse grande problema; não es-

tava tendo realmente um período difícil. Ele estava somente vendo as coisas de modo que lhe dessem um período penoso — que insensato foi este homem! Não somos nós todos como ele, às vezes — insensatas criaturas?

Ora, oposta a isso tudo é a bendita condição descrita em Filipenses 4:11-13. Paulo o expressa nestes termos: "Porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece". Noutras palavras, ele havia chegado a uma condição em que não mais era hipersensível. Estava numa condição em que não lhe importava muito o que lhe acontecesse; nada iria perturbá-lo "Aprendi a contentar-me com o que tenho." Essa é a condição em que todos nós, como cristãos, devemos estar. O não cristão não está nem pode estar nela, de modo nenhum. É como um barril de pólvora; nunca se sabe quando vai haver uma explosão. A mais leve alfinetada ocasiona grande dissabor; ele é hipersensível por causa do ego. Mas o apóstolo Paulo se lembrara daquilo que o Senhor coloca primeiro para os Seus discípulos, a saber, "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo". Primeiro o ego tem que ser posto fora. Depois disto, "tome sobre si a sua cruz, e siga-me". Porquanto o ego foi destronado e lançado para trás, o discípulo não é hipersensível, e estas coisas não causam problemas, alarmes e explosões. Ele é equilibrado porque o ego foi posto fora e ele vive para Cristo.

Examinemo-nos à luz disto. Pensemos em todas as nossas aflições; pensemos em todas as nosssa dificuldades, menosprezos e insultos, e em todas as restantes coisas que achamos que se amontoaram sobre nós, e todas as incompreensões. Encaremos todas estas coisas à luz deste ensino, e acho que veremos num relance que tudo não passa de uma questão mesquinha e vil. É tudo fabricado. Não há nada ali realmente; simplesmente estivemos fazendo de um montículo de cupim uma montanha. Se tão somente fizéssemos uma lista das coisas que nos têm abatido, como ficaríamos envergonhados! Quão débeis e desprezíveis podemos ser!

A seguinte coisa que este homem descobriu é que ele se tornara asnático. A Versão Autorizada inglesa traduz o versículo 22 nestes termos: "Assim eu fui estulto". Mas a palavra ali significa na verdade "asnático", e esta é uma palavra muito melhor. Ele ficou como um animal, completamente irracional, agindo de maneira imbecil, absurda. Mas isto sempre mostra com exatidão a condição que estamos descrevendo e analisando. Que é que isto significa exatamente? "Tão asnático eu fui, e ignorante." "Eu fui" — repete ele, segundo a citada versão inglesa — "como um animal perante ti". De novo notemos a sua honestidade, a sua maneira de tratar-se a si próprio. Ele não se poupa, absolutamente; viu a verdade acerca de si e a declara — "Fui como um animal perante ti".

Que significa isto? Primeiro e acima de tudo significa que ele estava agindo instintivamente. Qual é a diferença entre um animal e um homem? Já sugeri, em parte, a resposta. Seguramente, constituem as dádivas supremas de Deus ao homem o entendimento, a razão e a capacidade para pensar. O animal pode ter elevado grau de inteligência; falta-lhe, porém, aquela verdadeira qualidade e faculdade da razão, por mais que às vezes pareça o contrário. Falta-lhe capacidade para colocar-se numa perspectiva externa a si próprio, para considerar-se a si mesmo e as suas ações. Somente o homem pode fazer isso, e isso é uma parte da imagem de Deus no homem. Mas o animal não pode fazê-lo, o animal age instintivamente. Não preciso gastar muito tempo ilustrando o que quero dizer. Tome-se, porém, a questão da migração das aves. Um estudo desse assunto torna óbvio que o instinto, e não a inteligência, governa esse fenômeno maravilhoso. Noutras palavras, o comportamento animal é questão de reação instintiva a um dado estímulo. Bem, este homem nos conta que estivera se comportando assim. Dizendo doutra maneira, ele não parou para pensar; não parou para ponderar e arrazoar acerca do seu problema. Ser bronco significa não pensar logicamente, não pensar claramente. Eu e você fomos destinados a pensar logicamente, a pensar racionalmente, a pensar consecutivamente. Mas este homem não estivera pensando desse jeito, estivera agindo como animal. O animal reage ao estímulo imediata e mecanicamente, sem nenhum intervalo para pensamento. O salmista estivera fazendo isso. E todos temos que ver, quando começamos a pensar nisso, como somos todos propensos a fazer a mesma coisa. Entretanto, isso é muito anticristão.

Deve ser uma das grandes diferenças entre o cristão e o não cristão o fato que o cristão sempre coloca um intervalo entre o estímulo e a reação. O cristão sempre deve colocar tudo noutro contexto. Deve pensar nas coisas; não deve fazer conclusões precipitadas; deve raciocinar as coisas. Noutras palavras, e certamente isto é de vital importância, uma das características marcantes do cristão deve ser a capacidade de pensar, de pensar logicamente, com clareza e espiritualmente. Ora, não é este todo o propósito das epístolas do Novo Testamento? Que dizem elas? Arrazoam conosco. Estas epístolas foram dadas a pessoas cristãs como nós, que tinham seus problemas e perplexidades, e o que todas elas dizem é justamente isto: "Não reajam prontamente a estas coisas. Pensem nelas; coloquem-nas no contexto dos propósitos de Deus; relacionem-nas com a perspectiva global da salvação e da vida cristã. E tendo feito isso, ver-se-ão pensando nelas de maneira diferente". O cristão é um homem que pensa de maneira diferente do não cristão. O seu pensamento é lógico, claro, calmo, controlado e equilibrado; e, acima de tudo mais, é espiritual. Pensa em tudo em termos desta grande verdade que ele tem aqui no Novo Testamento. Mas o animal não é capaz de agir assim. Eu "era como animal perante ti"; "Fui néscio". Esse tipo de comportamento não é só como o do animal; é mais ou menos como o da criança também. A criança age desse modo porque sua faculdade de raciocínio ainda não progrediu nem se desenvolveu suficientemente. Ela salta logo para as conclusões; reage aos estímulos como o animal. É preciso adestrá-la para pensar e raciocinar, e não para ser néscia.

Outro modo pelo qual o salmista viu que fora néscio foi este. É evidente que a idéia que ele tinha da vida do justo era completamente falsa. Desejava alegrar-se o tempo todo e achava que a sua vida devia ser uma longa sucessão de luz e felicidade. Foi isso que o fez queixar-se e dizer: "Em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência. Pois todo o dia tenho sido afligido, e castigado cada manhã". Permita-se-me expressá-lo de maneira deveras brutal e simples. Essa não é a verdade quanto a nós todos? Tendemos a acatar todas as dádivas, todos os prazeres, toda a felicidade e toda a alegria sem falar muito com Deus sobre isso. Mas no momento em que alguma coisa sai errado, co-

meçamos a resmungar. Aceitamos a nossa saúde e energia, o nosso alimento e vestuário, e os nossos entes queridos, tudo como coisa líqüida e certa. Mas no momento em que alguma coisa sai errada, começamos a murmurar e a queixarnos, e dizemos: "Por que Deus fez isso comigo? Por que havia de acontecer-me isto?" Quão lentos para agradecer, quão rápidos para resmungar! Mas isto se assemelha ao animal, não é? O animal gosta de carícias e afagos. Come e saboreia o seu alimento. Mas no momento em que você o corrige, ele não gosta. Isso é típico do animal, e é típico do modo de ver da criança. A criança recebe tudo o que você lhe dá. Mas se você lhe recusa algo que ela quer, fica ressentida. Isso é ser néscio. Isso é incapacidade para pensar. Essa é a atitude infantil, imbecil, semelhante à do animal. Quanta verdade há nisso, porém! Foi verdade quanto a este homem, e é verdade quanto a nós.

Gostaria de expressá-lo deste modo: este homem (do Sal. 73) estivera considerando como favas contadas as bênçãos e alegrias. Parece que todos supomos que temos direito a essas coisas, e que as devemos ter sempre. Daí, no instante em que nos são negadas começamos a levantar questões e a demonstrar dúvidas. Ora, o salmista devia ter dito a si próprio: "Sou homem de vida piedosa, creio em Deus. Levo uma vida religiosa, e conheço certas coisas sobre o caráter de Deus. Estas coisas estão fora de questão. Agora me estão sobrevindo algumas coisas dolorosas, e vejo que a situação dos ímpios é muito diferente. Mas, decerto há algum bom motivo para isso". Depois ele devia começar a buscar razões e a procurar uma explicação. Tivesse feito isso, sem dúvida teria concluído que Deus tinha algum propósito naquilo tudo. Já consideramos algumas dessas razões. Teria chegado à conclusão de que, ainda que não o pudesse compreender, Deus tinha que ter uma razão, porque Deus nunca faz coisa alguma que seja irracional. Teria dito: "Estou certo disto e, portanto, qualquer que seja a explicação, não é o que pensei de início". Ele teria refletido bem nisso.

Mas como demoramos para chegar a esta atitude! Ao que parece, achamos que, como cristãos, não devemos ter nunca qualquer problema. Nada deveria sair-nos errado, e o sol deveria estar sempre brilhando ao nosso redor, enquanto que todos os que não são cristãos, por outro lado, deveriam

experimentar constantes aflições e dificuldades. Mas a Bíblia nunca nos prometeu isso. Pelo contrário, prometeu-nos "que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus". Também diz: "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele". Desta forma, na hora em que começamos a pensar, vemos que a idéia que nos viera instintivamente é inteiramente falsa, face ao ensino da Bíblia.

Resumirei o acima exposto desta maneira: "Fui um néscio"; era como animal perante ti" significa que, como acontece com as feras e animais, a disciplina sempre nos desgosta. Nunca vemos seu valor ou sua necessidade. E sempre que somos disciplinados por Deus tendemos a opor-nos, e até a questionar e argüir o amor de Deus e a Sua bondade. Pois bem, isso é uma coisa que este homem descreve perfeitamente quando diz que agir assim é comportar-se como animal. Por natureza, ninguém gosta de ser disciplinado. Todos querem obedecer aos seus instintos; não gostam de ser controlados. Os animais sempre se opõem à disciplina, e quando os treinamos, temos que ser pacientes com eles e, às vezes, temos que ser severos, por esta mesma razão.

Ora, isto é característico do cristão imaturo, do bebê em Cristo. Tal pessoa fica ressentida com a disciplina e, contudo, a resposta a isso é simples e inequívoca. O autor da epístola aos Hebreus não hesita em empregar uma frase notável e quase surpreendente. Diz ele: "Se vocês não estão experimentando disciplina, há somente uma explicação para isso, e é que vocês não são filhos de Deus; são bastardos" (vide Heb. 12:8). Se alguém é filho de Deus, certamente vai ser disciplinado, porque Deus o está preparando para a santidade. Ele não é um pai indulgente que esbanja doces indiscriminadamente, que não se preocupa com o que nos aconteça. Deus é santo, e nos está preparando para Si e para a glória; e porque somos o que somos, e porque o pecado está em nós, e porque o mundo é o que é, necessariamente nós temos que ser disciplinados. Assim, Ele nos envia provações e tribulações para embargar nossos passos e fazer-nos "conformes à imagem de seu Filho". Mas não aceitamos isto e, como o animal, gritamos porque não gostamos de sofrimento. Mas se pensássemos, se não fôssemos néscios, até daríamos graças a Deus pelo sofrimento. Diríamos com o escritor do Salmo

119, "Foi-me bom ter sido afligido". Às vezes penso que não há melhor coisa para provar a posição cristã do que justamente esta, que somos capazes até de dar graças a Deus por provações, aflições e disciplina, porque vemos que estas coisas têm sido usadas por Deus para aproximar-nos e achegar-nos mais a Ele.

A coisa seguinte que este homem descobriu acerca de si próprio é que era ignorante. Ser ignorante não é a mesma coisa que ser néscio ou bronco, mas geralmente a necedade leva à ignorância. Este homem era ignorante acerca da verdadeira condição dos ímpios; era ignorante acerca de Deus; era ignorante acerca de si próprio e acerca da própria natureza da vida que ele estava levando. Esquecera-se do que diz respeito a todo o propósito do santo viver. E se eu e vocês reagirmos como este homem reagiu às provações e dificuldades, em última análise só há uma coisa que dizer de nós, e é que somos ignorantes.

Do que somos ignorantes? Somos ignorantes de tudo que a Bíblia diz a respeito da vida do justo, e somos ignorantes especialmente acerca das epistolas do Novo Testamento, todas as quais foram escritas para esclarecer esta ignorância particular. Assim, se murmuramos sempre sobre os procedimentos de Deus para conosco e nos queixamos dos Seus castigos disciplinares, estamos simplesmente fazendo a confissão, ou de que não conhecemos nada das Escrituras e nunca entendemos o Novo Testamento, ou então, que somos ignorantes intencionalmente, que recusamos a pensar e a aplicar o que sabemos. Vemos estes livros, mas recusamos a dar ouvidos aos argumentos e não permitimos que eles se apliquem a nós. "Ignorante"! Diz este homem: "Eu estive agindo como um ignorante; estive agindo como se não soubesse nada dos Teus propósitos; estive agindo como se eu não passasse de um principiante nestas questões, como se nunca tivesse lido ou ouvido a história do passado". E isto é também perfeitamente verdadeiro a nosso respeito. No momento em que deixamos que o nosso coração e os nossos sentimentos assumam o controle, tornamo-nos hipersensíveis ou alérgicos neste sentido; e agimos justamente como se não soubéssemos nada, e como se fôssemos ignorantes e como um animal na presença de Deus.

Isso nos leva à questão final, que é a pior de todas. Ouçam: "Assim eu exacerbei o meu coração, espicacei os meus rins e me causei dor a mim mesmo. Tão néscio fui, e tão ignorante, como um tolo; de fato, fui como um animal *perante ti*". Creio que foi isso que quebrantou o coração deste homem, e é isso que também devia quebrantar os nossos corações. Vemos que no santuário de Deus este homem compreendeu que estivera pensando todas estas coisas horríveis, indignas, estultas, insensatas, realmente na presença de Deus. "Perante ti." Por isso ele se considerou um animal. Imagine pensando estas coisas, e estando a ponto de dizê-las, na presença de Deus! O que ele esquecera é que Deus pode "discernir os pensamentos e intenções do coração", e, "não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Heb. 4:12-13). Se tão somente percebêssemos isto, nunca mais nos corportaríamos como o fez este homem e como nós, para vergonha nossa, muitas vezes o temos feito.

Eu e você estamos sempre na presença de Deus. Portanto, quando você estiver sentado no seu canto condoendo-se de si mesmo por ter sido ferido, e devido ter-lhe acontecido isto ou aquilo, lembre-se de que isso tudo está acontecendo na presença de Deus. E quando você perguntar, "Será que Deus está sendo justo comigo? É justo eu sofrer enquanto outras pessoas prosperam tanto?", lembre-se de que você está perguntando isso e tendo esse pensamento acerca de Deus, na presença dEle. "Perante ti." Este homem olvidara a grandeza de Deus. Se tão somente eu e você nos lembrássemos da grandeza de Deus, jamais faríamos novamente certas coisas que costumamos fazer. Quando nos dermos conta de que somos apenas uma mosca, ou um gafanhoto, ou até menos que isso na presença do Todo-poderoso, e que Ele poderia eliminar-nos da existência como se não tivesse acontecido nada, jamais nos levantaremos para pavonear-nos em Sua presença e pôr-nos a questioná-lO. Precisamos compreender que, nas palavras de um sábio do Velho Testamento, "Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra".

Mas, especialmente, devemos lembrar-nos do amor de Deus. Deus é amor. Este homem compreendeu que fora estulto e tolo ao questionar o amor de Deus. Ele devia tudo ao

amor, à bondade, à graça de Deus. Assim, quando tivermos estes ásperos e indignos pensamentos sobre Deus, devemos lembrar que os estamos tendo acerca dAquele que tanto nos amou que enviou Seu Filho ao mundo e, ainda mais, à vergonha e agonia do Calvário por nós. Ademais, pensamos essas coisas de um Deus tal, mesmo em Sua santíssima presença. Imagine-se você com amuo na presença de Deus, mal-humorado como uma criança amimalhada. Olhe para a criança amuada; olhe para o animal. Quão ridículos parecem! Muito bem, multiplique isso ao máximo e então imagine-se na presença deste onipotente, santo e amoroso Deus. Não, não há nada que dizer em favor dessa condição. O salmista está certo; não é que ele esteja sendo indelicado consigo, ele está falando a pura verdade — "Agi como animal, ignorante, completamente estulto".

Qual é o oposto disto? Não posso pensar em nada melhor do que a condição do filho pródigo, depois que caiu em si. Não tenho dúvida de que, até certa altura, aquele pobre sujeito achava que tinha sido muito maltratado. Saíra de casa e fora para uma terra distante. Pretendia projetar-se, mas as coisas não deram certo e por isso ele achou que estava sendo tratado duramente. Então, caiu em si, voltou para casa e disse: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho". Essa é outra maneira de dizer a mesma coisa. Nada de recomendar-nos a nós mesmos, nada de desculpas; agimos de modo indescritivelmente estúpido, como animais. Deixamos de pensar e raciocinar; deixamos de aplicar estas Escrituras. É este ego horrível que tem exercido o controle, e somos tão hipersensíveis que nada nem ninguém está certo, exceto nós mesmos. Encaremos isso; tiremos-lhe a máscara; analisemo-nos e encaremo-nos juntamente com isso. Vejamos isso com honestidade até que nos envergonhemos completamente de nós mesmos. Depois, acheguemo-nos àquele Deus cheio de amor e de graça e reconheçamos que somos como vermes e até menos que isso diante dEle, que não temos reivindicação nenhuma para fazer-Lhe, e nenhum direito ao Seu perdão. Digamos a Ele que não desejamos ser curados rapidamente, que sabemos que nem sequer merecemos receber a cura.

Como vimos anteriormente, o problema de muitos de nós é que nos curamos a nós mesmos depressa demais.

Achamos que temos direito ao perdão. Mas o ensino da Bíblia e o exemplo da vida dos heróis da fé é que, como o filho pródigo, eles nada mereciam, senão a condenação, pois tinham sido como animais em sua estupidez, e não tinham nenhuma reivindicação para apresentar a Deus. Na verdade, encheram-se de admiração ante a perspectiva de que Deus poderia perdoá-los. Examinemo-nos à luz disso. Corremos para Deus achando que temos o direito de receber Seu perdão? Ou percebemos que não temos nenhum direito de pedir perdão? Este homem sentia-se assim, e opino que é sempre assim que o verdadeiro cristão se sente de início. Paulo, após anos de pregação, olhava para trás, para o passado, e dizia que ele era "o principal" dos pecadores. Ainda estava maravilhado com o fato de que Deus pudesse tê-lo perdoado. Apesar de ser um apóstolo, ainda achava, por assim dizer, que poderia receber alguma coisa num culto de evangelização! Ainda reagir como pecador; maravilhava-se ainda perante a assombrosa cruz e o amor de Deus em Jesus Cristo, nosso Senhor. "Tão estúpido eu fui, tão tolo; era como um animal perante ti."

8

"TODAVIA"

Todavia estou de contínuo contigo;
tu me seguraste pela minha mão direita.
Guiar-me-ás com o teu conselho,
e depois me receberás em glória. (vs. 23-24)

O curso da história do salmista durante a investida a que fora submetido pelo diabo, é uma narrativa sumamente emocionante. Vemos este homem avançar passo a passo, estágio a estágio, e todo aquele que já passou por essa espécie de experiência sabe que estes passos são inevitáveis. É importante, pois, que examinemos cada movimento neste relato. Existem poucas coisas mais proveitosas do que observar a recuperação de uma alma. Vemos agora o homem retomando a sua escalada, saindo das profundezas, a caminho da sua recuperação; e no momento o estamos observando ainda, enquanto ele cuida de si.

Ele se humilhou até ao pó, vestiu pano de saco e se pôs sobre cinzas. Admite que não há nada que dizer em favor de um homem que se aborrece e se comporta como ele o fez na presença de Deus — "perante ti". Mas graças a Deus ele não fica nisso. Vai adiante com esta grande e bendita palavra, "todavia". Ora, esta é uma daquelas palavras que em certo sentido resumem toda a mensagem bíblica. É semelhante à palavra "mas"; introduz numerosas vezes o evangelho. Assinala a diferença entre conhecer e não conhecer o evangelho. O homem que desconhece o evangelho não poderia, num sentido, ter ido tão longe como este homem foi, mas teria parado ali. O cristão jamais pára ali. Tendo descido ladeira abaixo, o cristão começa a voltar. "Mas", "todavia" — e aí vem o evangelho. Vem aí no caso deste homem. Esta palavra "todavia" é, portanto, da maior importância; de fato, estes dois versículos que estamos considerando são vitais.

Um modo muito bom de provar se somos cristãos de verdade ou não, é simplesmente perguntar-nos a nós mesmos se somos capazes de dizer este "todavia". Conhecemos este bendito "mas"? Vamos adiante, ou paramos onde estávamos no fim do versículo 22? Ora, o homem natural pára ali; o melhor homem natural nunca vai além disso, e há muita gente desse tipo no mundo hoje. Há bons homens que não são cristãos — homens de boa moral, conscienciosos — e de vez em quando vocês lêem que um deles cometeu suicídio. Cometem suicídio porque são incapazes de dizer este "todavia". Param na hora do exame de si mesmos, e então dizem: sou um fracasso, tenho andado errado, não cumpri o meu dever. Voltam-se sobre si mesmos. Isso é perfeitamente certo, até esse ponto. Devemos fazer isso. Mas o ponto essencial salientado nestes versículos é que não se deve parar aí. Se vocês pararem aí, bem podem estar na senda do suicídio. E há muitos que param aí, mormente homens nobres, no sentido natural. Eles se condenam a si próprios e dizem: "Não há utilidade numa pessoa como eu." Julgam-se inúteis e in-

dignos, e se vão. Mas o cristão não age assim, e é justamente neste ponto que entra toda a diferença entre o cristão e o não cristão. O cristão tem que seguir o curso todo, até aquele ponto. Mas é justamente quando está no fim que a porta da esperança se abre, e ele profere este bem-aventurado "todavia".

Esta é uma palavra surpreendente e gloriosa. Incidentalmente, é a palavra que, neste texto, liga o que vem a seguir com o que veio antes. É o elo vital de conexão. Não somente isso, porém; é ao mesmo tempo o ponto de retorno. Temos visto o salmista descer e descer mais e mais, e achávamos que ele não poderia ir nem um pouco mais longe. Ele se humilhou até ao pó; e então começa a olhar para cima — "todavia". Imediatamente se põe a caminho para cima; começou a mover-se e irá avante até que possa dizer triunfantemente :"Deus é sempre bom para com Israel". Mas ele não chegou a esse ponto com um simples salto das profundezas. Passou pelo processo que estamos considerando agora, e prosseguiu através de vários estágios. Há degraus nesta escada que alcança o topo, e é maravilhoso observar este homem subindo passo a passo. Meu irmão, você já conheceu este "todavia" quando estava abatido e não podia ver nenhuma esperança, quando o diabo o estava oprimindo e lhe dizia que fechasse as janelas e colocasse antolhos, e você ficou envolvido nas trevas e no desespero? Você já experimentou aquele bendito momento em que uma seta de luz aparece através de uma fenda nalgum lugar, introduzindo nova esperança e mudando toda a sua atitude e condição? Esta é a libertadora palavra "todavia".

Aí está ela, neste Salmo. É muito interessante observar como isto aconteceu. A lógica destas coisas é deveras fascinante. Foi assim que funcionou. Ele chegou ao ponto em que disse: "Assim me embruteci, e nada sabia; era como animal perante ti". Subitamente isso o fez enxergar. No instante em que disse, "perante ti", disse também, "Todavia estou de contínuo contigo". Noutras palavras, "Ainda estou na tua presença". E tudo mudou. Foi a palavra libertadora. Tendo-se condenado porque se aborrecera daquele jeito e fora tão estulto na presença de Deus, agora diz: "Mas eu estou ainda na presença de Deus — todavia estou de contínuo contigo".

Ora, isso foi uma coisa surpreendente, e o salmista não pôde esquecê-la. O que o deixou maravilhado a este ponto foi que ele ainda estava na presença de Deus. Vocês vêem? Deus não o riscou, conquanto tivesse sido tão néscio em Sua presença. Por que Deus não o mandou embora? Por que Deus não lhe mostrou a porta e lhe disse: "Isso é o seu fim; você é indigno"? Não o fez, porém. Ele ainda estava na presença de Deus. Foi isso que veio a este homem fazendo-o vibrar de surpresa e admiração. Ele não recebeu o destino que tão fartamente merecia. A que se deve isso tudo?

Isto nos leva àquilo que eu considero como a doutrina destes dois versículos, toda a doutrina da graça de Deus. É uma nova compreensão da graça maravilhosa. Se há uma coisa que este Salmo ensina mais que qualquer outra é que tudo que é superior e sumamente esplêndido na vida é inteira e unicamente resultado da graça de Deus. Se não captamos isto, não estamos tirando proveito algum da nossa longa consideração do Salmo. A grande mensagem do Salmo é que "Somos devedores unicamente à misericórdia", o caminho todo, do começo ao fim. A nossa vida completa se deve inteiramente à graça e à misericórdia de Deus. Este homem descobriu isto e o expressou desta maneira: "Todavia estou de contínuo contigo". "A coisa espantosa", diz ele noutras palavras, "é que ainda estou contigo, que ainda me permites vir à tua presença." A maravilhosa graça de Deus. Que seria, se Ele nos deixasse ficar naquela outra condição de auto-condenação e desespero, de nada ver senão a verdade a respeito de nós mesmos, sem alívio de nenhuma espécie? Mas Deus não faz isso.

Agora vejamos como a história deste homem ilustra os vários aspectos da doutrina da graça de Deus. Certas divisões desta doutrina costumavam ser reconhecidas quando as pessoas estavam interessadas na doutrina, e não simplesmente em estudo bíblico. O estudo bíblico é de bem pouco valor se termina em si próprio e se é principalmente uma questão de sentido das palavras. O propósito do estudo das Escrituras é chegar à doutrina. Aqui temos uma maravilhosa exposição da doutrina da graça de Deus. Sigamos as subdivisões que outrora eram tão conhecidas.

A primeira tem que ser, necessariamente, a graça salvadora de Deus. A primeira coisa que o salmista percebeu

foi que, a despeito de tudo que era verdadeiro sobre ele, Deus, tinha-o perdoado. Porque, se Deus não o tivesse perdoado, não estaria ainda na presença de Deus. Se Deus tivesse tratado este homem como ele merecia, teria sido expulso. Jamais teria permissão de voltar à presença de Deus. Mas não é este o caso; ele continua na presença de Deus. *E para ele esta é a prova absoluta de que Deus o perdoara.*

Os Salmos estão repletos disto. Os irmãos recordam a declaração que está no Salmo 103:10, "Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniqüidades". Que seria de nós, se o fizesse?! Há outro Salmo que coloca o assunto assim: "Se tu, Senhor, observares as iniqüidades, Senhor, quem subsistirá?" (130:3). Estamos na presença de Deus, e ali estamos por uma razão somente, a saber, que com Deus há misericórdia para que seja temido. Estamos na presença de Deus porque o nome de Deus é Amor; estamos ali "porque Deus amou o mundo" (em seu pecado, arrogância, rebelião e vergonha) "de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Não haveria começo da vida cristã, não fora esta graça salvadora. É apesar de nós que Deus nos perdoa. Somos cristãos não porque somos boas pessoas; somos cristãos porque, apesar de sermos más pessoas, Deus teve misericórdia de nós e enviou Seu Filho para morrer por nós. Somos salvos inteiramente pela graça de Deus; não há contribuição humana de espécie nenhuma, e se vocês pensam que há, então estão negando a doutrina bíblica central. Se neste momento vocês acham que há em suas pessoas alguma coisa que os recomende a Deus, não crêem no evangelho deste salmista ou no evangelho do Novo Testamneto. Somos "devedores unicamente à misericórdia". Vejam este homem; considerem o que ele estivera fazendo; considerem o que ele estivera a ponto de dizer; considerem toda a sua atitude na presença de Deus. Como Deus pôde perdoar isso? Por que perdoou? Houve alguma coisa para merecê-lo? Não houve absolutamente nada.

Existe somente um modo de aproximar-se de Deus: é vir a Ele e dizer com o filho pródigo: "Pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho". Quero dizer isto com muita simplicidade e clareza. Se você acha que tem algum direito ao perdão, você não é cristão, no

meu modo de entender. Graça significa bondade e benignidade para com pecadores imerecedores. Deus não foi movido *por nada, senão pelo Seu amor, Sua compaixão,* Sua misericórdia e Sua graça. Se você não vê isso, só há uma explicação. É que você *nunca viu o seu pecado, nunca passou por* aquilo que este homem descreve na frase anterior. Se você se tivesse visto como um animal, *como um néscio estúpido,* como um ignorante, se você se tivesse visto deste modo realmente, à vista deste Deus santo, não haveria necessidade de argumentar.

Deixem-me dar-lhes outra definição do que é um cristão. É o homem que compreende que, embora seja incapaz de perdoar-se a si mesmo, Deus o perdoou; é o homem que se mostra maravilhado ante o fato de que foi perdoado. Ele não o toma como coisa natural e merecida. Não o exige como um direito seu. *Nunca* faz isso. Em vez disso, ele diz:

> Assim *como estou, sem nada alegar,*
> senão que Teu sangue verteste por mim
> e que me convidas para vir a Ti;
> Cordeiro de Deus, eu venho.

Ou:

> Minhas mãos vazias trago,
> à Tua cruz eu só me apego:
> nu, suplico que me vistas;
> fraco, busco a Tua graça;
> vil, imundo, à fonte corro.
> Lava-me, Senhor, ou morro!

É isso que este homem está dizendo: "Todavia, ainda *estou contigo*". A despeito do que fui e do que fiz, ainda estou contigo, por causa do Teu amor, Tua compaixão, Tua graça salvadora. *Deus enviou Seu Filho ao mundo apesar de* o mundo ser o que é. Quantas vezes Deus diz isso no Velho Testamento! Quantas vezes Ele lembra aos filhos de Israel que os salvou do Egito, não porque eles eram o que eram. Foi por amor do Seu santo nome que o fez; foi por causa do Seu amor e compaixão por Seu povo. E o Novo Testamento sempre dá sua grande ênfase a esta mesma graça salvadora de Deus. "Sendo nós ainda pecadores", "estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo". Deus fez tudo e a Ele cabem todo o crédito e toda a glória. "Todavia" — a despeito de

mim mesmo, não obstante a verdade a meu respeito — "ainda estou contigo".

Sigamos o salmista, porém. Tendo principiado com esta primeira compreensão de que, afinal de contas, Deus está lidando com ele, põe-se então a olhar um pouco para trás. "Todavia estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela *minha mão direita.*" O que é que ele quer dizer? Podemos encará-lo de dois modos.

Primeiramente, focalizemos a graça restringente de Deus. "Tu me seguraste pela minha mão direita." É como se ele estivesse dizendo: "Quando eu ia indo para baixo, Tu estavas ali. Tu me puxaste de volta; Tu me salvaste". Os chamados pais da igreja costumavam dar muita importância a esta graça restringente de Deus. Parece que nos olvidamos dela. Quantas vezes vocês a ouviram mencionada, e por que não empregamos estas grandiosas expressões? Nós nos tornamos antibíblicos, esquecemos as nossas doutrinas. Mas que gloriosa doutrina é esta! Que significa? O salmista quis dizer que foi Deus que o segurou e lhe impediu aquela terrível queda. A situação dele era esta: "Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos". Por que não escorregaram? Agora ele começa a entender. Até esta altura ele não tinha enxergado isso. O que o salvou foi que Deus o reteve pela sua mão. Foi Deus que o firmou um momento antes da sua queda final. Deus o envolvera protetoramente; e justamente quando estava a ponto de cair, Ele o segurou.

O salmista não via a coisa assim no começo. Simplesmente via que estava a ponto de dizer coisas que nunca deveriam ser ditas porque isto seria uma ofensa ao povo de Deus. Mas por que viu isso de repente? Que o fez pensar dessa maneira? Donde lhe viera esse pensamento, "Se eu dissesse: Também falarei assim; eis que ofenderia a geração de teus filhos"? A resposta é que veio de Deus. Deus o segurou pela mão direita e o impediu. Deus colocou o pensamento em sua mente e o pensamento o conteve. Ele agora vê isto e, assim, em certo sentido, isto se torna o grande tema deste Salmo.

O Salmo 37:24 expressa o mesmo pensamento. Ali o salmista está descrevendo o justo e diz: "Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a sua mão". É

o mesmo pensamento. É importante expor claramente esta verdade. A doutrina, vocês vêem, não diz que o cristão jamais cai. Ah, se cai! Mas nunca fica "prostrado". Esta doutrina diz respeito ao apóstata. Estamos sendo claros? O apóstata é obviamente alguém que cai; mas é igualmente certo dizer que é alguém que nunca ficará prostrado. Algumas pessoas não entendem esta doutrina da apostasia. Dizem eles que, se um homem que parece cristão cai em pecado, esse homem nunca foi cristão. Estão completamente errados. Coisas surpreendentes podem acontecer com o cristão, e o cristão pode fazer coisas surpreendentes. Mas a doutrina concernente ao apóstata ensina que, embora caia, nunca ficará prostrado. Noutras palavras, ele sempre volta; não permanece no pecado. Tem o que se chama, "queda temporária". Há pessoas que parecem cristãs, mas que nunca fizeram mais que dar apenas um assentimento intelectual à verdade. Nunca nasceram de novo e finalmente renunciam à verdade. Estas pessoas não são apóstatas. Só se pode empregar o termo "apóstata" com referência ao cristão verdadeiro.

Permitam-me expressar isto claramente dando-lhes uma ilustração. Lembro-me de um homem que eu e outros estávamos inteiramente certos de que era cristão. Mas chegou a ocasião em que tivemos que ver aquele homem fazer coisas terríveis. Ele fora liberto de uma vida de embriaguez e imoralidade. Foi convertido e se tornou excelente cristão. Cresceu espiritualmente de maneira espantosa. Mas, subseqüentemente, aquele homem fez algumas coisas terríveis. De novo *se tornou culpado de adultério. Pior do que isso, assaltou a* própria esposa e, em suma, passou a comportar-se de maneira a mais desprezível. Muita gente começou a dizer que aquele homem nunca tinha sido cristão. Mas, a despeito disso tudo, eu disse: "Este homem ainda é cristão; isto é apostasia. Ele não vai acabar sua vida desse jeito". Ele foi de mal a pior, e o povo disse: "Agora o senhor vai admitir que este homem não é cristão?" Eu disse: "Este homem é cristão; ele está vivendo no inferno no momento, mas voltará". E, graças a Deus, voltou; e uma vez mais está firme e se regozija na fé. Caiu, mas não ficou prostrado.

Esta doutrina quase chega a ser terrível, mas é verdadeira. A Bíblia não diz que quando um homem nasce de novo nunca mais estará sujeito a pecar. Sabemos que isto não é

verdade. A Bíblia não ensina perfeccionismo. O cristão peca; o cristão está sujeito a pecar terrivelmente, horrivelmente. Leiam 1 Coríntios cap. 5. Pesava sobre o homem a culpa de um pecado abjeto, mas ele voltou. Ele fora tão mau que o apóstolo não pôde fazer nada senão entregá-lo a Satanás. Mas esse homem foi restaurado e retornou. Graças a Deus por isso. Esta é a graça restringente de Deus. Às vezes parece que Ele nos deixa ir longe, bem longe, mas se você é filho de Deus, nunca irá embora de uma vez. É impossível.

Mas, que diremos de Hebreus cap. 6? A resposta é que as pessoas descritas ali nunca nasceram de novo. Tinham estado sob a influência temporária do Espírito Santo. Nunca se insinua que elas tinham recebido a nova vida alguma vez. Estou falando da pessoa regenerada quando digo que, conquanto possa ir muito longe, nunca irá embora para sempre. Quando olha para trás, para a sua vida passada, diz: "Amor, que não me abandonará!" Jamais Deus deixará que caiamos definitivamente. Este homem quase tinha escorregado, mas diz: "Tu me seguraste pela minha mão direita". Não lhe foi permitido cair completamente.

Mas vamos dar outro passo. Há outra parte desta doutrina concernente à graça ensinada neste versículo, e é a doutrina da "graça restauradora". Está no mesmo versículo. "Tu me seguraste pela minha mão direita". Esta é, de novo, uma parte deveras maravilhosa da doutrina. Ao olhar para trás, o homem começa a compreender tudo. Ele chegara a ver que Deus estava segurando a sua mão direita, e que no ponto vital Ele o puxara de volta. Mas Deus não parou aí. Que foi que o trouxera de volta? Ele era tão miserável, tão invejoso dos néscios! Que foi que o trouxe de volta e o capacitou a entender? Talvez alguns achem que esta é uma pergunta desnecessária, porque vimos que isso resultou inteiramente da sua ida ao santuário de Deus. Ele mesmo nos diz isso. "Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles". O que restaurou o homem foi a sua decisão de ir ao santuário de Deus.

Mas isso é somente uma resposta superficial. A pergunta que devemos fazer é esta: que foi que o fez ir ao santuário de Deus? Ali estava ele, alimentando o seu agravo e dizendo: "Isto não é direito; Deus não é justo. Tenho lavado as minhas

mãos e purificado o meu coração, e apesar disso estou sempre em dificuldades, enquanto os ímpios são inteiramente felizes". O evangelho não lhe parecia verdadeiro. Então, subitamente, ele sentiu que precisava ir ao santuário de Deus. Mas o que o levou lá? Há somente uma resposta para isso: a graça restauradora de Deus. Meu alvitre é que ele foi lá porque Deus colocou isso na mente dele. Como dizemos com tanta frivolidade, foi algo que lhe "ocorreu". Mas por que lhe ocorreu aquilo? A resposta é: Deus o colocou em sua mente.

Deixem-me retornar ao cristão que caiu e se tornou culpado de adultério e enganou e roubou sua própria esposa. Eis o restante da sua história. Ele abandonou o lar, veio para Londres, e ficou vivendo no adultério. Seu dinheiro chegou ao fim. Ficou em tal estado de envilecimento e miséria que resolveu cometer suicídio. Rebaixou-se a ponto de nivelar-se a uma escória humana. Finalmente, um domingo à noite, quando caminhava para o dique, determinado a atirar-se no Tâmisa e acabar com tudo, de repente lhe "ocorreu" vir a este edifício, veio e sentou-se na galeria enquanto eu conduzia o povo em oração. Eu não sabia que ele estava lá, mas disse algo sobre o amor de Deus, até pelo apóstata. Eu disse aquilo de súbito, sem premeditação, sem saber de nada. E o que eu disse, apesar de ser apenas uma frase estranha, foi como uma flecha de luz vinda de Deus àquela pobre alma. Ele voltou para Deus e tudo está bem com ele. Eis a graça restauradora de Deus! Lá estava ele andando pelas ruas quando, de repente, sentiu desejo de entrar no santuário. Por quê? Porque Deus o mandou entrar, Deus pôs o pensamento na mente dele, e ele entrou. Deus também pôs na minha mente a coisa que eu disse, e eu a proferi em minha oração. Não fui responsável; eu estava completamente inconsciente daquilo. Essa é a maneira como Deus age.

A história da igreja é rica de casos como esse. Leiam a obra de Hugh Redwood, *Deus nas Favelas* (God in the Slums) e *Deus nas Sombras* (God in the Shadows), ou leiam *Um Tição Tirado do Fogo* (A Brand from the Burning), de Percy Rush. São ilustrações da mesma coisa, homens e mulheres convertidos mas extraviados, aparentemente afastados de uma vez, durante muitos anos. Como foi que o próprio Hugh Redwood voltou? Ele era jornalista e, enquanto coletava informações sobre a enchente do Tâmisa em 1927, de novo se

encontrou com o Exército de Salvação. Alguns anos antes ele fora convertido através do Exército de Salvação, mas depois se tornou um apóstata. Assim, até uma enchente pode ser necessária para trazer de volta um filho a Deus. Todos esses fatos dão testemunho da graça restauradora de Deus.

Deus trouxe de volta estes homens. Exatamente quando chegamos ao nosso limite, quando estamos no maior desamparo e quando estamos prestes a abrir caminho para o desespero final, quando até somos levados, talvez, à idéia de suicídio, subitamente, Deus intervém, talvez mesmo no último instante, e nos traz de volta. Ele nos restaura à comunhão — comunhão com Ele mais particularmente, mas também à comunhão de Seu povo, e nos devolve a alegria que havíamos perdido. Ele nos eleva, tirando-nos "da cova horrível, do lamaçal", firma na rocha os nossos pés e normaliza o nosso andar.

Davi, rei de Israel, sabia algo a respeito disto. Ele pecara tão gravemente que o único modo pelo qual Deus pôde tratá-lo foi enviar-lhe o profeta Natã. E Natã deu-lhe ciência do seu pecado na forma de uma parábola, dizendo-lhe por fim, com toda a franqueza: "Tu és o homem" (2 Samuel cap. 12). Então Davi viu a sua culpa e isso o levou à produção do Salmo 51 e à confissão do seu pecado. Mas ele não pára nesse ponto. O cristão nunca pára nesse ponto. O remorso pode fazer isso. Pode fazer você condenar-se e depois, talvez, cometer suicídio. Mas o cristão vai adiante e diz com Davi: "Lava-me"; "Restitui-me a alegria da tua salvação".

Assim é a graça restauradora de Deus. Ele dá recuperação à alma, conforme o Seu maravilhoso amor e a Sua admirável bondade. Podemos resumir assim a doutrina. Na vida cristã nada é fortuito; nada acontece ou se passa por acaso. Haverá alguma coisa mais consoladora, mais maravilhosa do que saber que estamos nas mãos de Deus? Ele controla todas as coisas. Ele é o Senhor Deus Todo-poderoso, o Senhor do universo, que faz todas as coisas de acordo com o conselho da Sua vontade eterna. Ele derramou Seu amor sobre você; portanto, nada pode feri-lo. "Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados." Ele não permitirá que você se perca. Pode acontecer que você caia profundamente em pecado e que se extravie para longe, mas não ficará prostrado definitivamente; Ele o segurará, impedindo-lhe a queda final. Ele sempre o traz de volta. "Ele restaura a minha

alma", diz o salmista. E depois de restaurar-lhe a alma, Ele o conduzirá a "pastos verdejantes" e "para junto das águas de descanso". E Ele o tratará de maneira tão maravilhosa que você achará difícil crer que fosse possível chegar a fazer o que fez. Ó a graça restauradora de Deus!

Não é a nossa ignorância o nosso maior problema? Falamos tanto das nossas decisões e do que fazemos! Precisamos aprender a pensar desta outra maneira e a enxergar que é Deus quem faz isso tudo. Você nunca se decidiu por Cristo; foi Ele que lançou mão de você e, para empregar a expressão de Paulo, prendeu-o (ver Filipenses 3:12). Por isso você decidiu-se. Vá além da sua decisão. Que é que o levou a decidir-se? Volte ao princípio, à graça de Deus. Tudo é Sua graça e, se não fosse, ainda quando você se decidisse por Cristo, bem depressa se decidiria por outra coisa, cairia, e se iria de uma vez. Mas você não pode cair da graça de Deus. Em seu turvo intelecto e em seu confuso pensamento pode, não porém de fato. Ó a graça salvadora de Deus! Mas depois precisamos ser restringidos e, quando cairmos, precisaremos ser restaurados. E Ele faz isso tudo! É preciso entender que "Deus é o que opera em vós", do princípio ao fim. Graças a Deus por Sua graça admirável — graça salvadora, restringente, maravilhosa graça salvadora! "Todavia ainda estou contigo." É quase incrível, mas é verdade. "Ainda estou contigo."

9

A PERSEVERANÇA FINAL DOS SANTOS

Guiar-me-ás com o teu conselho,
e depois me receberás em glória. (v. 24)

Em nosso último estudo começamos a considerar o ensino bíblico sobre a graça de Deus como vem ilustrado na

história do autor deste Salmo. A proposição geral é que a salvação é inteiramente "pela graça ... por meio da fé; e isto não vem de vós: é dom de Deus" (Efésios 2:8). É toda pela graça. Deve-se inteiramente a Deus a glória pela salvação de cada alma. Temos aqui a grande fórmula da Reforma Protestante que jamais devemos esquecer. Depois vimos que se pode pensar no ensino bíblico com respeito a isto em certas categorias. Primeiro, a "graça salvadora". Esta é a maneira original pela qual a graça vem a nós, trazendo o perdão de pecados. Depois, a "graça restringente". Observamos que foi Deus quem segurou este homem. Seus pés quase se foram. Por que ele não escorregou? Ele achava que era a recordação da injúria que ele estaria fazendo ao irmão mais fraco. Mas a questão é, quem pôs isso na mente dele? Foi Deus. Deus nos restringe. Deus permite que os Seus filhos vagueiem para muito longe, às vezes tão longe que algumas pessoas dizem: "Aquele homem nunca foi filho de Deus". Mas, como vimos, isso é não entender a doutrina acerca da apostasia. Deus parece deixar-nos percorrer longo caminho, mas nunca permite que percorramos o caminho todo. Ele nos segura pela nossa mão direita, Ele nos restringe.

Depois vimos a operação da "graça restauradora". Deus trouxe este homem de volta e o levou ao santuário. Não foi apenas um pensamento ocioso que entrou em sua mente, fazendo-o dizer: "Bem, por que não ir à casa de Deus?" Qualquer homem ou mulher que se tenha afastado de Deus, lendo estas palavras verá, ao examinar a sua própria experiência, que o que julgava ter-lhe vindo como um impulso repentino não era um impulso repentino, absolutamente, mas, sim, Deus colocando isso em sua mente. Ele domina a nossa mente e o nosso pensamento. Ele tinha levado este homem ao santuário e, como resultado, tinha-o restaurado.

Esse é o ponto a que chegamos. Tudo isso pertence ao seu passado. O salmista ainda está, por assim dizer, olhando para trás. Ele não pode esquecer-se disto, deste "todavia", desta coisa estupenda, "ainda estou na presença de Deus", diz ele; "Deus ainda olha para mim e se preocupa comigo, Deus ainda está interessado em mim, a despeito do que estive fazendo e a despeito do que eu quase fiz". "Todavia estou de contínuo contigo." Ele não pode desprender-se disso, e diz: "Estou aqui por causa de Deus e por causa da Sua graça".

E então, ciente disso, volta-se para o futuro. Como será? Sua resposta é: "O futuro vai ser a mesma coisa. Estou de contínuo nas mãos de Deus. Uma vez que "tu me seguraste pela minha mão direita", "guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás em glória".

O primeiro ponto que devemos assinalar aqui é que mais este passo que o salmista dá é de fato inteiramente inevitável, em vista daquilo que ele já disse. Para mim a questão toda depende dessa proposição. Meu argumento é que o homem que já compreendeu o que o salmista compreendeu a respeito do passado, necessariamente, e pela lógica inevitável, terá que ir adiante e dizer isto a respeito do futuro. Portanto, se não somos capazes de dizer o que este homem diz acerca do futuro, significa que há dificuldade em nosso entendimento do passado. Noutras palavras, a vida cristã é um todo. A doutrina da graça é una e indivisível; não se pode tomar partes dela e deixar outras. É tudo ou nada. Assim eu digo que este homem vai fazer esta declaração porque num certo sentido é obrigado a fazê-la. Ele argumenta mais ou menos assim: "Eu fui restringido; fui seguro pela poderosa mão de Deus, quando quase me perdera. Como resultado da Sua graça, estou na presença de Deus e agora tenho prazer na presença de Deus. Por quê? Bem, por causa da graça restauradora de Deus. Mas agora surge a questão: por que Deus me tratou desse modo? Por que me restringiu? Por que me restaurou? Há só uma resposta a essa indagação. Deus fez isso porque eu Lhe pertenço, porque Ele é meu Pai, porque eu sou Seu filho. Noutras palavras, não é algo acidental ou fortuito. Deus me fez isso por causa da relação que existe entre nós e, portanto, se isso é verdade, Ele continuará fazendo o mesmo no futuro".

Noutros termos, quer o percebamos ou não, estamos considerando o que se descreve como a doutrina da "perseverança final dos santos". Estamos familiarizados com isto? Não há outra doutrina trazida à luz pela Reforma Protestante que tenha dado mais alegria, fortaleza e consolo ao povo de Deus. É a doutrina que sustentou os santos da era do Novo Testamento, como veremos, e desde aquele tempo não tem existido nada que tanto tenha firmado e estimulado o povo de Deus. Ela explica algumas das maiores proezas registradas nos anais da igreja cristã. Os irmãos não começarão a enten-

der pessoas como os pactuários da Escócia e os puritanos — homens que deram as suas vidas, e o fizeram com bastante alegria e glória — exceto à luz desta doutrina. É a explicação de algumas das coisas mais espantosas que aconteceram na última guerra; é a única maneira de entender alguns cristãos alemães que puderam enfrentar um Hitler e desafiá-lo.

Agora o salmista nos dá notável afirmação dessa doutrina. Ele se volta para Deus, e o que diz é isto: "Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás em glória". Muitos comentadores divergem sobre o exato sentido disso. Alguns não gostam da palavra "depois". Dizem eles que deveríamos ler, "Guiar-me-ás após a glória". Todavia o sentido de ambos é o mesmo. "Depois." Quer coloquemos estas palavras no presente quer no futuro, há um elemento contínuo aí. O que ele está dizendo é, "Tu estás fazendo isto agora, e continuarás fazendo-o; e "depois" — glória". O salmista não está expressando uma piedosa esperança; está absolutamente certo, como o restante do Salmo o explica extensa e minuciosamente.

Esta é uma doutrina que se acha na Bíblia inteira, tanto no Velho Testamento como no Novo. Os santos do Velho Testamento viveram todos à luz dela. Ela constitui toda a explicação dos heróis da fé mencionados em Hebreus cap. 11, de Abel em diante. Vê-se com particular clareza no caso de Noé. Noé era um estranho e tolo excêntrico para a sociedade em que vivia. Parecia tão ridículo, construindo uma arca! Ele não era como as outras pessoas, que viviam para este mundo. Não, ele estava se preparando para uma catástrofe. Por quê? Porque conhecia a Deus, confiava nEle e só desejava agradá-lO. Há uma magnífica afirmação da doutrina em Hebreus 11:13-16: "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque, os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela donde haviam saído, teriam oportunidade de tornar. Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus se não envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade".

Esse é um perfeito sumário da maneira pela qual viviam os fiéis do Velho Testamento; explica a sua fé e a sua filo-

sofia de vida. É uma declaração da doutrina da preservação final dos santos. No Novo Testamento a doutrina é muito mais clara, como deveríamos esperar. E é mais clara por esta boa razão, que agora o Filho de Deus já esteve na terra e realizou a Sua obra, e, portanto, devíamos ter muito mais segurança do que os santos do Velho Testamento. Eles tinham segurança, mas nós devemos estar duplamente seguros. O Filho de Deus desceu à terra e retornou ao céu. Ele foi percebido, tocado, e Seu lado ferido foi apalpado. Temos essa prova toda, e não só essa — o Espírito Santo foi dado de um modo não experimentado antes da vinda de Cristo. O efeito disso tudo deveria ser o de tornar-nos duplamente seguros desta gloriosa e assombrosa doutrina da perseverança final dos santos.

Ao considerar esta doutrina, estamos olhando para a verdade acerca do apóstata de um modo positivo. Anteriormente a olhamos de maneira negativa, considerando os aspectos restringentes e restauradores da graça de Deus. Se agora a colocamos em sua forma positiva, e no futuro, temos a doutrina da perseverança dos santos. Por que Deus não deixa que o apóstata se vá de uma vez? Por que dizemos que o apóstata sempre volta, e necessariamente o faz? Esta doutrina fornece a explicação.

Vejamos, pois, esta grande doutrina. Que provas temos dela? Esta palavra do Salmo que estamos considerando é uma das melhores. Mas ouçam algumas das afirmações do Novo Testamento. Ouçam as palavras do Senhor Jesus Cristo em João 10:28-29: "E dou-lhes a vida eterna, e *nunca* hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai".

Ora, essa afirmação em si e por si é mais que suficiente. Essas palavras foram proferidas pelo nosso bendito Senhor e Salvador, mesmo sem nenhuma reserva. São uma asserção dogmática, uma segurança absoluta. Não poderiam ser mais fortes. Mas considerem também outras passagens da Escritura. Vejam a parte final de Hebreus capítulo 6 e Hebreus capítulo 11. Pode ser que vocês não conheçam bem estas passagens, e talvez haja coisas não claras para vocês. Mas, deixem-me lembrar-lhes uma grande afirmação do lorde Bacon, que disse: "Não deixe que as coisas incertas lhe roubem

aquilo de que você tem certeza". Que afirmação profunda, em qualquer nível! Quando aplicada às doutrinas escriturísticas, significa o seguinte: eis aqui uma afirmação categórica feita por nosso Senhor, afirmação clara e simples. Não pode haver equívoco sobre ela; é absolutamente certa. Muito bem, quando vocês deparam com outras passagens, que parecem ser incertas, que fazem a respeito delas? Abrem mão da coisa de que estão certos? O lorde Bacon afirma que se vocês forem sábios, nunca permitirão que aquilo de que estão incertos lhes roube aquilo de que estão certos. O que o nosso Senhor diz é uma certeza absoluta; portanto, estabeleçam-no como uma proposição absoluta. Depois, tomem os outros versículos e os examinem à luz dela.

Se fizerem isso, verão que não há muita dificuldade. Como assinalei antes, de passagem, em textos como os primeiros versículos de Hebreus capítulo 6, não há nenhuma afirmação no sentido de que estas pessoas nasceram de novo. Nunca se esqueçam de que existem pessoas que podem parecer-lhes que se tornaram cristãs, que subscrevem as afirmações corretas e que podem mostrar-lhes muitos outros sinais, mas não se segue que são cristãos renascidos. Podem ter "provado" o dom celestial, podem ter experimentado algo do poder do Espírito Santo, mas isto não significa necessariamente que receberam vida de Deus. A doutrina da perseverança dos santos aplica-se somente aos que receberam a vida.

Considerem agora aquelas repetidas afirmações de Romanos capítulo 8, e especialmente o versículo 30: "E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou". O apóstolo Paulo ensina aqui, mui claramente, que, se Deus justificou um homem, já glorificou esse homem. Todo o conteúdo dessa porção da Escritura não é senão uma tremenda exposição da doutrina da perseverança final dos santos, terminando com o desafio final "Quem nos separará do amor de Cristo?" e "estou certo" (absolutamente certo, de acordo com a força do original grego) "de que, nem a morte, nem a vida ... nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". Depois tome outra passagem: "Aquele", diz Paulo aos filipenses (1:6), "que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus

Cristo". Depois vá adiante, a 1 Pedro 1:5. Diz o apóstolo que nós estamos "guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo". E assim por diante! Poderíamos passar horas apenas citando a Escritura no mesmo sentido.

Com base nestas afirmações, em que consiste exatamente este ensino? Que verdades podem basear-se nestes argumentos? Como podemos provar, como podemos demonstrar esta doutrina? Parece-me que o ensino pode ser subdividido da seguinte maneira: esta verdade se baseia no imutável caráter de Deus. "Os dons e a vocação de Deus", disse Paulo, "são sem arrependimento". Ele é o "Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação". A vontade de Deus é imutável, e é imutável porque Deus é Deus. O que Deus quer, Deus faz; o que Deus se propõe, Deus executa. A imutável vontade de Deus é o sólido fundamento de tudo. Se não creio nisso, não tenho fé nenhuma. É uma verdade absoluta que Deus existe. "Eu sou o que sou", sempiterno, imutável e sempre o mesmo. Noutras palavras, Deus, diferentemente do homem, nunca dá começo a uma obra só para abandoná-la mais tarde. Isso é bem típico de nós, não é? Temos nossos novos interesses e vivemos por eles; e depois desistimos deles. Todos propendemos a ser assim; Deus, porém, não é assim. Quando Deus começa uma obra, Deus a completa. Deus é incapaz de deixar qualquer coisa feita pela metade. Esta é a rocha que serve de fundamento para toda a nossa posição. Deus nunca se nega a Si próprio, nunca é incoerente. Não há contradições em Deus, tudo é reto e claro. Ele vê o fim desde o princípio — assim é Deus. Se nós não nos apoiarmos na vontade e nos desígnios imutáveis de Deus, não teremos coisa nenhuma em que nos apoiarmos.

O segundo argumento que eu deduzo relaciona-se com os propósitos de Deus. Seguramente não há nada mais claro nas Escrituras, do começo ao fim, do que o fato de que Deus tem um grande propósito, e que o Seu propósito é salvar os que crêem. Não podemos ler a Bíblia honestamente e sem preconceito sem vermos isso com bastante clareza. Ela nos dá um relato da "Queda" e da humanidade em pecado. Mas depois apresenta a mensagem da graça. Que é isso? Não é mostrar o propósito de Deus, de salvar os que crêem? Agora vou expressá-lo deste modo deliberadamente. A Bíblia afirma

claramente que há certas pessoas que vão passar a eternidade em glória, e que há certas outras pessoas que não. Se isso não é o evangelho, então o que é? Nós vemos em toda parte da Bíblia esta divisão, este julgamento, esta separação entre o povo de Deus e os que não são povo de Deus. É propósito de Deus, digo eu, salvar os que crêem, e este propósito é imutável. É um propósito que tem que ser levado a cabo. Por quê?

Isso me leva ao meu próximo argumento o qual se relaciona com o poder de Deus. Agora este mundo é governado por um poder antagônico a Deus. É descrito como "o deus deste mundo" ou "Satanás", e organizou as suas forças com tão incomum habilidade, poder e sutileza que tudo nesta vida e neste mundo é posto contra o povo de Deus. Tentações, sugestões, insinuações, a perspectiva global, todas as tendências — não necessito descrever estas coisas todas — são contra nós. E obviamente a questão que se levanta é esta: aqui está um homem que é filho de Deus; como se conduzirá através disso tudo? Não é inevitável que ele caia? Leiam o Velho Testamento e verão estes justos caindo em pecado, entre eles Davi, e muitos outros. Como posso estar certo e seguro de que posso prosseguir? A resposta é que eu sou mantido pelo poder de Deus, sustentado por esta graça de Deus — "*Tu me seguraste pela minha mão direita*". Essa é a única base — o poder de Deus. Naturalmente é um poder invencível, ilimitável e interminável. Aí está por que o apóstolo Paulo, ao orar pela igreja em Éfeso, roga três coisas para aqueles irmãos (ver Efésios 1:18-19). Ora para que saibam "qual seja a esperança da sua vocação". Ora para que saibam "quais as riquezas da glória da sua herança nos santos", e também "qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos", precisamente o poder pelo qual Ele ressuscitou dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo. "Agora", é como se Paulo dissesse a estes efésios, "é isso que estou rogando a Deus por vocês. Vocês estão numa sociedade pagã e estão passando por um período terrível. A coisa mais grandiosa que vocês podem saber é esta, que o poder que está operando em vocês é o poder que Deus exerceu quando trouxe o Seu Filho dentre os mortos e O ressuscitou". É esse o poder que está agindo por nós, em nós. Vocês vêem que ele não se contenta em dizê-lo uma vez; ele o repete, dá-lhe ênfase. O poder de Deus é de tal espécie que Ele "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera" (Efésios 3:20).

Mas eu tenho um argumento que é muito mais poderoso que tudo que eu disse. Tenho uma coisa que é até mesmo de maior valor prático para mim e para vocês do que as doutrinas da vontade de Deus, do propósito de Deus e do poder de Deus. Somos tão lerdos para ouvir, e tão lentos nas coisas espirituais que estas proposições podem parecer-nos remotas e abstratas. Portanto, dar-lhes-ei algumas provas concretas tiradas da história, ou seja, uma demonstração prática daquilo que venho dizendo. Vemos isso na parte restante do que este homem diz no versículo 24 deste Salmo. Comecei dizendo que ele encara o futuro e que o faz em termos do que deduz do passado. Ele o faz com muita lógica. Diz ele que Deus, que o tratou com tanta benignidade, de maneira nenhuma poderá abandoná-lo. Deixem-me, porém, pôr isso em suas vestes neotestamentárias. Paulo o coloca assim. "Se (gosto deste "se", gosto da lógica do Novo Testamento) nós, *sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de* seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Romanos 5:10). Os irmãos podem refutar essa lógica? Estão vendo o que ele diz? Se este Deus onipotente enviou Seu unigênito e amado Filho para morrer na cruz do Calvário por nós quando éramos inimigos, quanto mais seremos salvos pela Sua vida? O Deus que fez isso por nós não pode deixar-nos agora. Ele Se negaria a Si mesmo, se o fizesse. Tendo feito o maior, não pode recusar-se a fazer o menor. Deve fazê-lo.

Mas o apóstolo, conhecendo-nos, repete-o em Romanos 8:32: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?" Ele não poupou a Sua humilhação; não poupou o Seu sofrimento; não O poupou da afronta dos que cuspiram nEle, nem da cruel coroa de espinhos, nem da agonia dos cravos martelados em Suas santas mãos e pés; não Lhe poupou o golpe total da Sua ira contra o pecado. "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou . . . como *não nos dará também com ele todas as coisas?*" Vocês querem mais alguma coisa? Se isso não é suficiente, perco a

esperança a seu respeito. O Deus que fez isso por nós está comprometido a dar-nos tudo que é essencial para a nossa salvação final. É inimaginável que não o faça. O nosso trabalho nunca é vão no Senhor, se cremos no que Paulo diz em 1 Coríntios 15. E se isso é verdade a respeito do nosso trabalho, quanto mais em relação ao trabalho do Senhor!

Permitam-me dar-lhes um último argumento. A própria maneira pela qual somos salvos é prova final, parece-me, da doutrina da perseverança final dos santos. Que é que estou querendo dizer? Quero dizer que somos salvos por nossa união com Cristo. Esse é o ensino de Romanos capítulos 5 e 6. Se alguém já está em Cristo e unido a Ele, nunca mais deixará de estar. Esse tornou-se indissoluvelmente parte dEle, está unido a Cristo. A doutrina da justificação prova isto do mesmo modo. Diz Deus: "De seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais". Nós morremos com Cristo; fomos crucificados com Cristo; fomos sepultados com Cristo; ressuscitamos com Cristo; nós nos assentamos com Ele nos lugares celestiais. Tudo que é verdade quanto a Ele é verdade quanto a nós. E isso poderá deixar de ser? A doutrina do novo nascimento ensina a mesma coisa. Somos participantes da natureza divina. Adão não era. Adão recebeu uma retidão positiva, mas ele não era participante da natureza divina. Ele foi feito à imagem e semelhança de Deus, e nada mais; mas o homem que está em Cristo, o homem que é Cristão, o homem que nasceu de novo, é participante da natureza divina". Cristo está nele e ele está em Cristo.

Verifiquem a lógica destas proposições. Se vocês crêem nessas doutrinas, verão que certas coisas se lhes seguem inevitavelmente. Não posso entender as pessoas que dizem que um homem pode nascer de novo hoje, mas que amanhã ele pode deixar de ser um renascido. É impossível, é monstruoso, é quase blasfêmia sugerir isto. Podemos ter experiências que vêm e vão; podemos tomar decisões e depois renunciá-las. Mas a Bíblia nos ensina a atividade e a ação de Deus. E quando Deus faz uma obra, esta fica definitivamente feita; e se alguém está em Cristo, está realmente em Cristo. Se uma pessoa é um participante da natureza divina e se uniu a Cristo e foi feito uma parte dEle, em união espiritual, não pode haver rompimento.

Eis aí, irmãos, os argumentos para provar e comprovar esta doutrina. Resta agora a questão de como Deus o faz. Como nos sustenta Deus? O salmista o expressa deste modo: "Guiar-me-ás com o teu conselho". Ele conduz; Ele guia. Ele faz todas as coisas que estivemos considerando em nosso estudo anterior. Ele nos restringe, Ele age dentro de nós — "operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar" (Filipenses 2:12-13). É assim que Deus preserva o Seu povo; é assim que Ele nos sustém por Sua graça; é assim que Ele nos liberta do pecado. Ele opera em nós — em nossas mentes, como também em nossas disposições e desejos. Pedro, no início da segunda Epístola, lembra às pessoas a quem está escrevendo que lhes foi dado "tudo o que diz respeito à vida e piedade". Todas as coisas — tudo que é necessário para vivermos uma vida consagrada — são-nos dadas nas Escrituras, no Espírito Santo, na Pessoa de Cristo. Por meio destas coisas Deus nos conduz e nos sustém, Ele nos segura e nos aperfeiçoa. Ele lida conosco. Somos obra de Suas mãos, e o Seu cinzel é usado em nós. Você esteve doente? Deus pode tê-lo feito. "Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes", diz Paulo em 1 Coríntios 11:30. Devido alguns membros da igreja em Corinto não se examinarem e não se julgarem a si mesmos, Deus tivera que tratá-los por meio de moléstias e doenças. "O Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hebreus 12:6). Muitas vezes isso faz parte do processo que Ele emprega para manter-nos e levar-nos àquela glorificação que nos aguarda.

Permitam-me terminar com isto. Ao que nos leva este processo todo? De acordo com este homem, leva-nos à "glória". "Guiar-me-ás . . . e depois", ou, se preferem a outra tradução, "Guiar-me-ás . . . e me conduzirás após a glória". Isto significa que, se estamos deste modo nas mãos de Deus, e estamos sendo sustentados por Ele, chegamos a uma certa soma de glória mesmo cá neste mundo. Mesmo neste mundo começamos a fruir algo dos frutos da salvação, da vida que é glória. Os dons do Espírito, as graças do Espírito, o fruto do Espírito — isso tudo é parte da glória. Quando Deus começa a produzir estas coisas em vocês, Ele os está glorificando. Ele os faz diferentes do mundo e das pessoas do mundo; Ele

os faz semelhantes a Cristo. Algo da glória do bendito Senhor lhes pertence. Como nos lembra Isaac Watts:

Os homens de Deus encontraram
a glória iniciada na terra;
frutos celestias neste chão
a brotar da fé e esperança.

Promanam do monte de Sião
mil fragrâncias ternas e sacras,
antes de nos campos celestes
e nas ruas de ouro passearmos.

Graças a Deus, é verdade. Sim, mas esse é apenas o começo; é apenas a prelibação. Realmente é só depois da morte que chegaremos perfeitamente à glória que nos aguarda, e desfrutaremos tudo que se quer dizer com céu. "Um dia de coroamento logo vem..." "...a coroa da justiça me está guardada...", diz o grande apóstolo Paulo. Por isso ele ora uma e outra vez pelas igrejas, para que saibam qual "a esperança da sua vocação" e "quais as riquezas da glória da sua herança nos santos". Noutras palavras, Deus nos está preparando para Si, e o fim verdadeiro da salvação é que estejamos com Deus e fruamos com Ele a vida de Deus. Quão pobres criaturas somos, quão insensatas, murmuradoras, queixosas, apegadas às coisas deste mundo! Vocês sabem que nós, se estamos em Cristo, estamos destinados a gozar a vida e a glória do próprio Deus? É essa a glória que nos espera. Não é apenas o perdão de pecados; estamos sendo preparados para aquela glória positiva e eterna. Esse é o ensino que este salmista vai expondo. Esse é o fim e o objetivo para os quais a graça sustentadora de Deus nos vai guiando, e para os quais Ele nos está preparando.

Mas eu imagino alguém perguntando: "Esta doutrina não é um tanto perigosa? Não há perigo de que alguém diga: "Bem, estou salvo, não importa o que eu faça?" Minha resposta é esta. Se você pode ouvir a doutrina que enunciei e tirar essa conclusão, então você não tem vida espiritual em seu ser — você está morto. "Qualquer que nele tem esta esperança", diz João em 1 João 3:3, "purifica-se a si mesmo, como também ele é puro." Se lhe prometessem audiência com uma grande personalidade, você se prepararia para ela. E o que

lhe venho dizendo é que, se você é filho de Deus será conduzido à presença eterna e se verá perante a glória de Deus. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus." Quanto mais certo eu estiver disto, mais interessado estarei em minha santificação e pureza, e mais me purificarei. O tempo é curto. Sei que vem o fim; não tenho um momento para perder. Devo preparar-me cada vez mais diligentemente para o "dia de coroamento" que "logo vem".

Concluo, pois, com uma peça de lógica de John Newton. Ele a elaborou assim:

Seu amor no passado impede-me pensar
que enfim me deixará em angústia afundar:
Cada suave Ebenézer que revejo em mim
confirma que Ele quer ajudar-me até o fim.

Permita Deus que todos nós, quando olhamos para os nossos passados "Ebenézers" (veja 1 Samuel 7:12), possamos gozar esta gloriosa e bendita certeza de que Ele não pode abandonar-nos, e não nos abandonará.

Estamos seguros — bendito seja Deus — de que,

A alma que se apoiou em Jesus, por repouso,
não pode Ele deixar entregue aos inimigos;
embora o inferno inteiro se afane em abatê-la,
Deus, nunca a deixará, nunca a abandonará.

10

A ROCHA DOS SÉCULOS

A quem tenho eu no céu senão a ti?
e na terra não há quem eu deseje além de ti.
A minha carne e o meu coração desfalecem;
mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre. (vs. 25-26)

Com estas palavras o salmista descreve mais um passo ainda no processo de sua recuperação da enfermidade espiritual de que estivera padecendo. Nós o temos seguido passo a passo, e agora ele chega a este passo seguinte, a mais esta afirmação que, além de toda questão, é a posição final, o nível mais alto de todos. Aqui, em vista de toda a sua experiência, ele nada pode fazer senão entregar-se ao culto e adoração de Deus. É isso que ele expressa nestes dois versículos. "A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre."

Este próximo passo é completamente inevitável, e estou muito interessado em dar ênfase a esse ponto. Uma das coisas mais interessantes quanto a seguir este homem em sua peregrinação espiritual tem sido notar o modo como cada passo está ligado ao anterior e ao subseqüente. Eu gostaria de sugerir que temos nisto o que bem se pode descrever como a experiência espiritual normal. Temos observado, à medida que o temos acompanhado, que, se paramos nalguma destas posições, há algo errado conosco, num sentido espiritual. Ele interrompera a sua descida quando tomou aquela primeira posição, e desde aquele exato momento ele começou a subir passo a passo e de degrau em degrau. Cada movimento era inevitável porque o entendimento de qualquer destas situações leva necessariamente à seguinte. Assim, tendo compreendido todas estas verdades acerca de Deus e de Sua amorosa maneira de tratá-lo, tendo obtido este discernimento da maravilhosa doutrina da graça em suas várias manifestações, o salmista quase involuntariamente e deveras inevitavelmente viu-se prestando culto a Deus e adorando-o no magnífico trono da sua graça. Este, gostaria de repetir, é o fim do processo, e o mais elevado nível que podemos atingir. Na verdade, nestes dois versículos vemos a meta da salvação. É em torno disso que tudo gira, e tudo vai em prol disso; e o salmista tinha chegado ali.

A esta altura deixem-me fazer breve digressão. Muitas vezes se vê entre os cristãos a tendência de depreciar o Velho Testamento. Não é que não creiam nele como a Palavra de Deus. Crêem. Mas tendem a contrastar-se com os santos do Velho Testamento. "Nós estamos em Cristo", dizem eles, "recebemos o Espírito Santo. Os santos do Velho Testamento

não tinham conhecimento disto e, portanto, são inferiores a nós." Se o irmão está tentado a pensar assim, tenho uma pergunta simples para fazer-lhe: pode você empregar honestamente a linguagem que este homem emprega nestes dois versículos? Chegou você a um conhecimento de Deus e a uma experiência de Deus tal como o conhecimento e a experiência que este homem teve? Pode você dizer com toda honestidade: "A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti"? Como somos preconceituosos! Estes santos do Velho Testamento eram filhos de Deus como eu e vocês; de fato, se lermos com toda honestidade este Salmo, por vezes teremos vergonha de nós mesmos, e eventualmente começaremos a perguntar-nos se eles não foram mais longe do que nós. Tenhamos cuidado para não exagerar a diferença entre as duas dispensações e para não fazer distinções que acabem sendo completamente antibíblicas.

É deste modo que o salmista pode falar da sua relação com Deus, e não hesito em afirmar que todo o afã do evangelho do Novo Testamento e a salvação de que trata é simplesmente levar-nos a isto. Este é o teste da profissão de fé cristã; este é o propósito real da encarnação e da obra inteira do nosso bendito Senhor e Salvador — habilitar-nos a falar desse modo. Volto a perguntar, pois: podemos nós falar assim? É esta a nossa experiência? Conhecemos a Deus como este homem conhecia? Qualquer outra coisa que possamos dizer, jamais devemos ficar satisfeitos, enquanto não pudermos chegar a isto. Esta é a meta, este é o objetivo. Satisfazer-nos com qualquer coisa abaixo disso, por boa que seja, é, em certo sentido, negar o próprio evangelho, pois o grandioso fim e objeto do evangelho todo é levar-nos a esta posição, como veremos.

Encaremos, pois, esta tremenda afirmação: "A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre". Que é que ele quer dizer? O que está dizendo? Estou certo de que, em sua mente, a primeira coisa era negativa, e que ele estava fazendo uma afirmação em termos negativos. Pela própria pergunta que faz ele está dizendo que, como resultado da sua experiência, ele viu que não existe ninguém mais que possa ajudá-lo, que em lugar nenhum existe outro

Salvador. "Quem há que possa ajudar-me no céu ou na terra senão Tu?", pergunta ele. Não há ninguém mais. Quando as coisas saírem erradas, quando ele está realmente no fim da corda, quando não sabe para onde ir ou a quem recorrer, quando ele precisa de conforto e consolação, de fortaleza e segurança, e de algo a que ater-se — ele já viu que, fora Deus, não há ninguém.

Ora, sua negativa é importante para todos nós. Na verdade, dou graças a Deus por essa negativa porque a acho muito confortadora. Pois imagino que o que este homem está dizendo é que, a despeito das suas imperfeições, a despeito do seu fracasso, quando ele estava longe de Deus e quase virando as costas para Deus, não podia achar satisfação. Em sua experiência, quando estava de mal com Deus estava mal em toda parte. Havia um vazio em sua vida — nenhuma satisfação, nenhuma bênção, nenhuma força — e mesmo não sendo capaz de fazer alguma afirmação positiva acerca de Deus, pôde ao menos dizer que não havia nada nem ninguém mais! Ora, esse é um pensamento muito confortador. Será que somos capazes de utilizar essa negativa? — pergunto. Se tememos o teste positivo, em que pé então estamos com esse teste negativo? Será que podemos dizer que já percebemos a futilidade que há nesta vida e neste mundo? Chegamos a reconhecer que tudo que o mundo oferece é "uma cisterna rota"? Estamos nós, de fato, capacitados para ver sem máscara o mundo e os seus caminhos, bem como toda a sua pretensa glória? Teremos chegado ao ponto em que podemos dizer: bem, pelo menos isto cheguei a saber — não existe nada mais que me possa satisfazer. Provei o que o mundo tem para oferecer, experimentei todas as coisas, brinquei com elas e cheguei a esta conclusão: quando estou longe de Deus, para citar Otelo, "volta o caos".

Este é um importante aspecto da experiência, o qual é vital. Quem já foi um desviado sabe exatamente o que estou dizendo. Este é um dos modos de provar minhas observações anteriores sobre o apóstata. Devido à sua relação com Deus, o cristão desviado nunca pode ter verdadeiro prazer em coisa alguma. Pode fazer a tentativa, mas se sente infeliz enquanto isso dura. Ele já percebeu tudo isso. Esta, portanto, é uma experiência com a qual podemos sempre testar-nos a nós mesmos. De maneira notável temos nesta confissão um ex-

traordinário teste da nossa fé e crença cristã. Freqüentemente, esse é o primeiro passo em nossa recuperação — a percepção de que tudo se nos tornou, de fato, diferente; "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". As coisas do mundo já não têm aquele encanto e valor que pareciam ter. Descobrimos que quando não mantemos correto relacionamento com Deus, as próprias bases parecem inexistentes. Podemos viajar até aos confins da terra, tentando achar satisfação sem Deus. Mas vemos que não há nenhuma.

Evidentemente, porém, não nos detemos ali com a negativa. Esta afirmação é também muito positiva. Permitam-me salientar isto ao analisar a asserção positiva deste homem. Ele está dizendo, em primeiro lugar, que agora anseia por Deus mesmo, e não só por aquilo que Deus dá ou faz. Pois bem, essa afirmação é de suma importância, por esta razão: em certo sentido, toda a essência do problema do salmista era que ele tinha colocado o que Deus *dá* no lugar do próprio Deus. Era isso que se achava subjacente ao seu problema concernente aos ímpios. Eles estavam prosperando; por que então ele estava passando por um período tão adverso? Por que havia sido molestado o dia todo? Por que parecia ter purificado o seu coração e lavado as suas mãos na inocência em vão? Por que pensava ele assim? Seu problema era que estava mais interessado nas coisas que Deus *dá* do que em Deus mesmo, e desde que ele não estava obtendo as coisas que queria, começou a duvidar do amor de Deus. Mas agora ele chegou ao ponto onde pode dizer com toda sinceridade que seu desejo é Deus mesmo *como Deus,* e não somente o que Deus *dá* e o que Deus *faz.*

Permitam-me expressar isso tão fortemente quanto possível. O teste final do cristão é se ele pode dizer de verdade que deseja a Deus mais até do que o perdão. Todos nós desejamos o perdão, e fazemos bem; mas esse é um estado muito baixo da experiência cristã. O ápice da experiência cristã é quando o homem pode dizer: "Sim, mas acima do perdão o que eu desejo é *Deus,* Deus mesmo". Muitas vezes desejamos poder, habilidade e vários outros dons. Há um sentido em que é certo desejá-los. Mas se colocarmos estas coisas em primeiro lugar em vez de Deus, ainda estamos proclamando que somos cristãos muito pobres. Como cristãos, desejamos vários tipos de bênçãos e oramos a Deus pedindo-as, mas,

ao agir assim, às vezes podemos estar insultando a Deus, em certo sentido, porque damos a entender que não estamos interessados nEle, e sim no fato de que Ele pode dar-nos estas bênçãos. Desejamos as bênçãos e não nos detemos para fruir a bendita Pessoa propriamente dita. Este homem passara por tudo isso, e agora chegou a ver que a maior bênção de todas é conhecer a Deus e estar em Sua presença.

Há muitos exemplos disto na Bíblia. O Salmo 42:1-2 o expressa perfeitamente desta forma: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus!!" Aquele homem está clamando por este conhecimento direto de Deus, esta experiência imediata com Deus. Sua alma "brama", "tem sede de Deus, do Deus vivo". Não Deus como uma idéia, não Deus como origem e fonte de bênçãos, mas a Pessoa viva. Conhecemos isto? Temos fome e sede dEle? Bramam por Ele as nossas almas? Esta é uma questão muito profunda, e o terrível é que é possível passar a vida toda orando dia após dia e, contudo, jamais compreender que o ponto supremo da experiência cristã é achar-se face a face com Deus, prestar-lhe culto no Espírito e de maneira espiritual. Temos certeza que estamos lidando e tratando diretamente com o Deus vivo? Conhecemos a Sua presença? É Ele real para nós? Ou deixem-me colocar isto num nível mais baixo. Ansiamos por isso e o buscamos? Ficamos insatisfeitos enquanto não o temos? É o maior desejo dos nossos corações e a nossa mais elevada ambição, acima de todas as outras bênçãos e experiências, tão-somente saber que estamos diante dEle e que O conhecemos e dEle nos agradamos? É isso que o salmista deseja no Salmo 42; é isso que este salmista do Salmo 73 estava realmente desfrutando.

O apóstolo Paulo diz exatamente a mesma coisa em Filipenses 3:10. "Se vocês me perguntarem qual é o meu desejo", diz Paulo, "é este: "conhecê-lo". "Vocês notam a suprema ambição dele. Que não me compreendam mal quando o expresso com franqueza. A suprema ambição de Paulo não era ser um grande conquistador de almas. Essa era uma ambição dele, e válida. Nem mesmo era ser um grande pregador. Não, acima de tudo isso, incluindo isso tudo, "conhecê-lo". Porque, como nos lembra o apóstolo noutra parte, se você puser as outras coisas em primeiro lugar, poderá ver-se, mesmo como pregador, tornando-se, em certo sentido, um perdido. Mas

quando colocamos no centro o desejo de Paulo, não há perigo. Paulo tinha visto a face do Cristo vivo, o Senhor ressurrecto. Todavia, aquilo de que tem fome e pelo que brama é este conhecimento mais amplo, mais profundo e mais íntimo dele, um conhecimento pessoal, uma revelação pessoal do Senhor vivo, num sentido espiritual.

Não há nada mais elevado que isto. Olhem o idoso João escrevendo a sua carta de despedida aos cristãos. O seu grande desejo, diz-lhes ele em 1 João 1:4, é "que o vosso gozo se cumpra". Como há de cumprir-se? "Para que também tenhais comunhão conosco", para que compartilheis conosco, como companheiros, a bendita experiência que desfrutamos. E em que consiste? "A nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo". Não significa apenas que vocês estão empenhados na obra de Deus. Significa isso, é claro; mas esse é o nível mais baixo. O nível mais alto é realmente conhecer Deus mesmo. "A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Na verdade, temos a autoridade do próprio Senhor, não somente na afirmação que acabei de citar mas também noutra afirmação. Quando um homem perguntou ao Senhor Jesus qual era o maior de todos os mandamentos, Ele disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. . . . E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:37, 39). A primeira coisa, a coisa mais importante da vida, é que de tal maneira conheçamos a Deus que O amemos com todo o nosso ser. Satisfazer-se com qualquer coisa aquém disso, ou com qualquer coisa menos que isso é compreender mal todo o fim, objetivo e propósito da salvação cristã. Não se detenham no perdão. Não se detenham nas experiências. O fim é conhecer a Deus, e nada menos. Este salmista pode dizer que agora deseja Deus por amor a Deus, e não meramente pelo que Deus dá e faz.

Permitam-me agora expressá-lo doutro modo. Este homem não só deseja a Deus; ele não deseja nada senão a Deus. É exclusivo em seu desejo. Ele desenvolve isso. Primeiramente ele diz que não deseja nada no céu senão a Deus. Que afirmação! "A quem tenho eu no céu senão a ti?" Deixem-me fazer outra pergunta — e creio que são estas perguntas simples que realmente nos dizem toda a verdade a nosso respei-

to — o que vocês buscam e esperam *no céu?* Isto não é ser mórbido. Gosto do modo como Matthew Henry o expressa: "Nunca se nos diz nas Escrituras que devemos almejar a morte; mas muitas vezes se nos diz que devemos almejar o céu". O homem que almeja a morte simplesmente quer fugir da vida por causa dos seus problemas. Isso não é cristão; é pagão. O cristão tem um desejo positivo do céu e, portanto, pergunto: almejamos estar no céu? Mais que isso, porém, o que anelamos ao entrarmos no céu? Que desejamos? O repouso celeste? Livrar-nos de problemas e tribulações? A paz do céu? A alegria do céu? Todas estas coisas acham-se lá, graças a Deus; mas não é isso que devemos aspirar no céu. É a face de Deus. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus." A Visão Esplêndida, o *Summum Bonum*, estar na presença pessoal de Deus — "Contemplar-te, contemplar-te!" Anelamos isso? Para nós o céu é isso? É isso que nós queremos acima de tudo mais? É isso que devemos ambicionar e anelar.

Diz-nos o apóstolo Paulo que morrer é "estar com Cristo". Não é preciso acrescentar nada a isso. Aí está porque, creio eu, são-nos dados tão poucos pormenores a respeito da vida no céu e na glória. Pessoas há que com freqüência perguntam por que não se nos fala mais sobre isso. Penso que há duas respostas a tal pergunta. Uma é que, devido à nossa condição pecaminosa, qualquer descrição que nos fosse dada seria mal compreendida por nós. É tão gloriosa que não podemos sequer compreendê-la ou captá-la. A segunda razão é mais importante. Ocorre que muitas vezes é a curiosidade ociosa que deseja saber mais coisas. Eu lhe direi o que é o céu: é "estar com Cristo", e se isto não lhe satisfaz é porque você não conhece a Cristo de modo nenhum. "A quem tenho eu no céu senão a ti?", diz o salmista. Nada mais quero. Onde Tu estás é céu. O só contemplar-Te é suficiente. "Estar com Cristo" é mais que suficiente, é tudo. "A quem tenho eu no céu senão a ti?"

Quanto sabemos desta experiência? Já tivemos certas experiências e bênçãos; há certas coisas que já sabemos; mas este é o teste: conhecemos o Senhor, ansiamos por Ele? Simplesmente estar com Ele, conversar com Ele. Bramamos por Ele? Temos sede do Deus vivo e desta intimidade com o

Senhor Jesus Cristo? Essa é a real experiência cristã. Quanto tempo passamos com Ele, orando a Ele? "A quem tenho eu no céu senão a ti?"

Do mesmo modo ele continua dizendo: "e na terra não há quem eu deseje além de ti". De novo notemos por que o salmista diz isto. Di-lo porque era a própria essência do seu problema anterior. É porque ele estava desejando certas coisas que outros tinham, que estivera em dificuldade. "Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios. Porque não há apertos (agonia) na sua morte, mas firme está a sua força." E ele queria ser como eles e possuir as coisas que eles tinham; mas agora não as quer mais. Ele descobriu isso tudo. Agora, "na terra não há quem eu deseje além de ti" —só Deus no céu, só Deus na terra.

As Escrituras, outra vez, estão repletas de ensinamentos semelhantes. Eis como se expressa o nosso Senhor em Lucas 14:26: "Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo". Não se preocupe com a palavra "aborrecer" (ou "odiar"); é simplesmente um termo forte que esclarece que toda pessoa que coloca alguém ou alguma coisa em sua vida antes de Cristo não é um verdadeiro discípulo dEle. Ser verdadeiro discípulo de Cristo significa que Cristo está no centro, Cristo é o Senhor da minha vida, Cristo ocupa o trono do meu ser; significa que eu O amo primeiramente, antes e acima de todos e de tudo. "Na terra não há quem eu deseje além de ti." Vem Ele em primeiro lugar em nossas vidas? Mesmo antes dos nossos entes queridos, e dos mais chegados e mais amados? Mesmo antes do nosso trabalho, antes do nosso sucesso, antes do nosso negócio, antes de tudo mais enquanto estamos cá na terra? Ele deve constituir o nosso desejo supremo. "Para mim o viver..." é o quê? "é Cristo", diz Paulo. É andar por este mundo junto com Cristo, manter comunhão com Ele nesta vida. E porque isto era verdade sobre o apóstolo, ele também podia dizer que tinha aprendido a contentar-se com o que tinha. Por quê? As outras coisas não mais exerciam controle sobre ele. É Cristo que ele quer, Cristo somente. Se tenho Cristo, diz ele, tenho tudo, "posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Filipenses 4:11, 13). Somos independentes das circunstâncias e dos ambientes quando vivemos nEle, por

Ele e para Ele, e todas as demais coisas se apagam na insignificância. E nós, desejamo-lO acima de tudo mais enquanto vamos nesta peregrinação terrena? O salmista chegara ao ponto em que podia dizer que sim.

Não só isso; ele prossegue dizendo-nos que acha completa satisfação em Deus. A afirmação toda significa isso; mas outra vez ele no-lo expõe pormenorizadamente. "A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre." Sua porção, é isso; seu suprimento, sua satisfação, seu tudo. Não há nada que ele possa desejar senão Deus. E o que é Deus? É Sol e Escudo; Ele dá graça e glória. E isto sem fim. Ele vê que Deus lhe satisfaz completamente — sua mente, seu coração, o seu todo. Acham vocês completa satisfação intelectual em Deus e em Sua santa obra? Obtêm aqui toda a sua filosofia e estão certos de que não precisam de coisa alguma além disso? Deus satisfaz o homem completamente, o coração e as afeições também. Ele enche tudo:

Redimido, curado, restaurado, perdoado,
quem deve como tu Seu louvor entoar?

Deus é tudo em todos. Ele é tudo para mim, é minha porção, minha completa satisfação. Não desejo nada mais, não quero nada em acréscimo. Leiam os Salmos e verão esse tema em toda parte. No Salmo 103, por exemplo, verão que é exatamente isso que o salmista está dizendo: Deus curando as suas doenças e enfermidades, lançando os seus pecados para tão longe como o Oriente dista do Ocidente, dando-lhe força e poder — tudo. Este bendito e glorioso Deus o satisfaz plenamente.

Isso nos leva ao último ponto, o qual é que o salmista descansa confiantemente em Deus. Ele deseja a Deus por Ele próprio, por amor a Ele mesmo, antes que por aquilo que Ele dá. Ele não deseja nada senão a Deus. Ele encontra completa satisfação em Deus e nEle se apóia e repousa confiantemente. Ouçam-no: "A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre". Há os que dizem que aqui ele se refere não somente ao tempo em que a sua carne iria decair pela idade, mas também a alguma coisa que ele estava experi-

mentando na ocasião. Provavelmente estão certos, porque não se pode passar por uma experiência espiritual tal como aquela pela qual este homem passou, sem sofrimento físico, sem sofrimento no corpo. Creio que os nervos deste homem estavam em mau estado. Talvez até o seu coração físico estivesse funcionando mal. "A minha carne e o meu coração desfalecem." Pode ser que ele estivesse fisicamente em más condições. Contudo, em qualquer caso, olhando para o futuro sabe que vem o dia quando a sua carne e o seu coração desfalecerão. Ele ficará velho; suas faculdades falharão; suas forças vacilarão; não conseguirá alimentar-se; jazerá desamparado em seu leito; as coisas do tempo e da terra esvair-se-ão. "Tudo estará bem ainda", diz este homem, "pois, aconteça o que acontecer, Deus, o mesmo ontem, hoje e para sempre, continuará sendo a fortaleza do meu coração."

Geralmente se concorda que a palavra aqui traduzida por "fortaleza" é a palavra * "rocha". "Mas Deus é a Rocha do meu coração, e a minha porção para sempre." Prefiro esta porque dá forma à uma imagem em nossas mentes. "Ah, sim", diz este homem, "eu sei que estou numa situação tal que posso repousar serena e confiantemente nEle. Sei que posso dizer que, ainda que chegue o dia em que eu sinta tremer sob mim os fundamentos da vida, Deus será uma rocha que me firmará. Ele não pode ser mudado; Ele não pode ser abalado. Ele é a Rocha dos séculos, e onde quer que eu esteja, e aconteça o que acontecer, e por mais que estremeça a minha estrutura física, e mesmo quando as coisas da terra estejam deixando de existir, Deus, a Rocha, me sustentará e jamais serei abalado. "Deus é a Rocha, a força, a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre."

A Bíblia nunca se cansa de dizê-lo. Leiam o que outros dizem. Por terríveis que sejam as condições que sobrevenham, este é o conforto e consolação que todos eles dão. Não só Deus é Rocha, mas estende "por baixo . . . os braços eternos". Os alicerces dos irmãos nesta vida podem desaparecer, tudo aquilo sobre o que edificaram pode ruir e vocês mesmos podem estar indo abaixo, para o abismo. Não, porém, "por baixo" — e ali estão eles sempre — "por baixo" estão "os

* Observe-se que a palavra "fortaleza" empregada na versão de Almeida, Revista e Corrigida, e Revista e Atualizada no Brasil tanto significa força como fortificação, praça fortificada. Nota do tradutor.

braços eternos". Eles os estão sustentando sempre; vocês nunca sofrerão ruína definitiva; vocês serão sustentados quando tudo mais tiver desaparecido. Ouçam Isaías afirmar a mesma coisa. Ele fala daquela "pedra angular", daquela "pedra já provada ... que está bem firme e fundada", e diz: "aquele que crer não se apresse". Uma tradução melhor é a que nos dá o Novo Testamento: "E todo aquele que crer nela não será confundido". Ou, de acordo com outra tradução possível, "Aquele que crê nunca será envergonhado". Por que não? Ele está sobre a Rocha, tem este ponto de apoio, tem este fundamento, e este não pode ser abalado pois é o próprio Deus. E sobre esta Rocha, ainda que a minha carne e o meu coração fraquejem, eu nunca serei abalado, nunca serei apanhado de surpresa, nunca serei envergonhado. Deus me dará cobertura completa.

Deixem-me tentar resumir tudo com um hino que é a confissão final do cristão:

Minha esperança se fundamenta no Redentor,
no sangue e a justiça de Cristo, o Senhor;
não ouso confiar no meu mais nobre alento;
no nome de Jesus me apóio totalmente.

Em Jesus Cristo, a Rocha eterna, só me firmo,
pois qualquer outra base é areia movediça.

Quando as trevas parecem Seu rosto velar,
em Sua graça imutável sereno eu repouso;
em toda tempestuosa e violenta rajada
minha âncora se firma bem, em pleno véu.

Seu juramento, Sua aliança e Seu sangue,
sustentam-me na grande e dominante enchente;
quando tudo ao redor de minha alma desaba,
Ele é minha esperança e meu único esteio.

O irmão tem conhecimento disso? Está firmado nAquele que é a Rocha? Você O conhece? Não tente viver baseado em sua família; não leve a vida fundamentado em seus negócios, nem em sua atividade pessoal; não viva baseado em suas experiências, nem em nenhuma outra coisa. Todas estas coisas findarão um dia, e o diabo estará sempre sugerindo que mesmo as mais elevadas experiências podem ser explicadas

psicologicamente. Que não dependamos de nada, não confiemos em nada senão nEle. Ele é a Rocha dos séculos, o Deus eterno;

Em Jesus Cristo, a Rocha eterna, só me firmo,
pois qualquer outra base é areia movediça.

11

A NOVA RESOLUÇÃO

Pois eis que os que se alongam de ti, perecerão;
tu tens destruído todos aqueles que, apostatando,
se desviam de ti.

Mas para mim, bom é aproximar-me de Deus;
pus a minha confiança no Senhor Deus,
para anunciar todas as tuas obras. (vs. 27-28)

Estes versículos finais resumem a conclusão a que o salmista chegou como resultado da experiência que ele descreve com minúcias no restante do Salmo. Representam a sua meditação final, e tomam a forma de uma resolução. Ele terminou a sua revisão do passado, e está encarando-se a si próprio e o futuro. Ele resolve que, no que lhe diz respeito, há uma coisa que ele vai fazer, não importa as que não faça. "Estar perto de Deus é bom para mim", diz ele. "É nisto que me vou concentrar."

Expressando-se desse modo, o salmista nos ajuda a penetrar naquilo que se tornara toda a sua filosofia de vida, o seu modo de enfrentar as incertezas que jaziam diante dele. Aqui descobrimos o grande valor dos Salmos. Estes homens não só relataram as suas experiências neste mundo; registraram também as suas reações a elas, e em resultado de tudo que lhes acontecera, propuseram certos grandes princípios. Temos aqui, pois, a quintessência da sua sabedoria. Sabe-

doria divina, celestial, há de achar-se na Bíblia, e em certo sentido a conclusão final deste homem é simplesmente a grande mensagem central da Bíblia. Ela nos diz que, em última análise, há somente duas visões possíveis da vida e somente dois modos de viver possíveis.

Então, nada melhor podemos fazer, ao concluir os nossos estudos deste grandioso Salmo, do que considerar a sabedoria deste homem. Cada um de nós chegou a certo estágio na vida; todos já tivemos várias experiências. Pergunto se chegamos à mesma conclusão do salmista. Pergunto se vemos que esta é realmente a essência da sabedoria. Pergunto, ao encararmos o nosso futuro desconhecido, se o estamos encarando deste mesmo modo.

Principiemos observando a resolução concreta que o salmista tomara. Ei-la aqui de novo na Versão Autorizada: "Mas para mim, bom é aproximar-me de Deus". Outra tradução poderia ser: "Mas, quanto a mim, a proximidade de Deus é boa para mim". Ele está fazendo um contraste entre si e os outros. Seja qual for a verdade quanto a eles, é a proximidade de Deus que é boa para ele. Sua principal ambição vai ser justamente esta: ficar perto de Deus. Ele nos ajuda a ver a importância desta resolução expressando-a na forma de um contraste. "Pois eis que os que se alongam de ti", diz ele, "perecerão; ... mas para mim, bom é aproximar-me de Deus." Há somente estas duas posições nesta existência. Todos nós estamos ou longe de Deus ou perto dEle. E não há possibilidade de nenhuma outra posição, de modo que é de vital importância que cheguemos à decisão deste homem, estar perto de Deus.

Não tenho dúvida nenhuma de que o que era supremo em sua mente era algo semelhante a isto. Revendo a sua triste experiência, chegou à conclusão de que o que realmente estivera errado com ele, e o que era responsável por todo o seu problema, era justamente o fato de que ele não se mantinha perto de Deus. Ele tinha pensado que era o fato de que os ímpios pareciam prosperar enquanto ele não experimentava nada senão problemas. Mas agora, tendo recebido a iluminação que lhe foi dada no santuário de Deus, vê com muita clareza que não era essa a raiz do seu problema. Há somente uma coisa que importa, e essa é a relação do homem com Deus. Se estou perto de Deus, diz este homem, não importa realmente o que me aconteça; mas se estou longe de Deus,

nada pode dar certo afinal. E é esta a profunda conclusão a que chegou.

Todos nós nos inclinamos a pensar que precisamos de certas coisas. Julgamos que a nossa felicidade depende das condições e dos acontecimentos. Ora, foi porque estava pensando desse jeito que o salmista tinha entrado numa condição tão inditosa. A simples visão dos ímpios e sua aparente prosperidade o abatera e o tornara invejoso, e ele se pusera a resmungar e a queixar-se. Tinha passado dias e semanas naquele lamentável estado de autocomiseração, e agora vê que isso se deveu inteiramente ao fato de que ele não se mantivera perto de Deus. Este é o princípio e o fim da sabedoria na vida cristã. No momento em que nos movemos para longe de Deus, tudo vai mal. O segredo é ficar perto de Deus. Quando falhamos, somos como um navio que, em alto mar, perde de vista a Estrela do Norte, ou cuja bússola falha. Se perdemos o rumo, não devemos ficar surpresos com as conseqüências. É isso que este homem descobriu. "É disto que eu preciso", diz ele, "não de bênçãos, não da prosperidade que outros têm, não destas outras coisas a que o mundo dá tanta importância. A única coisa que importa é estar perto de Deus, porque enquanto estive longe dEle, tudo foi mal e eu me senti infeliz, mas agora que retornei, embora as condições permaneçam as mesmas, tudo está bem comigo, estou cheio de alegria e paz, e posso descansar confiante, feliz e seguro nos braços do Seu amor. Portanto, esta é a minha resolução: quanto a mim, vou viver perto de Deus. Essa vai ser sempre a grande ocupação da minha vida. Vou começar com isso cada dia que passar. Vou dizer a mim mesmo, aconteça o que acontecer, que o essencial é isto: estar perto de Deus."

Agora, essa foi a resolução do salmista e, afortunadamente para nós, ele também nos deixa penetrar no segredo da razão porque chegou a esta resolução. Deveríamos dar mais e mais graças a Deus pela Bíblia e suas minuciosas instruções. A Bíblia jamais nos dá uma injunção geral apenas; sempre nos dá razões dela. E precisamos delas, pois facilmente esquecemos a injunção geral. Eis aqui algumas, sugeridas nestes dois versículos.

Uma boa razão para ficar perto de Deus é a contemplação do destino daqueles que estão longe dEle. Ele expressa isto primeiro, vocês notam, e acho que ele o faz porque ainda está,

por assim dizer, pensando experimentalmente. Foram estes ímpios que realmente o fizeram extraviar-se. Ele está ansioso, pois, para salvaguardar-se a si próprio contra o perigo de cair de novo. Ele sabe, quando vem a encarar o futuro, que o mundo não vai mudar. Os ímpios continuarão a existir como sempre existiram, seus olhos estando "inchados de gordura". Tudo pode ser maravilhoso e esplêndido para eles. Mas ele jamais cairá de novo na armadilha. Assim ele o expressa primeiro. "Eis que os que se alongam de ti, perecerão", diz ele; "tu tens destruído todos aqueles que, apostatando, se desviam de ti." Deus fez isso no passado; Ele o fará no futuro.

Ora, vimos tudo isso minuciosamente. O salmista tratou disso extensamente. "Certamente tu os puseste em lugares escorregadios: tu os lanças em destruição. Como caem na desolação, quase num momento! ficam totalmente consumidos de terrores." "Então entendi eu o fim deles." Isso é apenas um sumário da história. Essa é toda a descrição do mundo anterior e posterior ao Dilúvio, toda a descrição de Sodoma e Gomorra e de eventos similares da história. Que tolo Abraão parecia, vagando entre os montes com as suas ovelhas, em contraste com a próspera situação de Ló nas cidades da planície, com os seus vícios e imoralidades. Bem que ele podia ter perguntado: vale a pena ser justo? "Mas", também podia ter dito, "eis que os que se alongam de ti, perecerão; tu tens destruído todos aqueles que, apostatando, se desviam de ti." Essa é a longa narrativa da história do Velho Testamento colocada aqui muito claramente: "Os que se alongam de ti, perecerão".

Se vocês tomarem dos jornais a sua visão da vida, bem poderão pensar que o mundo não-cristão está indo maravilhosamente com as suas luzentes recompensas, sua pompa, glória e riqueza. Mas não importa o que seja a prosperidade temporária dos ímpios, conquanto neste momento todas as aparências sejam ao contrário, é tão certo como o fato de que estamos vivos que os que estão longe de Deus perecerão. "Os moinhos de Deus moem devagar", muito devagar, e às vezes pensamos que nem sequer estão moendo; "contudo, moem extraordinariamente fino". Essa é a mensagem da Bíblia, do princípio ao fim. É isso que a vida de fé significa. Somos chamados para ver a vida da maneira como a viram os grandes heróis da fé mencionados em Hebreus cap. 11. Temos

que fazer o que fez Moisés. Temos que considerar o opróbrio de Cristo como riqueza maior do que os tesouros do Egito; temos que discernir o mundo e sua vida; temos que vê-lo sob condenação, sob a ira de Deus; temos que ver o castigo que com certeza lhe sobrevirá. Tudo isso perecerá, tudo isso passará. Portanto, devemos discernir a sua vaidade, a sua futilidade, a sua nulidade. Então resolveremos, como este homem resolveu, manter-nos perto de Deus. O mundo e suas obras estão fenecendo — "Mudança vejo em tudo, e corrupção"; a traça e o bolor estão na própria urdidura e trama dos mais brilhantes e dourados prêmios que o mundo pode oferecer. Devemos compreender que nos movemos inexoravelmente na direção do grande tribunal, do fim do mundo, do juízo final. "Os que se alongam de ti, perecerão."

Estamos esclarecidos quanto a isso? — pergunto. Prestamos nosso culto a Deus murmurando? Há alguma hesitação em nossa mente quando encaramos o futuro, quanto a se devemos prosseguir com a vida cristã? Sentimo-nos de algum modo abalados quando olhamos ao redor e vemos outros que parecem possuir o melhor de tudo que há — gente que nunca vai a um lugar de culto mas com quem nada parece ir mal jamais? A Bíblia é verdadeira?

Precisamos aprender a lição que um velho ministro da América ensinou a um agricultor. Este lavrador decidiu, num verão particularmente úmido, que faria sua colheita num domingo. O velho ministro advertiu-o, bem como a outros, do perigo disso. Mas este homem decidiu que o faria, e ele teve maravilhosas colheitas e os seus celeiros ficaram estufados. Ele disse ao velho ministro, quando o encontrou certa ocasião, que a sua prédica só podia estar errada. "Calamidade repentina não desceu sobre mim", disse ele; "os meus celeiros não pegaram fogo; Deus não matou nenhum dos meus filhos, nem me tirou minha esposa. Contudo, eu fiz a coisa que o senhor sempre me admoestava que não fizesse por causa das conseqüências que se seguiriam. Nada aconteceu, porém. Que dizer da sua pregação agora?"

O velho ministro fitou o lavrador e respondeu: "Nem sempre Deus acerta as Suas contas no outono". Nem sempre o faz imediatamente. Mas tão certo como estamos aqui neste mundo agora, esta é a mensagem da Bíblia: "Os que se alongam de ti, perecerão". Não há nenhuma outra coisa para eles.

Pode levar muito tempo, as aparências podem ser todas ao contrário, mas ela é certa, é segura. Não há evangelho fora disto. Qual é a mensagem do evangelho? "Fugir da ira futura" e, se não há "ira, não há necessidade de salvação. Essa é a primeira razão dessa resolução. Não tenho nenhum interesse por um evangelho social, assim chamado, que acaba com o temor do inferno. Existem pessoas maravilhosas que dizem que não estão interessadas no céu ou no inferno, mas crêem em fazer o bem por amor à prática do bem. Mas a Bíblia nos adverte sobre o inferno e nos mostra a glória do céu.

Mas a segunda razão é mais positiva. Aqui, este homem a expressa em termos do caráter de Deus. "Para mim, bom é aproximar-me de Deus; pus a minha confiança no Senhor Deus." Ele resolveu ficar perto de Deus e viver sua vida tão perto de Deus quanto possível. Por quê? Porque Deus é bom, por causa do caráter de Deus.

Aqui também, estou certo, todos nós nos sentimos condenados porque este elemento entra tão pouco em nossa vida religiosa e em nosso culto. Se tão somente compreendêssemos o verdadeiro caráter de Deus, não haveria nada que mais desejássemos neste mundo do que estar na presença de Deus. Desejamos estar na presença das pessoas de quem gostamos, a quem amamos. Gostamos de ser apresentados a pessoas consideradas importantes, por vários modos e razões, e gostamos de estar na presença delas. E, todavia, com que relutância passamos nosso tempo na presença de Deus. Quão prontos estamos para pensar em Deus como o mero distribuidor de bênçãos, e quão lentos para perceber a glória de estar em Sua presença! O Senhor Deus, o Senhor, Jeová! É como este homem O nomeia. Ele está salientando a soberania de Deus, a indizível grandeza e majestade de Deus. O Senhor Deus Todo-poderoso, o Criador dos céus e da terra, o Deus auto-existente, o Deus Eterno, o Absoluto, o Deus Sempiterno — Ele é Aquele de quem podemos aproximar-nos.

Outra verdade que ele acentua ao empregar o nome de Jeová, é Deus como o Deus da aliança, Deus, se preferirem, em Sua relação pactual com os homens. Os irmãos recordam que foi especialmente quando Deus chamou a Moisés para libertar do cativeiro e escravidão do Egito os filhos de Israel, que Ele deu uma revelação especial de Si como Jeová. Dera antes o Seu nome, mas neste ponto o definiu; e Ele sempre

emprega este nome quando está envolvida a aliança. Noutras palavras, Deus no Seu propósito cheio de graça para conosco, Deus como o Deus que planejou a salvação, Deus como o Deus que está interessado em nosso bem-estar, em nossa prosperidade e felicidade, faz aliança e Se empenha conosco, comprometendo-Se a fazer isso tudo para nós. Agora, diz o salmista, a única coisa que eu quero na vida, acima de tudo mais, é ficar perto de um Deus assim. Quero ficar em contato com Ele. É assim que o expressaríamos. Ficamos agradecidos a algum grande personagem quando este diz que vai manter contato conosco. E nós gostamos de ficar em contato com tais pessoas. Achamos que é um privilégio e uma honra, e temos razão. Mas oxalá pudéssemos ver que a bênção culminante da salvação que o Senhor Jesus Cristo veio nos dar é a vida eterna.

Que é a vida eterna? O nosso Senhor a definiu: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Ou, como João o expressa em sua primeira epístola, onde escreve no sentido de que os seus leitores tenham "comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (1 João 1:3). Agora o salmista diz: "Esta é a minha decisão. Quero ficar perto deste Deus; quero manter-me em contato com Ele; quero passar todo o meu tempo junto com Ele; quero viver como se estivesse permanentemente na presença dEle. Gosto de pensar no Seu poder e nas Suas promessas, de relembrar a Sua constância". E porventura este pensamento não é fortalecedor e consolador, bem como propício ao levantamento do ânimo? Não sabemos o que nos espera. Vivemos num mundo repleto de mudanças, e nós mesmos somos inconstantes. Os melhores dentre nós são criaturas mutáveis. E não há nada tão característico do nosso mundo como a sua instabilidade e incerteza. Haverá alguma coisa mais maravilhosa do que saber que em qualquer momento podemos entrar na presença dAquele que é eternamente o mesmo, "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação (Tiago 1:17)? Aconteça o que acontecer ao nosso redor, aconteça o que acontecer dentro de nós, podemos ir Àquele que é sempre o mesmo; o mesmo em Seu poder, em Sua majestade, em Sua glória, em Seu amor, em Sua misericórdia, em Sua compaixão, e o mesmo em todas

as coisas que Ele prometeu! Vocês não entendem este homem agora? "Não me preocupa o que os outros fazem", diz ele; "mas, quanto a mim, a proximidade de Deus me é benéfica." Vamos pensar mais acerca de Deus. Meditemos nEle. Voltemos nossas mentes e nossos corações para Ele. Tratemos de entender que em Cristo Ele nos oferece a Sua amizade, a Sua companhia, e isto constantemente e sempre.

Ainda há mais uma razão aqui. "É-me benéfica", diz ele; "a proximidade de Deus é-me benéfica." Bem, eu já salientei isto, e quero tornar a salientá-lo. O elemento pragmático nunca deve ser excluído. Quero dizer com isso, não que nos tornamos cristãos para auferir certas bênçãos, mas que, se somos cristãos, receberemos certas bênçãos. E é direito lembrar-nos disto. Foi "pelo gozo que lhe estava proposto" que o nosso bendito Senhor "suportou a cruz"; e não é isto que o apóstolo quer dizer quando diz, "tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Romanos 8:18)? Ponha estas coisas na ordem certa. Comece com Deus como Deus, e porque Ele é Deus, e depois lembre-se de que Ele é Deus para você. Noutras palavras, significa que estar perto de Deus é o local da salvação. E por isso o salmista quer ficar ali. Não é surpreendente que ele diga que lhe é benéfico aproximar-se de Deus, em vista da experiência pela qual passara. Vocês recordam o seu infortúnio e a sua desgraça, e como isto lhe foi penoso enquanto não entrou no santuário de Deus. Mas ali, tendo compreendido a situação, a sua felicidade voltou copiosamente para ele. Ele se regozijou em Deus, e percebeu que nunca fora tão feliz em toda a sua vida, embora as circunstâncias dos ímpios continuassem as mesmas. É bom ficar perto de Deus; é o lugar de salvação e de libertação.

Tiago, à sua maneira prática, expressa isto com muita simplicidade em sua epístola. "Chegai-vos a Deus", diz ele, "e ele se chegará a vós" (Tiago 4:8). Este, também, é um glorioso pensamento, e podemos estar certos de que toda vez que dermos um passo em direção a Deus — se assim podemos dizer — Deus dará um passo em direção a nós. Não suponham que quando pensarem em aproximar-se de Deus acharão isso difícil. Se nos aproximarmos dEle de verdade e com sinceridade, podemos estar sempre certos de que Deus virá

ao nosso encontro. Ele é o Deus da salvação. Essa é uma excelente razão para chegarmos perto dEle. Ele tem todas as bênçãos de que necessitamos. Não há coisa alguma da qual possamos vir a necessitar que Deus não tenha. Todas as bênçãos provêm de Deus; Ele é o Doador de "toda boa dádiva e de todo dom perfeito". Ele os colocou todos em Cristo, e nos deu Cristo. "Todas as coisas são vossas", diz Paulo aos crentes em Corinto. Por quê? Porque "vós sois de Cristo". É uma lógica inevitável. Para mim, bom é aproximar-me de Deus porque, quando estou perto de Deus, sei que os meus pecados são perdoados, mas quando estou longe de Deus, começo a duvidar. Não posso enfrentar uma consciência culpada. Menos ainda as acusações doutras pessoas, ou do diabo. Somente quando estou perto de Deus em Cristo é que sei que os meus pecados estão perdoados. Sinto o Seu amor, sei que sou Seu filho e gozo as inapreciáveis bênçãos de paz com Deus, paz interior e paz com os outros. Estou ciente do Seu amor e recebo uma alegria que o mundo não pode dar nem tirar.

Quem quer que tenha experimentado estas coisas, só tem que dizer que não há nada comparável a estar perto de Deus. Relembre o curso de sua vida. Selecione os melhores momentos de sua experiência, os momentos de suprema paz e alegria. Não teriam sido as ocasiões em que você esteve mais perto de Deus? Não há nada que se iguale à felicidade, à alegria e à paz que resultam de estar próximo a Deus. Ali você se eleva acima das circunstâncias. Você começa a saber algo do que Paulo quis dizer quando disse: "Já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância". Você se torna independente das circunstâncias, das condições acidentais e do acaso, independente de todas as coisas. É bom ficar perto de Deus, porque é lugar de salvação, porque é o lugar onde você experimenta todas as bênçãos. Significa que você está imerso no oceano do amor de Deus e ali permanece. Adotemos a resolução deste homem, de ficar perto de Deus.

Mas em acréscimo a tudo isso, é também lugar de segurança. "Para mim, bom é aproximar-me de Deus; pus a minha confiança no Senhor Deus." Precisamos disso, também. Quando olhamos para o futuro desconhecido, ignoramos o que nos espera. Tudo pode acontecer. E se há uma coisa pela qual nós,

e o mundo inteiro, ansiamos neste momento é segurança e proteção. Temos sido decepcionados tantas vezes! Nós mesmos temos sido uma decepção para nós! O homem que pensa, indaga: "Onde posso pôr a minha confiança? Em que posso confiar com absoluto senso de segurança?" E a resposta é, ainda, uma só: Deus. É-me benéfico ficar perto dEle. Ponho a minha confiança neste Senhor Deus, neste Jeová, neste Deus que guarda a Sua aliança.

Naturalmente os Salmos dão constante ênfase a isto. O mesmo se vê no livro de Provérbios. "Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro" (Provérbios 18:10). Um homem está fora, no mundo, e o inimigo começa a atacá-lo. É incapaz de lidar com ele; não sabe o que fazer; fica assustado e aterrorizado. Então corre para a "torre forte", o nome do Senhor, este Senhor Jeová. O inimigo não pode entrar ali. Nos braços de Deus, nestes onipotentes braços, o homem está seguro. Sim, diz o apóstolo João: "Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno", "e o maligno não lhe toca" — não nos toca (1 João 5.19, 18). Por que não? Uma vez que estamos em Cristo, estamos em Deus. Estamos perfeitamente seguros ali. Deixem-me citar uma das coisas mais grandiosas ditas pelo apóstolo Paulo: "Porque *estou certo* de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Romanos 8:38-39). Seguros nos braços de Jesus. Se vocês estiverem ali, ainda que o inferno seja deixado solto, não poderá tocá-los. Nada pode prejudicar aqueles que estão sob a segura guarda do seu Deus que cumpre a aliança que fez.

A última coisa que o salmista menciona é deveras maravilhosa também. Permitam-me apenas registrá-la. "Para mim, bom é aproximar-me de Deus; pus a minha confiança no Senhor Deus, para anunciar todas as tuas obras." Pois bem, este é um acréscimo vital. Este é o ponto ao qual todos devemos chegar. A razão final que ele dá para a sua resolução de permanecer perto de Deus é para que possa glorificá-lO, para que possa declarar todas as Suas obras. Imagino que o seu argumento foi mais ou menos assim: se eu ficar perto de Deus, serei abençoado, provarei a Sua salvação, terei esta

grande e maravilhosa sensação de segurança. E naturalmente isso me levará de imediato a louvar a Deus, a engrandecer e glorificar a Deus diante dos outros. Vou manter-me bem junto a Deus a fim de louvá-lO sempre e, quando eu O estiver louvando, estarei dando testemunho dEle a outros. Esse ponto deve ser atingido por todos nós.

Os irmãos decerto lembram que a primeira pergunta do Breve Catecismo da Confissão de Fé de Westminster é: "Qual é o fim principal do homem?" A resposta é: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Ora o salmista declara esta verdade em forma invertida. Põe em primeiro lugar o gozo, somente porque está tratando do assunto de maneira experimental. Ele se sentira profundamente infeliz, de modo que desce ao nosso próprio nível e diz: "Fique perto de Deus e você será feliz, gozará a Deus e O glorificará." Estas coisas têm que andar juntas. "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lO para sempre." Sim, diz este homem; vou ficar junto a Deus para que possa glorificá-lO e também gozá-lO. Ele é o grande Senhor Deus Todo-poderoso, e a tragédia do homem, como igualmente a tragédia do mundo e da história é que o mundo não sabe disso. Mas a minha tarefa é falar a respeito dEle às pessoas. Minha vida inteira será para a glória de Deus; e não posso glorificá-lO se não estiver perto dEle e se não O estiver experimentando. Mas, na medida em que o faça, refletirei Sua vida.

Temos assim visto a resolução deste homem, e temos visto suas razões para tomá-la. Posso recordar-lhes, rapidamente, como tudo isso deve ser feito? Não basta dizer: fiquei perto de Deus e, se ficar, estas coisas acontecerão. Como posso manter-me junto a Deus? Devemos descer ao nível prático. Eu e vocês, como cristãos, sabemos que sempre podemos aproximar-nos de Deus em Jesus Cristo. Não temos necessidade de escalar as alturas nem de descer às profundezas. "A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração: ... Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Romanos 10:8-9). Não precisamos inquietar-nos acerca disso porque, se somos realmente cristãos, sabemos que, por muito que tenhamos pecado, por muitos que sejam os males feitos por nós a outros e a nós mesmos, se neste momento vimos a Deus e Lhe confessamos os nossos pecados, admi-

tindo que não podemos anulá-los nem salvar-nos, e confiando inteiramente no Filho de Deus e no que Ele fez a nosso favor, mediante Sua vida de obediência e Sua morte sacrificial, redentora, somos aceitos por Deus, somos reconciliados com Deus, estamos em comunhão com Deus. Esse é o caminho. Sim, mas lembrem-se de ficar perto de Deus. Essa é a resolução deste homem. Como fazê-lo? Primeiramente, pela vida de oração. Devo insistir nisto. Se eu creio em tudo que estive dizendo, então creio que posso falar com Deus. Se eu compreender verdadeiramente quem Ele é, desejarei falar com Ele. É preciso que resolvamos fazê-lo. Precisamos decidir que não permitiremos que o mundo continue a dirigir-nos e, sim, que nós vamos dirigi-lo, bem como o nosso tempo, e a nossa energia, e tudo mais.

Em seguida vem, em acréscimo à oração, a leitura da Bíblia. Neste Livro Deus nos fala. Portanto, leiamos e estudemos as Escrituras.

Depois vem o culto público. Foi quando este homem entrou no santuário de Deus que ele encontrou paz e repouso para a sua alma. E com freqüência nós temos tido a mesma experiência. Se queremos viver junto a Deus, devemos não só orar em particular, mas também com outros, devemos não só ler e estudar a Palavra em particular, mas também junto com outras pessoas. Ajudamo-nos uns aos outros, levamos as cargas uns dos outros.

Há ainda a meditação e o tempo dedicado a pensar. Deixem de lado o jornal e pensem em Deus, em sua alma e em todas estas coisas. Nosso problema é que não conversamos o bastante conosco mesmos. Precisamos nos fazer lembrar que estamos na presença de Deus, que somos Seus filhos, que Cristo morreu por nós e nos reconciliou com Deus. Devemos pôr em prática a presença de Deus, dar-nos conta dela, devemos conversar com Ele, passar nossos dias com Ele. O método é esse. Aproximar-nos de Deus significa buscá-lO, e jamais permitir-nos paz ou descanso enquanto não soubermos que os nossos pecados estão perdoados, enquanto não conhecermos a Deus, enquanto não conhecermos o amor de Deus, enquanto não estivermos conscientes de que, quando oramos, Ele está pronto para ouvir.

O último ponto é, por certo, a obediência, porque se Lhe desobedecermos, romperemos o contato. O pecado sempre

significa rompimento da ligação, significa afastar-nos de Deus. Desta forma, as duas regras são: buscar a Deus e, então, obedecer-Lhe. E se cometermos pecado, rompendo assim o contato e a comunhão, poderemos restabelecê-la imediatamente confessando os nossos pecados, certos de que o "sangue de Jesus Cristo seu Filho" nos purifica de toda a injustiça.

Queira Deus que, ao encararmos o futuro, seja esta a nossa sincera resolução — "Quanto a mim, bom é estar junto a Deus". Oxalá O conheçamos e estejamos com Ele e passemos os nossos dias restantes aquecendo-nos à fulgurante luz do Seu rosto e fruindo abençoada comunhão com Ele.